

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

AGDA LIMA BRITO

MULHERES NO SERINGAL:
Experiência, Trabalho e Muitas Histórias
(1940-1950)

NITERÓI

2017

AGDA LIMA BRITO

MULHERES NO SERINGAL:
Experiência, Trabalho e Muitas Histórias
(1940-1950)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em História.

Orientador:

Prof. Dr. Noberto Osvaldo Ferreras

Niterói

2017

AGDA LIMA BRITO

MULHERES NO SERINGAL:
Experiência, Trabalho e Muitas Histórias
(1940-1950)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em História.

Aprovada 31 em março de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Noberto Osvaldo Ferreras – UFF

Orientador

Prof. Dr. Antônio Emilio Morga – UFAM

Arguidor

Profa. Dra. – Maria Verónica Secreto - UFF

Arguidor

Profa. Dra. - Adonia Antunes Prado - UFRJ

Suplente

Profa. Dra. - Elisa de Campos Borges - UFF

Suplente

Niterói

2017

B862 Brito, Agda Lima.

Mulheres no seringal: experiência, trabalho e muitas histórias
(1940-1950) / Agda Lima Brito. – 2017.

139 f. ; il.

Orientador: Norberto Osvaldo Ferreras.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal
Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento
de História, 2017.

Bibliografia: f. 120-139.

1. Trabalho. 2. Mulheres. 3. História Oral. I. Ferreras, Norberto
Osvaldo. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências
Humanas e Filosofia. III. Título.

A Dona Ana Xavier, seu Raimundo Nogueira e Dona Altina Lopes, trabalhadores(a) dos seringais, que tive o privilégio de compartilhar de suas histórias e que partiram para um lugar melhor.

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço a minha família, que tanto me incentivou a continuar esta pesquisa, que não deixa de ter um cunho pessoal, já que entre as mulheres entrevistadas, está inserida minha vó Altina Lopes, em grande parte foi responsável pelo meu desenvolvimento enquanto pessoa.

A minha mãe que sempre será meu porto seguro, ao meu pai, a meus muitos irmãos Paulinho, Pedrinho e Tavinho, a minha irmã Adriane, minha maior incentivadora, melhor amiga, meu amor, agradeço por toda ajuda que me deu no decorrer desse caminho. Ao meu cunhado Luis que com toda certeza é quase um irmão, o meu muito obrigada, devo a você está conseguindo terminar essa pesquisa no Estado do Rio de Janeiro.

Ao grupo de amigos República da Liberdade, Macário, Carol, Richard, Geisi, Vinícius devo a vocês os dias mais divertidos e de grande apoio e incentivo nessa reta final. A Jéssyka, por sua imensa dedicação a nossa amizade, que já dura alguns anos, te agradeço muito por sempre esta disponível nos piores e melhores momentos.

A Livia, Nathália, Paulo José por todos os momentos de descontração e apoio, quando a saudade da família apertava, sabia que era com vocês que eu podia contar. A Dona Regina que me abrigou na cidade de Niterói, me acolhendo em momentos difíceis na região.

Aos amigos da pós graduação Marconni que muito me orientou acerca das disciplinas, João certamente um amigo que ficara para a vida, Jéssica, Alessa, Paulo Brito, entre muitos outros que sempre estiveram disponíveis na hora em que precisei de ajuda.

A Martha Macbeth que trabalha no instituto Durango Duarte, que facilitou minha entrada na instituição para colher fontes. Ao Instituto Durango Duarte e ao senhor Durango Duarte, por permitir que acessasse seus arquivos históricos pessoais e por ter sido muito bem tratada na instituição.

Ao Governo do Estado do Amazonas, a Secretaria de Estado de Cultura e Gerencia de Acervos Digitais, por ter cedido às fontes digitalizadas para a realização da pesquisa.

Agradeço à Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), por ter me concedido a bolsa de estudos para que pudesse realizar meu deslocamento de

Manaus até Niterói e realizar a pesquisa sem maiores problemas, também por ter amplamente divulgado a pesquisa em jornais eletrônicos da cidade de Manaus.

Aos funcionários do Arquivo público do Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro e Departamento de Arquivo e Documentação, Fiocruz, pelo atendimento receptivo e preocupação em apresentar toda documentação sobre o período estudado.

A Universidade Federal Fluminense, onde tive a oportunidade de desenvolver essa pesquisa. A professora Dra. Juniele Rabêlo que tive o prazer de ser aluna na UFF e que muito me ajudou acerca da metodologia da história oral. Ao professor Dr. Humberto Machado por indicações de fontes a respeito do trabalho. A professora Dra. Rachel Soihet com quem cursei uma disciplina na UFF e que abriu minha perspectiva sobre os estudos de gênero. Ao professor Antonio Emilio Morga sempre presente, mesmo estando distante, me ajudou com seus apontamentos na banca de qualificação e sempre foi um grande incentivador para que esses estudos se consolidassem.

A professora Dra. Verônica Secreto por todos os apontamentos na banca de qualificação, seus conselhos ajudaram e muito o desenvolvimento da pesquisa. Ao meu orientador, faltam palavras para descrever como o professor Dr. Norberto Ferreras foi primordial para que conseguisse enxergar novas perspectivas dentro da pesquisa, além de todo incentivo e dedicação, ao senhor o meu muito obrigada.

Ao meu maior incentivador, Renato Alamino meu companheiro que por vezes conseguiu me acalmar nos momentos de maior pressão, foi muito mais que um parceiro, foi um verdadeiro amigo, a você agradeço e dedico meu amor.

SUMÁRIO

Lista de Tabelas.....	9
Gráfico.....	9
Lista de Imagens.....	10
Siglas.....	10
Glossário.....	11
Resumo	12
Considerações Iniciais.....	13
1. Capítulo – O Trabalho no Primeiro e Segundo Ciclo da Borracha.....	26
1.1. Os Trabalhadores.	30
1.2 Retomada da Produção de borracha para a Guerra.	37
1.3 O Trabalho nos Seringais.....	40
2. Capítulo – As políticas de recrutamento de mãos de obra para os seringais. ...	45
2.1. As Mulheres nos seringais.	49
2.2. O Transporte de trabalhadores e trabalhadoras.....	55
2.3. Homens e mulheres enviados para o trabalho.....	63
3. Capítulo – Mudanças no Cotidiano de Trabalho	75
3.1. Experiências de Trabalho.....	80
3.2. Cotidiano, Lazer e Resistência: outras formas de resistência.	98
3.2.1 Mulheres curandeiras, parteiras nos seringais	100
3.2.2 Os Encontros e Festas.....	109
3.2.3 A Alimentação.....	111
3.2.4 Muitas Histórias.....	115

Considerações Finais	118
Fontes.....	121
Referências Bibliográficas.....	124
Anexos.....	129

Tabelas:

Tabela 1 - Exportação de borracha da Amazônia, 1855-85 (toneladas).	27
Tabela 2 - Produção Mundial da Borracha.....	33
Tabela 3 – População residente no Estado do Amazonas em 1950.....	50
Tabela 4 – Divisão por gênero da população residente na zona rural amazonense – 1940/1950.....	51
Tabela 5 – Divisão da população por atividade econômica e sexo no Amazonas – 1940.....	52
Tabela 6 – Deslocamento Populacional para a Amazônia – 1941 – 1945.....	63
Tabela 7 – Quantidades de mudas distribuídas nos interiores do Amazonas entre 1936 – 1940.....	76
Tabela 8 – Quantidades de mudas distribuídas no Amazonas – 1944.....	76
Tabela 9 - Produção nos Estados do Acre, Amazonas e Pará de castanha-do-pará com casca no período de 1940–1950.....	77

Gráfico:

GRÁFICO 1 –Distribuição das categorias/representações frente a questão “ <i>Como as mulheres pariam no seringal?</i>	105
---	-----

Imagens:

- Imagem 1** - descrita por Cosme Ferreira como: Graciosa e confortável residência do administrador.....30
- Imagem 2** - descrita por Cosme Ferreira como: A choça humilde do seringueiro, padrão de miséria e desconforto.32
- Imagem 3** - Vista do “State of Delaware”, no Porto de Belém, com 643 imigrantes, que se destinam aos seringais. Fevereiro 1944.....59
- Imagem 4** - Outra Vista das acomodações Típicas dos imigrantes a Bordo. Fevereiro 1944.....60
- Imagem 5** - Jornal O Jornal, Domingo 10 de Fevereiro de 1946. Encontra –se digitalizado no Instituto Durango Duarte e Impresso na Biblioteca Pública do Amazonas.....82

Siglas:

SEMTA- Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia.

DNI- Departamento Nacional de Imigração.

SAVA - Superintendência do Abastecimento do Vale Amazônico.

CAETA- Comissão Administrativa de Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia.

SESP- Serviço Especial de Saúde Pública.

Glossário:

Batelão- Barca grande para carregar artilharia e carga pesada¹.

Freguês- Como eram chamados os seringueiros que consumiam nos barracões².

Látex- Líquido extraído da árvore seringueira das quais a “*hevea brasiliensis*” são as mais produtivas, esse líquido pastoso era transformado em pele de borracha, através da fumaça³.

Maniva- Pedaco de rama de mandioca⁴.

Mateiro- Segundo Arthur Reis o mateiro são trabalhadores que já conhecem a região e ficam responsáveis por abrir caminhos para a exploração, assim como reconhecem onde estão as árvores a serem exploradas⁵.

Paneiros- Cesto, normalmente feito de palha ou bambu usado para transporta produtos⁶.

Porunga- Vaso de couro para líquido⁷.

Regatão- São comerciantes, que vendiam suas mercadorias para os seringueiros em troca de mercadorias regionais, normalmente estavam em embarcações que encostavam a beira do rio⁸.

Tipiti - Cesto cilíndrico de palha em que se mete a mandioca para ser espremida⁹.

¹ Dicionário online de Português. Página consultada em 15 de fevereiro de 2017 - <https://www.dicio.com.br/batelao/>.

² BENCHIMOL, Samuel. Amazônia: um pouco – antes e além depois. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977.

³³ REIS, Arthur Cezar Ferreira. O seringal e o seringueiro. 2º Ed. ver. Manaus. Editora da Universidade do Amazonas- Governo do Estado do Amazonas, 1997. P 15-16.

⁴ Dicionário online de Português. Página consultada em 15 de fevereiro de 2017 - <https://www.dicio.com.br/maniva/>.

⁵ REIS, Arthur Cezar Ferreira. O seringal e o seringueiro. 2º Ed. ver. Manaus. Editora da Universidade do Amazonas- Governo do Estado do Amazonas, 1997. p 223.

⁶ Dicionário online de Português. Página consultada em 15 de fevereiro de 2017 - <https://www.dicio.com.br/paneiro/>.

⁷ Dicionário online de Português. Página consultada em 15 de fevereiro de 2017 - <https://www.dicio.com.br/porunga/>.

⁸ GRATH, David. Parceiros no Crime: regatão e a resistência cabocla na Amazônia tradicional. Novos Cadernos NAEA vol. 2, nº 2 - dezembro 1999. p 57.

⁹ Dicionário online de Português. Página consultada em 15 de fevereiro de 2017 - <https://www.dicio.com.br/tipiti/>.

Resumo

Buscamos através de fontes orais, periódicos e fontes oficiais, pesquisar a história de trabalho das mulheres que viveram nos seringais. Nossas protagonistas são as mulheres nascidas na região da Amazônia e/ou mulheres imigrantes, sobretudo nordestinas, em busca de delinear suas vivências em meio às matas Amazônicas. Para isso foi necessário reconstituirmos: o trajeto que esses imigrantes fizeram até as áreas que eram colhidas o látex; o meio de transporte, as regiões onde ficaram hospedadas e a política de recrutamento do governo Vargas. Para posteriormente ir caminhando em direção as áreas de seringais, que ficavam em meio mata, perceber como as mulheres através do trabalho como coleta de castanha, coleta de açaí, cultivo de gêneros alimentícios, defumação de borracha e pesca. Nessa variedade de atividades onde elas estavam inseridas, eram as responsáveis pela manutenção de suas famílias, além de com isso evitarem comprar produtos nos barracões dos patrões. Tratando de suas histórias de trabalho, abrimos um leque de outras discussões como a alimentação, às práticas de cura, o parto, as festas, enfim seu cotidiano de trabalho, lazer e resistência frente aos patrões, no período de 1940 até 1950.

Abstract

We search through oral sources, periodicals and official sources, research the work history of the women who lived in the rubber plantations. Our protagonists are the women born in the Amazon region and / or immigrant women, mainly Northeastern, in search of delineating their experiences among the Amazon forests. For this we had to reconstitute: the route that these immigrants made until the areas that were harvested the latex; The means of transportation, the regions where they were housed and the recruitment policy of the Vargas government. To later go walking towards the areas of rubber trees, which were in the middle of the forest, to perceive how women through work such as collecting chestnut, açaí collection, cultivation of foodstuffs, rubber smoking and fishing. In this variety of activities where they were inserted, they were responsible for the maintenance of their families, in addition to avoiding to buy products in the barracks of the bosses. In dealing with their work stories, we opened a range of other discussions such as food, healing practices, childbirth, parties, and finally their daily work, leisure and resistance to the bosses, from 1940 to 1950.

Considerações Iniciais:

É comum na história do Amazonas, encontrarmos pesquisas que se preocupam em elucidar temas sobre o ciclo da borracha, abordando diversas perspectivas, sob diversos olhares de pesquisadores diferenciados, que contribuíram para que esse período fosse um dos melhores compreendidos acerca da região amazônica, dentro da história do Brasil.

Os escritos de Euclides da Cunha¹⁰ que esteve na Amazônia por volta de 1904¹¹, viajando pelos interiores da região, onde documentou sua experiência, em artigos do *Jornal do Rio de Janeiro*, que mais tarde foram lançados em um livro “A Margem da História”. Euclides da Cunha acabou por documentar as relações de trabalho na vasta região do Norte, evidenciando a realidade dos seringueiros da região.

Cosme Ferreira Filho, diretor da Associação Comercial do Amazonas no século XX, publicou em 1938 “A Borracha Problema Brasileiro: Inquérito sobre a actual posição da borracha amazônica e proposição de medidas para sua valorização¹²”, nesse volumoso inquérito, apontou as possíveis dificuldades de exportação da borracha, de mão de obra, produção, apresentando documentos de consumo anual de borracha, artigos que eram produzidos com a borracha, além de imagens de moradia dos seringueiros e dos patrões.

Também devemos destacar Carlos Teixeira com sua obra “Servidão Humana na Selva: O Aviamento e o Barracão nos Seringais da Amazônia¹³”, apesar de ter sido lançada em 2009, o autor realizou a pesquisa na década de 1970¹⁴, suas observações demonstram uma importante análise do funcionamento dos barracões da Amazônia, delineando sua a estrutura e o poder que os “coronéis” exerciam sobre os trabalhadores dos seringais chamado pelo autor de “cativos”.

¹⁰ CUNHA, Euclides da. *À margem da história*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

¹¹ FILHO, Fadel David Antonio. *Riqueza e miséria do ciclo da borracha na Amazônia brasileira: um olhar geográfico por intermédio de Euclides da Cunha*. GODOY, PRT., org. *História do pensamento geográfico e epistemologia em Geografia*[online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 289 p. ISBN 978-85-7983-127-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. P. 202

¹² FILHO, Cosme Ferreira. *A borracha na economia Amazônica*. Manaus 1952./FILHO, Cosme Ferreira. *A borracha: problema brasileiro. Inquérito sobre a actual posição da borracha amazônica e proposição de medidas para sua valorização*. Manaus 1938. Biblioteca instrutiva do conselho técnico de economia e finanças do estado do Amazonas. n°II.

¹³ TEXEIRA, Carlos Correia. *Servidão Humana na Selva: O Aviamento e o Barracão nos Seringais da Amazônia*. Manaus, editora Valer/ Edua, 2009.

¹⁴ PEREIRA, Marcelo Souza. *Servidão Humana na Selva: o aviamento e o barracão no seringal da Amazônia* Somanlu, ano 12, n.01, jan./jun. 2012. P 237.

Barbara Weinstein, autora de “A Borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)”¹⁵ é considerada uma das pioneiras na pesquisa acerca dessa temática. A autora apresenta um panorama econômico da produção da borracha, apontando as áreas em que era cultivada, sua expansão pela região e as dificuldades da rede de aviamento, que iriam beneficiar principalmente o enriquecimento da elite da região. Apresentando dados importantes, a pesquisadora traça o desenvolvimento das áreas produtoras da Amazônia, nos dando dimensão da extensão da região, do aumento da população que teria crescido durante esse período de 1850 a 1872, entendido como consequência do aumento da exportação da borracha.

Samuel Benchimol¹⁶ preocupou-se em realizar entrevistas na década de 1940, nos possibilitando acessar a fala dos próprio imigrantes, e a forma como os mesmos enxergavam a região do Amazonas, a cidade de Manaus e o trabalho na Amazônia. A pesquisa do autor e as entrevistas estão publicadas no livro “Um Pouco - Antes e Além Depois” em que procura tratar da migração da população Nordestina para a Amazônia e de como os nordestinos se tornavam fundamentais para a ocupação da região. O livro tratasse de uma compilação de trabalhos realizados por Benchimol e veio a se tornar um documento para historiadores que desejam pesquisar sobre o tema, devido a variedades de fontes presentes nos textos, além das entrevistas dos imigrantes.

Celso Furtado em “A Formação Econômica do Brasil¹⁷”, trata da questão econômica da borracha para Amazônia, destacando a importância de sua produção naquele período devido sua procura pelos países industrializados, os períodos de ascensão da procura do látex, o problema de mão de obra na região, analisa a migração nordestina para os seringais enxergada pelo governo, como uma possível solução para a Amazônia sendo subsidiada.

Arthur Cezar Ferreira Reis publicou “O seringal e o seringueiro¹⁸” em que buscou delinear os problemas geográficos da Amazônia, ao decorrer do primeiro e segundo ciclo da borracha, descrevendo o seringal e sua expressão socioeconômica da Amazônia. O autor também apresenta os vários tipos de trabalhadores naquelas regiões, desde o patrão, até o mateiro, regatão, os seringueiros, a falta de organização na

¹⁵ WEINSTEIN, Barbara. A borracha na Amazônia: Expansão e Decadência (1850-1920). Editora Hutcitec, Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1993.

¹⁶ BENCHIMOL, Samuel. Amazônia: Um Pouco – Antes e Além Depois. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977.

¹⁷ FURTADO, Celso. Formação Econômica do Brasil. 24 cd. São Paulo, Editora Nacional, 1991.

¹⁸ REIS, Arthur Cezar Ferreira. O seringal e o seringueiro. 2º Ed. ver. Manaus. Editora da Universidade do Amazonas- Governo do Estado do Amazonas, 1997.

produção da borracha e as implicações de uma economia voltada em boa parte para borracha. É fato que a obra apresenta algumas visões conturbadas, tendo em vista que Reis ao mesmo tempo que demonstra a violência que os patrões exerciam sobre os seringueiros, tenta abrandar o comportamento do patrão usando como justificativa o ambiente da mata e tentando demonstrar que por vezes o patrão era humano também com aqueles que cooperavam. Ainda assim o trabalho realizado por Reis, que foi lançado em 1997 é carregado de informações pertinentes que nos permitem nos auxiliarmos na compreensão do funcionamento dos seringais, por isso mesmo não deve ser menosprezada.

Ainda temos pesquisas como “A Ilusão do Fausto¹⁹” de Edinea Mascarenhas Dias, pesquisando mais especificamente a cidade de Manaus, analisa o período de suas principais alterações estruturais, a urbanização, esse projeto de modernização da cidade que em muito beneficiava a elite e excluía parte da população, naquela nova política de modificação, neste período conhecido como o BOOM da Borracha, Manaus fica conhecida como a *Paris dos Trópicos*.

Todas essas pesquisas e muitas outras²⁰, nos fizeram repensar sobre questões mais profundas dentro dos seringais, que seriam justamente o trabalho feminino, que volta e meia apareciam aqui e ali em algumas imagens nos seringais, ou em alguns documentos (jornais, relatórios). A partir desses questionamentos, começamos a investigar como foi a inserção e participação dessas mulheres nos espaços de trabalho dos seringais dentro da região do Estado do Amazonas, naquele período da II Guerra Mundial.

O recorte temporal escolhido busca propriamente tentar trazer à tona a história dessas trabalhadoras, saindo do ambiente da cidade de Manaus, para dentro das matas, buscando entender como essas mulheres, que durante algum tempo ficaram invisibilizadas dentro das matas e na historiografia pertinente ao tema, se articulavam e traçavam estratégias de sobrevivência dentro das colocações, principalmente através da agricultura.

¹⁹ DIAS, Edinea Mascarenhas. *A ilusão do fausto: Manaus, 1890-1920*. Manaus: Valer, 1999

²⁰ Ver também NEGREIROS, Marcelus Antônio Motta Prado. *Trajetórias e memórias sobre a saúde dos Soldados da Borracha em Seringais do Acre*. Tese (Doutorado em Ciências). Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde. São Paulo, 2011/ LIMA, Frederico Alexandre de Oliveira. *Soldados da Borracha, das vivências do passado às lutas contemporâneas*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013./ SECRETO, Maria Verônica. *Soldados da Borracha*. Cap. A peça fundamental: o contrato no livro *Soldados da Borracha: Trabalhadores entre o Sertão e a Amazônia no Governo Vargas*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo. 2007.

Nos *Relatórios do comércio do Amazonas* da década de 1940, podemos destacar alguns indicativos de que o governo se preocupava em produzir borracha como também chamava a atenção para que fossem produzidos gêneros alimentícios. Através do andamento da pesquisa percebemos como a mulher estava bastante ligada ao trabalho agrícola, de roça, não que não esteja inserida em outras atividades, mas a atenção para a agricultura como uma possibilidade de sobrevivência e venda daquela produção, parece ser bem maior.

Dentro desse período, diferente do primeiro surto da borracha em meados do século XIX, o número de famílias que estavam migrando para os seringais era bem maior²¹. No primeiro Ciclo a maioria de migrantes se tratava de homens, já no período estudado muitas mulheres passaram a ir com seus maridos para a Amazônia, seja para trabalhar nos seringais ou na própria cidade de Manaus.

Ainda, através das entrevistas percebemos como muitas famílias iram permanecer sobre o mesmo sistema de trabalho, mesmo após a Segunda Guerra Mundial, trabalhando para os patrões dentro desse regime de exploração e posteriormente com o avançar da crise da borracha, à medida que o comércio fica insustentável e os patrões abandonam seus barracões, essas famílias que já estão acostumadas à vida na mata, encontraram nela meios de sobreviver. Não excluímos aqueles que se retiraram cansados da vida na mata, do trabalho pesado na agricultura e ainda aquelas que buscaram nas comunidades vizinhas ao redor do Amazonas, melhores condições de vida e estudo para seus filhos.

Começamos então a questionar sobre o número de trabalhos que tivessem como objeto de estudo as trabalhadoras mulheres na região amazônica. O ponto de partida dessa pesquisa tem como base a história de vida de minha avó Altina Lopes, que migrou do Ceará ainda muito jovem para trabalhar no barracão localizado no Pauini, partindo juntamente com sua família em uma embarcação onde se encontravam mais oito famílias, dispostas a ir trabalhar nos seringais do Amazonas.

A partir de muitas histórias que eram contadas por Dona Altina, se despertou o meu interesse pela presente pesquisa, percebendo que seria possível através da história oral, entender não só os trabalhos que eram realizados por essas mulheres, mas também seu cotidiano, dificuldades de viver e sobreviver nas matas Amazônicas.

²¹ WOORTMANN, Ellen F. . Família, Mulher e Meio Ambiente no Seringal. In: Ana Maria Niemayer; Emilia Pietrafeza Godoi. (Org.). Além dos Territórios: por uma troca entre a etnologia Indígena. Os estudos rurais e estudos urbanos. 1ed.São Paulo: Editora Mercado das Letras, 1998, v. 1.

É importante ressaltar que a história das mulheres, como uma temática própria da História, tem seu período de ebulição por volta de 1970, com o crescimento dos movimentos feministas, que contribuíram para o crescimento deste campo de estudos:

“Apoiada a explosão do feminismo e articulada ao crescimento da antropologia e da história das mentalidades, incorporando as contribuições e dos aportes das novas pesquisas sobre memória popular. Esse foi período chave dessa produção intelectual: as militantes dos movimentos feministas fazem a história das mulheres antes mesmo que as próprias historiadoras a façam²²”.

Nos anos 1980 já passa a contar com um número crescente de publicações, contribuindo consideravelmente com a discussão acerca da formação da temática história das mulheres e das relações de gênero, segundo Rachel Soihet e Maria Pedro essas pesquisas que englobam esse campo histórico buscam “formas mais eficientes de fornecer legitimidade ao que temos feito, ou seja, a constituição de um novo campo de estudos, intitulado “História das Mulheres e das Relações de Gênero²³”.

Soihet e Pedro demonstram como o campo histórico citado acima vem se consolidando, passando por modificações e enfrentamentos, ao passo que identificam o empenho de uma gama de pesquisadoras que realizaram suas contribuições na década de 1980 em diante, preocupadas em problematizar a discussão dentro das academias através de eventos, publicações em revistas, dentre outros meios utilizados que foram, no decorrer do tempo, modificando-se e agora inserindo outros estudos de gênero, fazendo emergir essas questões, até o tempo presente²⁴.

No Amazonas a História das relações de gênero conta com publicações recentes. O número de pesquisas acerca dessa temática está crescendo, sobretudo quando falamos de mulheres nos espaços da cidade Manaus²⁵, mas ainda contamos com um número

²² DAUPHIN, Célia, FARGE, Arlette, PERROT, M. A história das mulheres. Cultura e Poder das Mulheres: Ensaio de Historiografia. Tradução de Rachel Soihet. Rosana M. A. Soares e Suely Gomes Costa. Gênero. NUTEG- Núcleo Transdisciplinar dos Estudos de Gênero. 2º. Sem 2001- vol.2, n.1(2 sem 200), Niterói : EdUFF, 2000, p 8.

²³ SOIHET, Rachel e PEDRO, Joana Maria. “A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero”. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 27, nº 54, jul – dez. 2007, p 282.

²⁴ Alguns nomes citados pelas autoras no trabalho acima citado DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Quotidiano e poder. São Paulo: Brasiliense, 1984. RAGO, Luzia Margareth. Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985 LEITE, Miriam Moreira (Org.). A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX: antologia de textos de viajantes estrangeiros. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória, 1984, ainda contamos com trabalho da própria autora SOIHET, Rachel. Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920. Rio de Janeiro: Forense Universitária, dentre muito outras pesquisas.

²⁵ Ver UGARTE, Maria Luiza. (Org.) Gênero e imprensa na História do Amazonas. Manaus: EDUA, 2014. 210p. - GOMES, Bárbara Rebeka. A DIFÍCIL VIDA FÁCIL: O mundo da prostituição e suas representações na cidade de Manaus (1890-1925). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.

pequeno de contribuições que se preocupem em problematizar a mulher vivenciando experiências de vida no ambiente rural.

Uma das pioneiras nas pesquisas sobre relações de gênero na região Norte é Cristina Wolff²⁶ com seu trabalho voltado para as mulheres na região do Alto Juruá, buscando dar visibilidade as vivências e presença dessas mulheres nos seringais do Acre. Também são importantes os estudos de Maria Luiza Ugarte que em sua tese de doutorado analisa a presença das mulheres através dos periódicos do Amazonas. No mesmo já trazia discussões importantes não só sobre as mulheres no espaço da cidade, como também nos seringais que são em regiões mais afastadas, chamando atenção para questões como:

“Embora explícita nos seringais do interior amazônico, onde se via acobertada pela truculência do mandonismo local, a redução da mulher à condição de mercadoria interferia igualmente na condição feminina no interior das cidades. Com a expansão gumífera, Manaus adquiriu características de cidade cosmopolita, mas isso incluía também, embora pouco se falasse, a ampliação do meretrício para níveis alarmantes.”²⁷

Dito isso sabemos que nesse período, segundo Cristina Wolff boa parte das mulheres que eram enviadas como mercadorias para os seringais do Amazonas, vinham da cidade de Manaus, em meados do século XIX as regiões onde vão se encontrar os seringais tinham em sua maioria trabalhadores homens. Devido a isto a mulher era usada como mercadoria, uma vez que os seringueiros que adquirissem os serviços de uma meretriz contraíam uma dívida enorme junto aos barracões²⁸.

Os pesquisadores(a) Antonio Emilio Morga²⁹ e Mônica Lage nos apresenta uma visão interessante das mulheres nos seringais no século XIX. Trabalhando com cotidiano e afetividade evidenciam um universo plural de como viviam essas mulheres nesse período.

²⁶ WOLFF, Crcitina Scheibe. *Mulheres da Floresta:uma história: Alto Juruá, Acre (1890-1945)*. São Paulo: Hucitec, 1999.

²⁷ UGARTE, Maria Luiza. *Folhas do Norte: Letramento e periodismo no Amazonas(1880-1920)*. Tese de doutorado(doutorado em História- PUC) Pontifícia Universidade Católica- São Paulo. 2001. P 225.

²⁸ Idem, WOLFF, 1999.

²⁹ MORGA, Antonio Emilio e LAGE, Mônica Maria. *Mulheres nos Seringais do Amazonas: Sociabilidade e Cotidiano*. revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa, v. 6, n. 1, p. 91 - 104, jan. / jul. 2015. Ver também MORGA, Antonio Emilio e LAGE, Mônica Maria. *Sedução, Intriga e Entrega nos seringais do Amazonas: Francisca Ribeiro e Antonio Alves da Cunha*. Revista Mujeres. publicación digital el Centro de Estudios Históricos e Interdisciplinario, nº11.2015.

Pesquisando a região do Acre, Aldemira Ferreira³⁰ evidencia a experiência das trabalhadoras na década de 1980, também se utilizando de fontes orais. A autora ressalta o trabalho feminino das mulheres acreanas que aos poucos vão se envolvendo em trabalhos que eram considerados masculinos, principalmente no corte da seringa, trabalhando em longas estradas para colher seringa, vendiam a mercadoria por preços considerados baixos, a pesquisa denota as relações entre homens e mulheres se propondo a contar a história de mulheres no Acre no período citado.

Podemos então perceber como são ricos os trabalhos que tem dado importância às relações de gênero na região, no entanto creio que ainda há muito o que ser pesquisado, em se tratando de gênero uma categoria onde os estudos estão se tornando cada vez mais amplos, ainda mais quando pretendemos examinar a extensão da Amazônia e suas várias comunidades.

As mudanças nas escritas de história do trabalho na década de 1980, sobretudo com a influência de Thompson e seus estudos sobre o “fazer-se” da classe trabalhadora inglesa, Thompson aborda esses movimentos levando em consideração a experiência desses trabalhadores, o contexto em que estão inseridos e suas dificuldades. Assim como influenciou gerações a pensar a história do trabalho com outros olhos, também nos utilizamos desse aporte teórico para pensar os trabalhadores e trabalhadoras dentro dos seringais levando em consideração suas experiências e seu cotidiano.

A historiografia vem demonstrando interesse em pesquisar temas que tratem da categoria de trabalhadores que estavam à margem, valorizando sua cultura, suas práticas de luta, suas vivências no mundo trabalho.

Como Cláudio Batalha³¹ enfatiza que com esses avanços da história do trabalho de 1980 a 1990 ocorreu também um interesse em estudar outras regiões, além do eixo Rio/São Paulo, expandindo as pesquisas sobre história do trabalho para outras áreas. Neste caso os estudos sobre história do trabalho no Estado do Amazonas tem se expandido com autores como Maria Célia³², Luciano Everton³³, Patrícia Silva³⁴, entre outros³⁵ que vem contribuindo para o alargamento deste campo histórico.

³⁰ ALMEIDA, Aldemira Ferreira. Mulheres trabalhando em seringais (1960-1980). revista *Insurgência*, Brasília. ano 1. v.1, n.2, 2015.

³¹ BATALHA, Cláudio. Os desafios atuais da História do Trabalho. *Anos 90*. Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, janeiro/dezembro 2006

³² SANTIAGO, Maria Célia. Clandestinidade e Mobilização nas Linhas de Montagem: a construção da greve dos metalúrgicos de 1985, em Manaus. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2010.

³³ TELES, Luciano Everton Costa. A Vida Operária em Manaus: Imprensa e Mundos do Trabalho (1920). Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2008.

Com o avanço da história oral, a historiografia regional tem voltado cada vez mais os olhos para dentro das matas. Com este olhar, revela-se também a história das mulheres da região para as quais a mata desempenha um papel central nas suas vivências. Assim, este é um campo fértil a ser explorado, considerando, nomeadamente, a dimensão da região da Amazônia legal e das famílias que moram naquelas localidades.

Nosso foco então consiste em analisar fontes orais de mulheres e homens que viveram nos seringais, em diferentes regiões no Amazonas, ainda que ao longo da pesquisa façamos uso de outras fontes, entendemos que as fontes orais trazem um peso maior em se tratando de demonstrar como essas mulheres foram dentro deste período 1940-1950 reinventando novas formas de trabalho nas colocações nos seringais.

Portanto a pesquisa explora memórias e vivências das mulheres nos seringais³⁶. Para desenvolver a pesquisa recorreu-se a fontes orais recolhidas pelo método da entrevista; considera-se que a metodologia da história oral nos permite analisar, neste caso, a experiência das entrevistadas nos seringais, conforme indica Portelli:

“A primeira coisa que torna a história oral diferente, portanto, é aquela que nos conta menos sobre eventos e mais sobre significados. Isso não implica que a história oral não tenha validade factual. Entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre ares inexplorados da vida diária das classes não hegemônicas (...)”³⁷.

Através do trabalho no âmbito da memória explora-se, neste caso, a vivência, as memórias e as histórias das mulheres nos seringais, considerando-se que a memória envolve experiências, emoções e sensibilidades, este trabalho de compreensão da vida de pessoas de setores subalternos não poderia ser realizado caso não se recorresse à entrevista. Como aponta Portelli, “os excluídos, os marginalizados, os sem-poder sim, têm voz, mas não há ninguém que os escute”³⁸.

³⁴ SILVA, Patrícia Rodrigues. Disputando espaço, construindo sentidos: vivências, trabalho e embates na área da Manaus Moderna (Manaus/AM – 1967-2010). Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

³⁵ Recentemente foi criado o Gt mundos de trabalho do Amazonas, que vem contando com publicações referentes a diversos temas acerca de história do trabalho e vem buscando incentivar os estudos acerca de história do trabalho no Amazonas.

³⁶ unidade produtiva da borracha, locais onde se extraía o látex das árvores seringueiras.

³⁷ PORTELLI, Alessandro (I). O que faz a história oral diferente. in Projeto História – Cultura e Representação. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História. SP: Educ. Fevereiro/1997. P 30.

³⁸ PORTELLI, Alessandro. História Oral e Poder. Conferência no XXV Simpósio Nacional da ANPUH, Fortaleza, 2009. p.2.

Acredito que escutar e observar as experiências destas pessoas é algo que não poderia ter sido realizado recorrendo tão somente, por exemplo, a periódicos e documentos oficiais, para acessar o vivido dessas pessoas era necessário aproximar-se delas e as fontes orais se apresentam como ferramenta indispensáveis nessa direção.

Durante a pesquisa de campo que ocorreu na cidade de Manaus, procurei por mulheres que fossem da segunda ou da primeira geração descendentes de Nordestinos. Tendo em vista que durante a retomada do segundo ciclo da borracha no Amazonas, uma leva de migrantes nordestinos, em sua maioria cearenses, se dirigiu em direção a região para trabalhar. Posteriormente, com o fim da Segunda Guerra Mundial, a diminuição na produção da borracha e com a queda no valor desse produto, muitos nordestinos foram para a cidade de Manaus, em busca de oportunidades, estes por sua vez acabaram formando até alguns bairros naquela região³⁹.

Procuramos também por pessoas que nasceram nas regiões dos seringais, coleta esta que se fez bem difícil tendo em vista o recorte do trabalho, tanto que as pessoas entrevistadas já são senhoras e senhores em idade avançada.

Contando com fontes oficiais, optamos também por utilizar nessa pesquisa, entrevistas de mulheres e homens que trabalharam nos seringais da Amazônia e viveram naquelas localidades e achamos importante localizar geograficamente, nomeando os seringais em que trabalharam.

São elas: Ana Xavier Pinto entrevistada aos 94 anos, nascida no Seringal do Japurá, trabalhou na roça, com castanha, na pesca, fazendo farinha, na defumação da borracha.

Francisca Diogo de Jesus entrevistada aos 73 anos, nascida no seringal do Anori, de nome Auaçu, trabalhava com sua mãe na roça, na produção de farinha.

Francisca das Chagas Ribeiro, nascida no seringal Hamburgo, no Baixo Solimões, no momento da entrevista acreditava ter 84, pois só foi registrada depois de adulta na Igreja que ficava no seringal do Jutaí. Ela trabalhava entre esses dois seringais, em Hamburgo e Jutaí, na defumação e no corte da borracha, serviços de roça, produção de farinha.

Altina Lopes de Lima entrevistada aos 79 anos migrante cearense. Foi com sua família trabalhar no barracão, no seringal do Pauini. Trabalhava tratando da caça,

³⁹ Jornal do Comercio, edição de 24 de setembro de 2006. Encontra – se digitalizado no portal do Jornal do Comercio.

pesando borracha, descascando castanha para pesar e em serviços de costura para os seringueiros.

Raimundo Nogueira entrevistado aos 96 anos migrante cearense, se dirigiu a região alistado como soldado da borracha a trabalhar no seringal no Purus.

Consuelo Ladislau, entrevistada aos 85 anos nasceu e trabalhou com agricultura com sua mãe nordestina no Anori. Enquanto parte da família cortava seringa em regiões mais afastadas na região do Piorini mais próximo de Coari, posteriormente veio a se torna professora de uma comunidade no Anori.

Por fim resolvemos inserir uma entrevista de seu Antônio Guimarães entrevistado aos 76 anos, nascido no seringal de Bela Rosa, no Purus, pois a sua narrativa está muito ligada aos serviços que realizava com sua mãe Hermogênia Guimarães, tais como trabalho de roça, de produção de farinha.

Além dessas entrevistas, foram analisadas cerca de 57 entrevistas realizadas por Samuel Benchimol em 1942, entendendo que alguns entrevistados e entrevistadas, chegaram a ir para os seringais a trabalhar e retornaram para os barracões, devidos aos inúmeros problemas que enfrentaram, um dos principais seriam as doenças, não conseguindo atendimento no seringal, retornavam as hospedarias na cidade de Manaus em busca de tratamento narrando assim suas experiências naquelas regiões, conforme trataremos mais à frente.

Para além das fontes orais, achamos pertinente trabalhar com outras fontes que nos permitisse entender o funcionamento do comércio e produção como os Relatório da Diretoria da Associação Comercial do Amazonas, que se encontram no Arquivo da Biblioteca Nacional do Brasil, nestes relatórios foi possível consultar diversos dados de produção da borracha, de outros gêneros alimentícios e as dificuldades que os produtores costumavam reclamar nesses escritos, tais como preço de borracha e a presença dos regatões.

Outra fonte primordial para que o cotidiano dessas famílias, sobre tudo dessas mulheres fossem exploradas se tratou do *Relatório Administração SESP*, presente no Departamento de Arquivo e Documentação, Fiocruz, Rio de Janeiro, além desses relatórios, foram consultados outros documentos relacionados a SESP e aos serviços que podiam oferecer e pesquisas que realizavam na região, como por exemplo, no combate ao mosquito que transmitia febre amarela.

Os Contratos de acordo de serviço médico entre Sesp e a Caeta, também traziam dados importantes, dos serviços de recrutamento de mão de obra nordestina, assistência

medica, o trabalho nas hospedarias, os projetos de saneamento para a região do Amazonas, fontes que contém imagens da casa dos seringueiros, dos trabalhadores embarcados.

Através dessas fontes, conseguimos entender como se davam esses atendimentos, em que região a SESP conseguia chegar com seus guardas medicadores, como esses trabalhadores eram atendidos quando embarcavam para a Amazônia, ou seja uma série de informação que nos possibilitaram fazer uma leitura mais profunda do atendimento que era dado aos trabalhadores e trabalhadoras.

Para além disso, foi importante consultar os *Boletim de Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda do Amazonas* presentes no Arquivo da Biblioteca Nacional do Brasil, entendendo que a imprensa foi um importante veículo de período como meio para recrutar mão de obra para os seringais. Nesses boletins, foi possível entender como funcionavam as propagandas de atração para os seringais, tratando dos supostos benefícios que os trabalhadores que estariam se deslocando para os seringais teriam, neles também eram lançados o número de trabalhadores que estavam sendo enviados para os seringais, demonstrando a importância do envio dessa mão de obra, visando aumentar a exportação da borracha.

“*Nos Fundamentos de Uma Proposta de Revisão das Atuais Condições de Produção da Borracha na Amazônia, realizado pelos membros da comissão de controle dos acordos de Washington pelas associações comerciais do Amazonas e Pará e associação dos Seringalistas do Amazonas*”, de 1943, foi possível ter acesso aos contratos de trabalho, os benefícios que os trabalhadores teriam direito, o valor que deveriam receber, o direito a terra para poder plantar, enfim uma infinidade de documentos que foram publicados nesses relatórios do comércio do Amazonas, dando dimensão da irregularidades que viriam a ser cometidas, como trataremos mais à frente.

Alguns periódicos que traziam informação sobre os Nordestinos que estavam se direcionando para a Amazônia, também foram utilizados, neste caso eram importantes não só as propagandas que eram divulgadas pelo governo Vargas em sua política de atração de mão de obra, mais também dados de famílias que morreram nas embarcações por falta de atendimento e o quantitativo de famílias que estavam chegando à cidade de Manaus, para ficar nas hospedarias e posteriormente ir para os seringais.

Esta dissertação se apresenta em três capítulos, tendo em vista que nas considerações finais, apresentamos que as mulheres iram continuar trabalhando dentro das matas mesmo após o pós-guerra. No primeiro capítulo buscamos delinear o contexto

do ciclo da borracha, levando em consideração que estamos falando de trabalhadoras. Julgamos importante apontar as diferenças do primeiro surto da borracha 1870-1912 e do segundo ciclo 1940-1945, sendo o segundo recorte o período em que mais concentramos a pesquisa. Entendo que no primeiro surto as relações de trabalho eram diferentes, e que durante a Segunda Guerra o número de famílias que se deslocam para trabalhar nos seringais são maiores do que no primeiro. Somado a isto, o contexto histórico é bem diferente em ambos, salvo as relações de trabalho entre seringueiros e seringalistas, que seguiu o sistema de barracão em muitas regiões, um sistema de trabalho análogo à escravidão.

No segundo capítulo, nos propomos a discutir sobre as políticas de Recrutamento de mão de Obra para os seringais, quando o governo preocupado em atender os acordos de Washington começam a realizar a organização do serviço de recrutamento de mão obra para os seringais, e para isso foi criada a SEMTA em 1942 responsável por encaminhar trabalhadores para a Amazônia, a SAVA recebia esses trabalhadores em Belém e ficava responsáveis pelos mesmos, posteriormente a SEMTA iria a ser substituída pela CAETA criada em 1943.

As organizações responsáveis pelo recrutamento e envio desses trabalhadores, preocupadas em conduzir o maior número possível de imigrantes, por vezes lançam as famílias em barcos ou caminhões com capacidade limitada, alguns trabalhadores acabaram por morrer nas embarcações, sem assistência médica, em condições precárias. Com tudo isso, após chegarem às hospedarias, essas famílias se queixavam de esperar dias no local. Muitos trabalhadores e trabalhadoras relatam sua insatisfação com transportes superlotados e o tempo elevado nas hospedarias, em alguns casos até embarcações. Temos um panorama através do censo de como o número de mulheres trabalhando na região iria crescer, em atividades de agricultura e nas regiões do Amazonas e por fim o trabalho dessas mulheres como estratégia para melhoria de vida nessas localidades e como as imigrantes vão aprendendo a viver nos seringais.

No terceiro capítulo, analisamos as mudanças no Cotidiano de trabalho, para podermos entender, através da análise das fontes orais, o trabalho realizado por essas mulheres dentro das matas, como a presença feminina traz benefícios para essas famílias e outras formas de sobreviver, evitando consumir nos barracões. Procuramos analisar o cotidiano dessas trabalhadoras, das relações de gênero no trabalho realizado por mulheres e como mulheres migrantes e nascidas na região do Amazonas, vão retratando suas experiências dentro da mata, a alimentação diferenciada, a agricultura

muito presente em seus relatos, a fabricação da farinha, a coleta de frutas, defumação da borracha, as práticas de cura, o parto, a resistência às imposições dos patrões, a organização das festas como forma de lazer, enfim um leque de histórias de mulheres que viveram nos seringais do Amazonas.

CAPITULO I

O Trabalho no Primeiro e Segundo Ciclo da Borracha

A Amazônia no início do século XIX tinha uma relação muito mais ligada com a Europa, realizando pequenas exportações de produtos para o mercado europeu, conforme apontam os autores Francisco Smith e Rodrigo Garvão:

“Quando se falava de economia regional, limitava-se ao plantio de cacau, açúcar, algodão, tabaco, arroz e café, com uma pequena exportação para países da Europa, como França e Holanda caracterizando-se como uma economia puramente extrativista. Com o tempo a Amazônia se tornou região de relativa atração para imigrantes nacionais e estrangeiros.⁴⁰”

Para os autores foi em meados do século XIX que a Amazônia e seus recursos naturais se tornaram atrativas para a exploração, sobretudo com a descoberta da borracha, um produto que tinha como maiores interessados o mercado Externo. Cidades como Belém e Manaus se viram diante de uma transformação urbana. A Amazônia sofreria mudanças estruturais e econômicas, conforme ilustra Maria Luiza:

“Beneficiada pela presença abundante e quase exclusiva da Hevea Brasilienses(a seringueira), a Amazônia passou, então a ser palco de uma corrida internacional pela aquisição do “ouro negro”, como então se chamava o produto. Em poucos anos, diversas firmas internacionais estabeleceram-se na região, domando e agenciando a expansão do extrativismo por meio de empréstimos e adiantamentos não só de capital (em menor escala), mas, sobretudo, de gêneros alimentícios (arroz, feijão, farinha, etc.) e implementos (terçados, lampiões, botas, espingardas, etc.) necessários para a montagem e funcionamento da estrutura produtiva dos seringais.⁴¹”

No entanto se deparavam com um problema de mão obra para trabalhar naquelas localidades, com a demanda de borracha crescente novas regiões do Amazonas passariam a ser exploradas. De acordo com Bárbara Weinstein:

“Enquanto durante os primeiros anos, apenas uns poucos municípios paraenses (Breves, Anajás, Melgaço e Gurupá) haviam respondido pela maior parte da borracha produzida, na década de 1870 a extração da borracha havia se espalhado para o oeste, no baixo Xingu e no baixo Tapajós,

⁴⁰JÚNIOR, Francisco Pereira e GARVÃO, Rodrigo Fraga. Economia e política na Amazônia brasileira (séculos XIX e XX).Revista Estudos Amazônicos • vol. IX, nº 1 (2013). P158.

⁴¹ UGARTE, Maria Luiza.Nos Meandros da Cidade: Cotidiano e Trabalho na Manaus da Borracha, 1880-1920 .ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005.p 2

no Pará, e, de maneira ainda mais impressionante, no Amazonas, nas zonas ricas em seringueiras dos rios Solimões, Madeira, Amazonas, Prurus e Juruá⁴²”.

Percebemos como as áreas exploradas iriam se expandir pelos territórios Amazônicos, a fim de obter uma maior extração de látex para a exportação.

Cosme Ferreira Filho que foi diretor da *Associação do Comercio do Amazonas*, elaborou uma importante análise publicada em 1952 sobre a “*A Borracha na Economia Amazônica*”, evidenciando as modificações que as mudanças nas exportações vinham acarretando para a região, destacamos alguns trechos desse relatório, para dar conta dessas mudanças:

“Há, por conseguinte, dois períodos distintos, no processo histórico de ocupação da Planície. Deve – se ao primeiro, salvo exceções pouco expressivas, quando a borracha ainda não constituía fator definido no computo de nossa produção comerciável, a criação e o lerd desenvolvimento daquelas vilas ribeirinhas. Ao segundo, que é o ciclo fastigiosos da goma elástica, as cidades de Belém e Manaus, como dois notáveis marcos de civilização da Planície, esta mais do que a primeira, porque fruto, quase exclusivo, dos espetaculares rendimentos públicos e privados, auferidos com a exploração e a exportação e a exportação da borracha.⁴³”

Cosme Ferreira Filho segue ainda exaltando o “rush” da borracha na segunda metade do século XIX e a importância para o desenvolvimento “social e material”, se referindo à região como um todo, mais dando destaque a cidades como Belém e Manaus⁴⁴.

Importante perceber como em meados do século XIX a região da Amazônia sofreu importantes mudanças, em virtude da importância que a extração do látex teria no Brasil. Para melhor ilustrar esse período achamos pertinente apresentar o quadro de exportação presente no livro de Bárbara Weinstein acerca da exportação durante o sec. XIX, para alguns autores colocado como o primeiro “boom da borracha”:

⁴² WEINSTEIN, Barbara. *A borracha na Amazônia: Expansão e Decadência(1850-1920)*. Editora Hutcitec, Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1993.p 71

⁴³ *A borracha na economia Amazônica*. Cosme Ferreira Filho. Manaus 1952. Presente em livro de compilação de relatórios acerca da extração da borracha.p 3.

⁴⁴ *A borracha na economia Amazônica*. Cosme Ferreira Filho. Manaus 1952. Presente em livro de compilação de relatórios acerca da extração da borracha.p 3.

Tabela 1 - Exportação de borracha da Amazônia, 1855-85 (toneladas)

Ano	Exportação	Ano	Exportação	Ano	Exportação
1855	2.197	1866	5.434	1876	7.909
1856	1.906	1867	5.827	1877	9.215
1857	1.809	1867	5.827	1878	9.229
1858	2.242	1869	5.876	1879	10.136
1859	2.674	1870	5.602	1880	9.808
1860	2.672	1871	6.756	1881	9.808
1861	2.515	1872	8.218	1882	10.493
1862	3.555	1873	8.291	1883	11.000
1864	3.466	1875	7.730	1885	12.322
1865	3.546				

Fonte: Le Cointe, vol, 2, p.432-4

Neste quadro de exportação que segue de 1855 até 1885 percebemos que a partir de 1870, o ano de maior exportação de borracha, os números apresentados demonstram uma sequência de crescimento maior que nos anos anteriores. Acreditamos que esse avanço se deu devido ao rápido crescimento das indústrias que utilizavam como matéria prima o látex e seu uso em diversos produtos tornando-se um dos principais produtos de interesse Europeu e dos Estados Unidos, conforme e aponta Arthur Cezar Ferreira Reis:

“Seu emprego era obrigatório para centenas de objetos, de uso diário, de uso doméstico, de uso industrial, de uso comercial, de uso nos hospitais, nos laboratórios, nos institutos de pesquisa, nos centros de fabricação de material de guerra, nos estaleiros de construção naval, nas usinas de onde os mil artefatos que asseguravam segurança, tranquilidade, maior soma de comodidade, condições existenciais mais dignas e estáveis.⁴⁵”

Percebemos então a importância da borracha para a economia da Amazônia e dos crescentes artigos que precisam de látex para ser fabricados.

Todavia, existiam outros problemas para a extração do látex já neste período. Trata-se justamente da mão de obra, agora com a expansão das áreas exploradas e

⁴⁵ REIS, Arthur Cezar Ferreira. O seringal e o seringueiro. 2º Ed. ver. Manaus. Editora da Universidade do Amazonas- Governo do Estado do Amazonas, 1997,p 104.

crescente demanda de exportação, seria necessário aumentar o número de pessoas trabalhando naquelas localidades.

Cosme Ferreira Filho já chamava a atenção para a imigração nordestinas nessas áreas de produção de borracha:

“Atuando com imprevista celeridade no organismo impúbere da região, em breve e à medida que se alargava o território de sua aplicação, fazia a borracha com que a Amazônia polarizasse as tensões do mundo, para aqui atraindo gentes de todas as raças e crenças, antecedidas, nessa corrida em busca do ouro negro, pelas populações brasileiras do nordeste, fugindo á inclemência das secas.”⁴⁶”

Celso Furtado nos remete a uma importante análise acerca da mão de obra para a região amazônica, admite que se tratam de dados inconclusivos e precários, analisando somente os embarques em alguns portos nordestinos e se utilizando dos censos de 1872 e 1900, chega à conclusão de que a população que se dirigiu para a Amazônia não seria menos de meio milhão durante o período destacado, sendo a maioria de Nordestinos⁴⁷.

Em algumas regiões do Nordeste atravessaram um período de seca de 1877 que se estendia até 1879, milhares de famílias viram suas produções ruírem, rebanhos morrerem e pessoas falecerem.

Com isso o governo amazônico buscou promover a migração dessas populações para os territórios onde era colhido o látex, enviando recursos para os gastos nos transportes desses trabalhadores⁴⁸.

Nesse período de estiagem no Nordeste, a ascensão da economia da borracha se tornou um polo atrativo para a população nordestina que advinha dessa região. Incentivadas pelo governo iniciou-se uma corrente migratória para o Norte do país⁴⁹.

Na década de 1900 Medeiros⁵⁰ ressalta que o governo oferecia passagem para que os nordestinos migrassem para trabalhar na região em alguns casos era usada a força quando alguns deles se recusavam a viajar para fazer o serviço.

Maria das Graças⁵¹ enfatiza como alguns donos de seringais saíam do Amazonas para o Nordeste do país, em busca de pessoas interessadas em trabalhar em seus

⁴⁶ FILHO, Cosme Ferreira. A borracha na economia Amazônica. Manaus 1952. Presente em livro de compilação de relatórios acerca da extração da borracha.p 3.

⁴⁷ FURTADO, Celso. Formação Econômica do Brasil. 24 cd. São Paulo, Editora Nacional, 1991. p 133.

⁴⁸ FURTADO, Celso. Formação Econômica do Brasil. 24 cd. São Paulo, Editora Nacional, 1991.p 135.

⁴⁹ NASCIMENTO, Maria das Graças. Migrações Nordestinas Para a Amazônia. Revista de educação, cultura e meio ambiente. Dez, nº12, vol. II,1998.p 3.

⁵⁰ MEDEIROS FILHO, João; SOUZA, Itamar. Os Degredados Filhos da Seca. Petrópolis, Vozes, 1984.

seringais, ao chegarem eram rapidamente enviadas para os locais de trabalho. Acredita-se que por volta de 1910, tenha ocorrido um crescimento de 40% na produção de borracha, fruto do aumento de mão de obra na região.

1.1 Os Trabalhadores

Evidente que no primeiro surto da borracha, tribos indígenas já se destacavam pelo manuseio com a borracha, na criação de pequenos artigos utilizados em seu cotidiano⁵². Parte da mão de obra também era indígena, Carlos Teixeira nos afirma que:

“Esse sistema tem no controle do crédito a própria chave de dominação dos povos indígenas e não indígenas, pois os imobilizava na relação de trabalho nos seringais da Amazônia. Legalmente, cada extrator de goma elástica era considerado livre, no entanto, a construção de uma dívida que dificilmente seria paga impossibilitava o seringueiro de, na prática, se livrar do seu patrão imediato⁵³”.

Carlos Teixeira ao se referir à construção de uma dívida que dificilmente seria paga, aborda uma questão que já nos leva a analisar as relações de trabalhos que ocorriam dentro dos seringais, onde a figura do patrão buscava obter o controle sobre aquela população através do sistema de dívidas.

Levando em consideração que tudo aquilo que era consumido dentro dos barracões era cobrado ao trabalhador e os donos desses barracões eram os patrões, que por vezes se utilizavam de violência na cobrança das dívidas.

⁵¹ NASCIMENTO, Maria das Graças. Migrações Nordestinas Para a Amazônia. Revista de educação, cultura e meio ambiente. Dez, nº12, vol. II, 1998.

⁵² REIS, Arthur Cezar Ferreira. O seringal e o seringueiro. 2ª Ed. ver. Manaus. Editora da Universidade do Amazonas- Governo do Estado do Amazonas, 1997.p. 80

⁵³ TEIXEIRA, Carlos Correa. O Aviamento e o Barracão na Sociedade do Seringal (estudo sobre a produção extrativa de borracha na Amazônia). São Paulo: 1980. Dissertação de Mestrado.p 43.

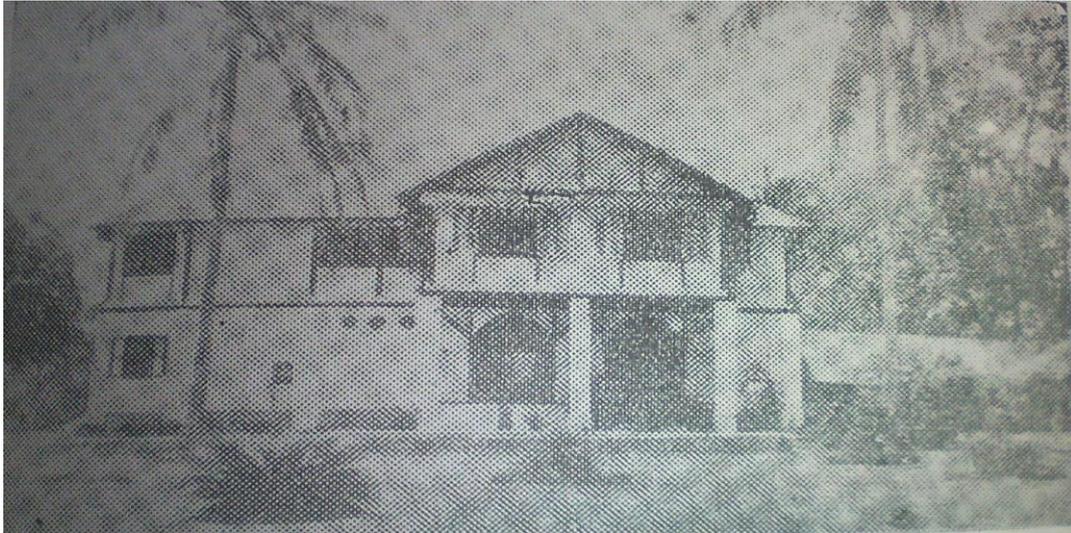


Imagem descrita por Cosme Ferreira como: Graciosa e confortável residência do administrador⁵⁴.

Euclides da Cunha ao escrever sobre os seringueiros da Amazônia ressalta dados importantes, como as condições em que viviam os trabalhadores naquelas localidades. O escritor destaca que:

“É que, realmente, nas paragens exuberantes das heveas e castilloas, o aguarda a mais criminosa organização do trabalho que ainda engenhou o mais desaçamado egoísmo.

De feito, o seringueiro, e não designamos o patrão opulento, senão o freguês jungido à gleba das “estradas”, o seringueiro realiza uma tremenda anomalia: é o homem que trabalha para escravizar-se.⁵⁵”

Os escritos de Euclides lançados em 1909, quando o autor ficou responsável por explorar parte da Amazônia, nos remetem ao universo de trabalho de exploração e uma organização que não trará benefícios ao trabalhador, dessa maneira podemos compreender como no primeiro ciclo o trabalhador já chegava endividado até os locais de trabalho:

“No próprio dia em que parte do Ceará, o seringueiro principia a dever: deve a passagem de proa até ao Pará (35\$000), e o dinheiro que recebeu para preparar-se (150\$000). Depois vem a importância do transporte, num gaiola qualquer, de Belém ao barracão longínquo a que se destina, e que é, na média, de 150\$000. Aditem-se cerca de

⁵⁴ Imagem presente em FILHO, Cosme Ferreira. A borracha: problema brasileiro. Inquérito sobre a actual posição da borracha Amazônica e proposição de medidas para sua valorização. Manaus 1938. Biblioteca instrutiva do conselho técnico de economia e finanças do estado do Amazonas. nºII.

⁵⁵ CUNHA, Euclides. À margem da história. São Paulo: Martin Claret, 2006.p 8.

800\$000 para os seguintes utensílios invariáveis: um boião de furo, uma bacia, mil tigelinhas, uma machadinha de ferro, um machado, um terçado, um rifle(carabina Winchester) e duzentas balas, dois pratos, duas colheres, duas xícaras, duas panelas, uma cafeteira, dois carretéis de linha e um agulheiro. Nada mais. Aí temos o nosso homem no barracão senhorial, antes de seguir para a barraca, no centro, que o patrão lhe designará. Ainda é um brabo, isto é, ainda não aprendeu o corte da madeira e já deve 1:135\$000. Segue para o posto solitário encalçado de um comboio levando-lhe a bagagem e víveres, rigorosamente marcados, que lhe bastem para três meses: 3 paneiros de farinha d'água, 1 saco de feijão, outro, pequeno, de sal, 20 quilos de arroz, 30 de charque, 21 de café, 30 de açúcar, 6 latas de banha, 8 libras de fumo e 20 gramas de quinino. Tudo isto lhe custa cerca de 750\$000. Ainda não deu um talho de machadinha, ainda é o brabo canhestro, de quem chasqueia o manso experimentado, e já tem o compromisso sério de 2:090\$000.⁵⁶

O sistema de trabalho que era utilizado nos seringais beneficiaria diretamente os patrões, conforme o autor coloca, nem mesmo o brabo⁵⁷ tinha tempo de conhecer ou aprender o trabalho que iria realizar, mas já teria uma dívida grande, além de todos os utensílios terem sido cobrados para a realização do trabalho, a comida básica para sua alimentação também era cobrada e ainda temos a questão das moradias miseráveis em meio a mata. Ou seja, dentro de uma realidade de trabalho nada vantajosa para o trabalhador, amarrado a dívida e controle dos patrões.

⁵⁶ CUNHA, Euclides da. À margem da história. São Paulo: Martin Claret, 2006. p 8.

⁵⁷ Brabo: Análise feita por Benchimol ao ressaltar o seringueiro brabo, que não estava acostumado com a terra, aos poucos ia se amansando e se acostumando ao trabalho na seringa. Em O Cearense na Amazônia: Um inquérito Antropogeográfico, 1970.

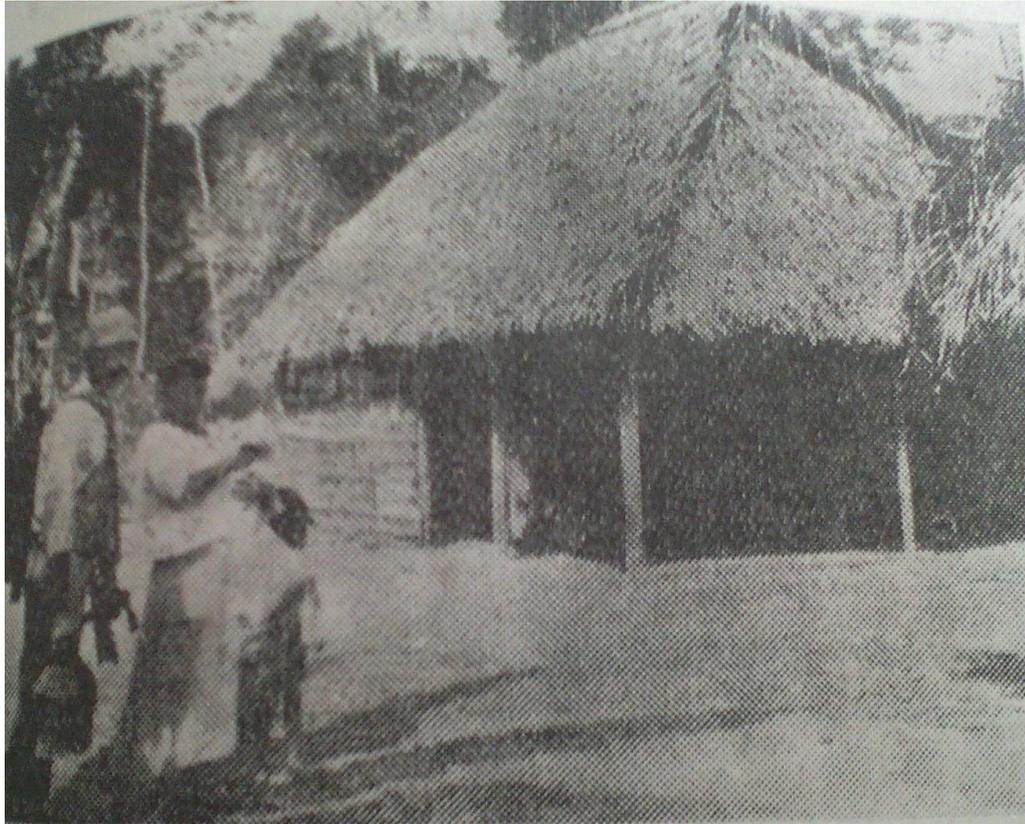


Imagem descrita por Cosme Ferreira como: A choça humilde do seringueiro, padrão de miséria e desconforto⁵⁸.

Arthur Reis aborda a situação de trabalho desigual ao estudar o primeiro e segundo ciclo da borracha. Salienta a relação violenta entre trabalhadores e patrões, em um capítulo onde o autor analisa o comportamento do “senhorio” este nos mostra o tipo de tratamento a que essa população estaria vulnerável.

“Quando os fregueses ousam fazer-lhe exigências, pretendem abandonar o trabalho, cometem faltas, empregam processos condenados na extração do látex, os meios de punição ou de correção que aplica são realmente violentos. Tortura-os, prendendo-os nos troncos, como se fossem negros da época da escravidão. Se entende que sofreu uma desfeita que lhe macula a dignidade, pondo em jogo a própria honorabilidade, não treme na ordem para eliminar o ofensor. Age, assim, sem freios. Sua vontade é a lei.⁵⁹”

⁵⁸ Imagem presente em FILHO, Cosme Ferreira. A borracha: problema brasileiro. Inquérito sobre a actual posição da borracha amazônica e proposição de medidas para sua valorização. Manaus 1938. Biblioteca instrutiva do conselho técnico de economia e finanças do estado do Amazonas. nºII.

⁵⁹ REIS, Arthur Cezar Ferreira. O seringal e o seringueiro. 2º Ed. ver. Manaus. Editora da Universidade do Amazonas- Governo do Estado do Amazonas, 1997.

Ou seja, a vontade dos donos de seringais que irá prevalecer naquele momento e de todas as formas de manter os seringueiros presos àquele tipo de produção, seria utilizada inclusive a força. Esse tipo de comportamento foi uma das causas pela qual muitos trabalhadores se retiraram daquelas regiões onde eram extraído látex.

No ano de 1912, a produção amazônica de borracha atingiu altos níveis de rendimento, contudo, em paralelo começa a crescer a concorrência advinda da produção asiática, que acabou ganhando o interesse do mercado mundial, além disso a borracha produzida fora tinha uma qualidade maior que a da Amazônia.

Tabela 2 - Produção Mundial da Borracha

Produção Mundial da Borracha		
Ano	Ano	Ano
1910	1910	1910
1911	1911	1911
1912	1912	1912
1913	1913	1913
1914	1914	1914
1915	1915	1915

Fonte:Superintendência da Borracha e Anuário Estatístico, Ano 4,n8, 1970

Analisando esse quadro, Teixeira evidencia como a produção asiática crescia de modo mais rápido que a brasileira, uma das causas da crise da borracha, o autor ainda dá destaque à questão da crise da borracha que se torna mais grave por estar diretamente atrelada à exportação, ao mercado externo:

“Diversas razões devem ter contribuído para isso, dentre as quais deve ser considerado o tamanho continental da Amazônia, a difícil fixação do homem a terra por causa das condições geográficas e sanitárias, além do caráter mais ou menos itinerante da economia gumífera. Sobressai ainda o fato de ser a borracha uma atividade econômica de certo modo desenraizada, portando separada dos interesses mais imediatos da população regional.⁶⁰”

⁶⁰ TEXEIRA,Carlos Correia.Servidão Humana na Selva: O Aviamento e o Barracão nos Seringais da Amazônia.Manaus, editora Valer/ Edua, 2009.p 45

Para, além disso, ocorria que por vezes a borracha Amazônica era impura, pois muitos seringueiros a mando dos próprios patrões inseriam sujeira dentro das peles de borracha para que assim tivessem maior lucro na hora de pesar para a venda. Em alguns casos o próprio seringueiro inseria sujeira na borracha a fim de obter um saldo maior quando trocava com o patrão, esse tipo de conduta também teria contribuído para a crise da borracha⁶¹.

Sem maiores condições de competir com a produção asiática, por esta ser mais barata e crescer de forma mais ordenada que da região Amazônica, por volta de 1913 até o momento do pico em 1933, principalmente devido à rápida retirada dos investimentos internacionais, a economia da região entra em declínio gradativamente. Alguns produtos da região ainda chegam a ser comercializados, todavia a intensidade já não é a mesma. Como aponta Godoy:

“A surpresa inicial do impacto econômico, motivada pela concorrência e pelos preços, evidentemente manipulados pelo International Rubber Regulation Committee, deu lugar às falências das casas aviadoras e em sequência ao abandono de seringais e ao desemprego. O pessimismo e o declínio da vida social nas camadas burguesas de Belém e Manaus, no período após 1913, se estenderiam após 1940⁶²”.

Dessa maneira, entre o período de 1900 a 1940, as cidades de Manaus e Belém, propagandeadas como baluartes do progresso e modernidade devido aos investimentos do capital advindos do látex, estavam permeadas de uma leva de trabalhadores embrenhados pelos interiores da região, vivendo em estágio de miséria e carestia. Muito disso, fruto de um controle por partes dos donos de seringais. Esses trabalhadores eram em quase maioria, migrantes nordestinos, sobretudo cearenses, que explorados nas colocações⁶³ viviam sem maiores políticas de assistência.

As cidades que muito lucraram com o primeiro ciclo, passaram por uma situação difícil com a chegada da crise e falta de planejamento político, a produção cai de forma rápida e devastadora na Amazônia, que durante alguns anos, ainda tenta se apoiar na extração da borracha e de gêneros agrícolas.

⁶¹ LIMA, Frederico Alexandre de Oliveira. *Soldados da Borracha, das vivências do passado às lutas contemporâneas*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013. p 32.

⁶² Riqueza e Miséria do Ciclo da Borracha na Amazônia Brasileira: Um Olhar Geográfico por Intermédio de Euclides da Cunha. In: Paulo R. Teixeira de Godoy. (Org.). *História do Pensamento Geográfico e Epistemologia em Geografia*. 01ed.São Paulo (SP): Cultura Acadêmica/Editora Unesp, 2010, v. 01, p. 201

⁶³ Colocações eram as moradias dos seringueiros, em geral feitas de madeira e cobertas de palha.

Ainda que nesta pesquisa o destaque se dê para a Amazônia brasileira, é importante ressaltar indicações como as de Verônica Secreto ressaltando que não só o Brasil perdeu com a crise, mas muitos países da América que fazem parte da Amazônia, também foram diretamente afetados com declínio da produção da borracha, notando que existia um sistema similar de trabalho nestas regiões durante esse período e uma elite que também teria se beneficiado da extração⁶⁴.

A falta de uma administração adequada nos anos que se seguiam no século XX, agravava ainda mais a situação da economia amazônica, sem uma política sólida de sustentação do produto, tentaram ainda manter os seringais por outros meios como a agricultura e a extração da castanha, mas sem grande sucesso. Em paralelo o cultivo no Oriente crescia de forma intensiva e cobravam preços mais baratos do que a borracha produzida na região amazônica⁶⁵.

Para Nilda Nazaré ainda ocorreu uma tentativa de recuperar a produção da borracha na Amazônia, através da criação da Companhia Ford Industrial do Brasil, criada em 1922:

“No início dos anos de 1920 o mercado mundial de borracha já era monopolizado por ingleses e holandeses que plantavam no sudeste asiático e formavam um verdadeiro cartel. A implementação do Plano Stevenson pelos ingleses, em 1922, elevou o preço da borracha através de um mecanismo de controle de estoques. Isto fez o cartel da indústria automobilística norte-americana partir para a contra-ofensiva. No caso da Cia. Ford esta reação veio ao encontro dos planos de Henry Ford de promover uma integração vertical, com o controle de todos os insumos necessários para sua indústria automobilística.⁶⁶”

Henry Ford responsável pela criação da Fordlândia na Amazônia, que ficava situada no Vale do Tapajós, em uma comunidade denominada Boa Vista. Fordlândia foi construída de forma acelerada, era então planejada para ser a primeira cidade empresa na Amazônia:

“Paralelamente à construção da cidade, tiveram início os trabalhos de derrubada da mata para o plantio do seringal. No final de 1929, tinham completado a limpeza e o plantio de 400 hectares, bem aquém do que

⁶⁴ SECRETO, Maria Verônica. Soldados da Borracha: Trabalhadores entre o Sertão e a Amazônia no Governo Vargas. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo. 2007. Soldados da Borracha. Cap. A peça fundamental: o contrato. p 66.

⁶⁵ REIS, Arthur Cezar Ferreira. O seringal e o seringueiro. 2º Ed. ver. Manaus. Editora da Universidade do Amazonas- Governo do Estado do Amazonas, 1997. p 131.

⁶⁶ OLIVEIRA, Nilda Nazaré Pereira. A Borracha da Amazônia, os Acordos de Washington e a Política Externa brasileira. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22., 2003, João Pessoa. Anais do XXII Simpósio Nacional de História: História, acontecimento e narrativa. João Pessoa: ANPUH, 2003. p 1.

tinha sido planejado pelos administradores da Companhia Ford Industrial do Brasil – CFIB, sociedade anônima criada em 1927 com objetivo de, entre outras coisas, "*proceder à plantação de seringueiras e exercer a indústria extrativa relativa a esse produto*", como consta em seus estatutos. Nos dois anos seguintes, mais novecentos hectares foram desmatados⁶⁷."

Foi criado um povoado chamado Fordlândia que tinha estrutura para os trabalhadores da região, no entanto as dificuldades de mão de obra, doenças e outros interesses que Ford possuía além da extração da borracha, como por exemplo explorar a madeira, acabou não acarretando grandes expectativas para Ford, que acabou dissolvendo o empreendimento e passando o território para o governo da União⁶⁸.

Especulasse que a Ford tenha gastado cerca de 20 milhões com a plantação e a estrutura do local, no entanto quando se retira do Brasil em 1946, passam as plantações para o governo por cerca de 250 mil dólares⁶⁹.

1.2 Retomada da Produção de Borracha para a Guerra

Na década de 1940 este quadro se alterou, por meio da conjunção de dois fatores: em primeiro lugar, a política varguista de ocupação dos “vazios demográficos” do território nacional (conhecida como Marcha para o Oeste), e em segundo lugar, o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial, sendo necessário colaborar para o esforço de guerra dos Aliados. A borracha novamente entra em pauta.

Segundo Verônica Secreto, já em 1940 os Estados Unidos iriam investir na região interessados na borracha e para isso criaram a Rubber Reserve Company. Visitaram a Ford com técnicos buscando alternativas para combater pragas nos seringais e melhorar a produção da borracha⁷⁰.

Com os Estados Unidos inserido na Segunda Guerra Mundial e os países asiáticos produtores de borracha tinham sido invadidos pelo Japão, ocorreu uma preocupação com a produção da borracha, por isso mesmo os Estados Unidos passaram

⁶⁷SENA, Cristovam. Fordlândia: breve relato da presença americana na Amazônia. *Caderno de história da ciência*. [online]. 2008, vol.4, n.2, p 101.

⁶⁸ OLIVEIRA, Nilda Nazaré Pereira. A Borracha da Amazônia, os Acordos de Washington e a Política Externa brasileira. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22, 2003, João Pessoa. Anais do XXII Simpósio Nacional de História: História, acontecimento e narrativa. João Pessoa: ANPUH, 2003.p. 1.

⁶⁹ SECRETO, Maria Verônica. Soldados da Borracha: Trabalhadores entre o Sertão e a Amazônia no Governo Vargas. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo. 2007.Soldados da Borracha. Cap.A peça fundamental: o contrato. p. 71.

⁷⁰ Idem, SECRETO, Maria Verônica. p. 70.

a se preocupar com o desenvolvimento do comércio na Amazônia, tendo em vista a grande importância do produto para guerra⁷¹.

Além disso segundo Gabriela Miranda os investimentos na Amazônia podem ser olhados de outra forma, uma vez que seria uma campanha dependente do mercado externo, conforme aponta:

“(...)como uma campanha transnacional, uma vez que de seu sucesso dependiam a situação dos países Aliados na Segunda Guerra Mundial, interesses político-econômicos dos Estados Unidos no Brasil e América Latina, e interesses próprios do governo Vargas⁷²”.

Os acordos de Washington realizados 1942 que visavam dar ajuda financeira para o Brasil durante a Segunda Guerra, em troca de alguns minerais, borracha, matérias primas.⁷³ Os Estados Unidos tinham dificuldades em obter determinadas matérias primas devido à guerra e as dificuldades dos países produtores das mesmas. Com isso a Amazônia seria a alternativa encontrada na época, até pela quantidade de seringueiras existentes na região, conforme aponta Isabel Cristina:

“Firmados em março de 1942, os Acordos de Washington previam ajuda técnica e financeira dos Estados Unidos ao Brasil durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Em troca de uma série de matérias-primas estratégicas, tais como a borracha e alguns minerais, os Estados Unidos forneceriam ao Brasil material bélico, financiamento para programas de saneamentos (Vale do Rio Doce e Amazônia) e abastecimento alimentar, dentre outros. Uma série de campanhas cívicas foram desenvolvidas, dentre as quais a “Batalha da Borracha”⁷⁴.

Tanto é que na década de 1940 o governo do Brasil juntamente com o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, calcularam que a Amazônia tinha 300 milhões de seringueiras⁷⁵, com capacidade de produção vantajosa. Além disso o uso da borracha na fabricação de diversos utensílios, se tornaria primordial na guerra, uma vez que era usada na construção de pneus, de partes dos aviões, etc., ou seja, no século XX e em

⁷¹ GARFIELD, Seth. A Amazônia no imaginário norte-americano em tempo de guerra. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 29, nº 57, p. 19-65 - 2009. p 20.

⁷² MIRANDA, Gabriela Alves. *Doutores da Batalha da Borracha: os médicos do Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA) e o recrutamento de trabalhadores para os seringais em tempo de guerra (1942-1943)* / Gabriela Alves Miranda – Rio de Janeiro: [s.n.], 2013.p 24

⁷³ GUILLEN, Isabel Cristina Martins e A Batalha da Borracha: propaganda política e migração nordestina para a Amazônia durante o Estado Novo. *Revista de Sociologia e Política*, nº 9, 1997.p 95.

⁷⁴ GUILLEN, Isabel Cristina Martins. A Batalha da Borracha: propaganda política e migração nordestina para a Amazônia durante o Estado Novo. *Revista de Sociologia e Política*. nº 9, 1997. p.95.

⁷⁵ LIMA, Frederico Alexandre de Oliveira. *Soldados da Borracha, das vivências do passado às lutas contemporâneas*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.p 48.

tempos de guerra, a borracha seria um dos produtos mais utilizados para esses transportes de combate e locomoção.

O problema seria a grande escassez de mão de obra, além da extensão da região, onde as seringueiras estariam espalhadas em áreas longínquas e as árvores estariam localizadas a uma distância muito grande uma das outras. A questão do transporte da seringa seria outro problema enfrentado.

Segundo Gabriela Miranda, já em 1940 foram enviados cerca de 4.000 homens para trabalhar nos seringais, o governo Vargas que teria fornecido essas passagens para a região, seguindo seu projeto de colonização da Amazônia⁷⁶.

Visando resolver esses problemas, algumas instituições foram criadas a fim de garantir uma maior organização da exploração e gerenciamento dos recursos, assim como dos trabalhadores:

“Banco de Crédito da Borracha – BCB, Departamento Nacional de Imigração – DNI, Comissão de Controle dos Acordos de Washington - CCAW, Superintendência para o Abastecimento do Vale Amazônico - SAVA, Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia - SEMTA, depois substituído pela Comissão Administrativa de Encaminhamento de Trabalhadores para Amazônia - CAETA, -Serviço Especial de Saúde Pública - SESP, Serviço de Navegação e Administração do Porto do Pará - SNAPP.⁷⁷”

Cada um desses órgãos era responsável por diferentes setores, a fim de assegurar que o acordo fosse cumprido, mas também para garantir que seria viável trazer mão de obra para os seringais amazônicos e que estes trabalhadores teriam uma realidade diferente da vivenciada no primeiro ciclo da borracha.

“Visavam apresentar tais medidas como um feito que redimiria a Amazônia do descaso governamental que a região vinha sofrendo desde a decadência da borracha. Ao mesmo tempo, apresentavam a campanha como uma solução para a questão dos camponeses nordestinos, que além de ganharem dinheiro, teriam facilidade para conseguir terras. Para tanto, lançaram mão, discursivamente, da “Marcha para o Oeste”, e a “Batalha da Borracha” passou a fazer parte da campanha bandeirante que visava integrar os sertões ao corpo da Nação⁷⁸.”

⁷⁶ MIRANDA, Gabriela Alves. Doutores da Batalha da Borracha: os médicos do Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA) e o recrutamento de trabalhadores para os seringais em tempo de guerra (1942-1943) / Gabriela Alves Miranda – Rio de Janeiro: [s.n.], 2013.p 24

⁷⁷ NASCIMENTO, Maria das Graças. Migrações Nordestinas Para a Amazônia. Revista de educação, cultura e meio ambiente. Dez, nº12, vol. II,1998. p. 5.

⁷⁸ GUILLEN, Isabel Cristina Martins e A Batalha da Borracha: propaganda política e migração nordestina para a Amazônia durante do Estado Novo.Revista de Sociologia e Política, nº 9, 1997. p 96.

O governo investiria em políticas de propaganda para atrair mão de obra para os seringais. Desta vez estamos falando de famílias inteiras que iriam trabalhar nos seringais, de novas políticas de assistência criadas no governo Getulio Vargas e de um sistema de trabalho que dentro das matas, teria mais semelhanças que diferenças com primeiro ciclo, conforme veremos abaixo.

1.3 O trabalho nos Seringais

*Quem disser que eles não eram escravos, está mentindo. Se fizesse borracha, o patrão pagava do jeito dele.*⁷⁹

Este tipo de método, os trabalhos dentro dos seringais, nos leva a pensar acerca de discussões recentes como o trabalho escravo ou trabalho semi-escravo contemporâneo.

Ricardo Rezende⁸⁰ buscou responder estas questões do “*por que o trabalho escravo ainda se sustenta?*”, sobretudo na região do Amazonas. Mesmo se tratando de uma discussão do final do século XX, o que nos chama atenção nesse trabalho são as possíveis causas desse tipo de trabalho ter se mantido naquele período e esta se estendendo até o presente momento, principalmente quando falamos de trabalho rural. Não necessariamente na extração da borracha, já que entendemos que dentro dos seringais, sobretudo a partir da década de 1940 várias outras tarefas eram realizadas por essas famílias.

No caso o primeiro fator seria a escravidão por dívida, como foi dito acima, esses trabalhadores em sua maioria Nordestinos, eram enganados e acabavam presos ao local de trabalho devido à dívida.

O consumo nos barracões contribuiu ainda mais para que suas dívidas aumentassem, pois tudo era vendido dentro desses locais. Até a medicação que deveria

⁷⁹ Trecho de entrevista de Marcelina Texeira, trabalhadora no seringal. Colhido pelo Jornal Eletrônico O Povo Online. Página consultada em 20 de janeiro de 2017(<http://especiais.opovo.com.br/soldadosdaborracha/>).

⁸⁰ FIGUEIRA, Ricardo Rezende. Por que o trabalho escravo?. Estudos avançados. vol.14 no.38 São Paulo Jan./Apr. 2000.

ser distribuída para os trabalhadores eram vendidas⁸¹, de fato não existia uma fiscalização para que as normas do contrato fossem devidamente cumpridas.

Já na década de 1940, o Estado colaborou para essa lógica de trabalho se perpetuasse ao fornecer a mão de obra por meio do alistamento e, de certo modo, garantir o poder do seringalista sobre ela, ao não fiscalizar a região, rompendo assim com as promessas realizadas às famílias.

É importante ressaltar que parte dos trabalhadores não foram para Amazônia como soldados da borracha e sim como trabalhadores que prestariam serviços na região, devido a facilidade de conseguir passagem. Esses trabalhavam sobre os códigos do patrão.

Ainda segundo Cherobim a dívida representava uma relação entre patrão e seringueiro onde para o trabalhador a dívida significava a necessidade de saldá-la, já para o patrão o direito de usá-la como maneira de manter o freguês realizando os serviços:

“Idealmente, esta relação de dependência teria lugar enquanto permanecesse esta situação; no entanto, a dívida dá um caráter de perenidade, uma vez que a produção do seringueiro está a quem das possibilidades de saldá-las. O débito cresce numa proporção maior que a produção, pois o aviamento de mercadorias é continuado e com preços aviltados⁸²”.

Outro fator importante a ser apresentado seria a questão do método de supervisão do trabalho, segundo Marcel Van der Linden ao tratar em seu livro um capítulo específico “Sobre Por que Escravidão?”, discorre sobre a escravidão ter se mantido em alguns lugares e épocas e não em outras, dentro do sistema capitalista e como se manteve este sistema de escravidão.

Segundo a argumentação de Van der Linden a questão da supervisão seria o modo como os empresários controlariam estes trabalhadores de forma que a produção fosse “satisfatória”, nos chamando a atenção à questão da coação: “A coação implica ameaças com ou sem uso da força, inclui-se aí encarceramento, tortura, mutilações, venda⁸³”.

⁸¹ LIMA, Frederico Alexandre de Oliveira. Soldados da Borracha, das vivências do passado às lutas contemporâneas. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013. p 94.

⁸² CHEROBIM, M. —Trabalho e comércio nos seringais amazônicos. Perspectivas, São Paulo, 6:102-107, 1983.p 102

⁸³ LINDEN, Marcel Van. Por que escravidão? In Trabalhadores do Mundo: Ensaio para uma historiografia global do trabalho. Editora Unicamp.2013.

A violência utilizada contra essas famílias a fim de mantê-las, produzindo em grande escala e para evitar possíveis fugas, implicava em uma série de estratégias por parte dos seringalistas. Dentre elas, podemos citar métodos mais brandos sem o uso da força e métodos mais violentos.

Ressaltando que em meados do século XIX a violência física era maior, do que no século XX tendo em vista o interesse dos patrões de preservar a mão de obra existente, mas ainda assim encontramos relatos de abuso de poder.

Na lógica de funcionamento dos seringais, o guarda-livros significavam a segurança da escrita⁸⁴, neles eram anotados tudo o que era consumido, ou trabalho prestado pelos seringueiros.

Os livros de contas, por exemplo simbolizavam instrumentos de controle, sendo que constantemente os números sofriam alterações em seus valores com o objetivo de prejudicar os fregueses, no caso os seringueiros. Ana Xavier, que viveu e foi trabalhadora do seringal do Japurá, afirma que:

“Mas lá era uma miséria de vida, uma pobreza, só o patrão que tinha dinheiro e quem tirasse um quilo de borracha pra vender fora, ele botava pra rua... pra ficar fazendo o que? Não tinha emprego, não tinha trabalho, não tinha nada, tinha que se a sujeitar a o ele queria o que ele queria né, que lá patrão tinha até demais⁸⁵.”

Segundo Gerson Albuquerque estes livros simbolizavam endividamentos, eram usados como forma de controle e subordinação dos trabalhadores rurais, frente aos barracões⁸⁶.

Em boa parte das entrevistas colhidas pelo autor é notável como é marcada uma relação entre o barracão e a colocação, no sentido negativo, as alterações nas contas, deixavam os seringueiros mais endividados, estes por sua vez, mesmo não sabendo ler, buscavam lembrar a quantidade que haviam consumido. Ao perceberem que estavam sendo ludibriados, muitos reagem fugindo das colocações, devolvendo as mercadorias, questionando as dívidas adquiridas.

“É bem possível que essas sanções negativas fizessem com que os trabalhadores trabalhassem muito, mas não que eles

⁸⁴ REIS, Arthur Cezar Ferreira. O seringal e o seringueiro. 2ª Ed. ver. Manaus. Editora da Universidade do Amazonas- Governo do Estado do Amazonas, 1997.p 225.

⁸⁵ PINTO, Ana Xavier. *Ana Xavier Pinto*. Depoimento [15 Novembro. 2013]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2013.

⁸⁶ ALBUQUERQUE, G. R.. *Trabalhadores do Muru: o rio das cigarras*. 1. ed. Rio Branco - Acre: Editora da Universidade Federal do Acre - EDUFAC, 2005. v. 01.

trabalhassem bem. Além disso, sanções negativas podem provocar resistência e sabotagem.⁸⁷”

Benchimol descreve num pequeno capítulo em seu livro intitulado “Cativo na Babilônia: a fala de um escravo branco⁸⁸”, onde publicou a carta de um seringueiro cearense que sabia ler, onde o mesmo percebendo que estaria sendo enganado começa a questionar seu patrão, no entanto acaba sendo expulso do seringal sem seu pagamento.

Devo acrescentar que esses trabalhadores que sabiam ler representavam um perigo dentro das colocações, ainda que em sua maioria fossem analfabetos, a registros como o descrito acima de trabalhadores, de trabalhadores que conferiam seus talões, notando que normalmente estavam adulterados.

A História de Maria Libânio, uma menina na época que aprendeu a ler no interior do seringal do rio Muru, por ser doente não podia trabalhar e por isso conseguiu frequentar a escola. Muitos seringueiros começaram a trazer seus talões para que Maria Libânio conferisse e à medida que ficava constatado que haviam alterações nos talões, tais como mercadorias em quantidade maior, ou mercadorias que não foram entregues. Os seringueiros começaram a reclamar com os patrões, após isso Maria Libânio passou a ser hostilizada pelos seringalistas do seringal onde morou⁸⁹.

Logicamente não interessava ao patrão pessoas que questionassem seus métodos e normalmente essas pessoas eram marginalizadas.

Destacamos essas questões do trabalho análogo à escravidão, tendo em vista a situação de enfrentamento que muitos trabalhadores se encontraram na região do Amazonas e ainda destacando que na década de 1940 já existia no código penal o que seria considerado trabalho análogo à escravidão, mas que efetivamente a maioria das leis existentes não eram cumpridas:

“Art. 149. Reduzir alguém a condição análoga a de escravo, quer submetendo-o a trabalhos forçados ou a jornada exaustiva, quer sujeitando-o a condições degradantes de trabalho, quer restringindo, por qualquer meio, sua locomoção em razão de dívida contraída com o empregador ou preposto. (Redação dada pela Lei nº 10.803, de 11.12.2003)”

⁸⁷ LINDEN, Marcel Van. Por que escravidão? In *Trabalhadores do Mundo: Ensaio para uma historiografia global do trabalho*. Editora Unicamp. 2013. p 80.

⁸⁸ Cap. II Nossa Gente: Ex- Ante e Ex- Post em BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: Um Pouco – Antes e Além Depois*. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977. p 325-334.

⁸⁹ ALBUQUERQUE, Gerson R.. *Trabalhadores do Muru: o rio das cigarras*. 1. ed. Rio Branco - Acre: Editora da Universidade Federal do Acre - EDUFAC, 2005. v. 01. p 69- 72.

Para a pesquisadora Gabriela Miranda o governo Norte Americano entendia o sistema de trabalho empregado nos seringais como nocivo, por isso se empenhava em tentar solucionar essas questões através de medidas para minimizar esses problemas: “Esse sistema não-capitalista de produção preocupava os burocratas norte-americanos incumbidos de criar condições para o aumento da produção de látex nos seringais⁹⁰”. No entanto o governo Vargas tinha pressa em atender essas demandas de mão de obra, a autora ressalva que antes mesmo dos contratos terem sido formulados efetivamente devido problemas entre as instituições responsáveis, os trabalhadores já eram recrutados e enviados para a Amazônia⁹¹.

⁹⁰ MIRANDA, Gabriela Alves. *Doutores da Batalha da Borracha: os médicos do Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA) e o recrutamento de trabalhadores para os seringais em tempo de guerra (1942-1943)* / Gabriela Alves Miranda – Rio de Janeiro: [s.n.], 2013.p 53

⁹¹ *Idem*, 2013.p 55.

Capítulo II

As Políticas de Recrutamento de Mão de Obra Para os Seringais

Existia uma preocupação do governo dos Estados Unidos em aumentar a produção da borracha no Amazonas, eram muitos os artigos de guerra que eram derivados da borracha, André Campos apresentou dados onde constata a preocupação do governo Norte Americano com a falta de mão de obra para trabalhar nos seringais:

“Um funcionário do escritório, em viagem de reconhecimento no vale, concluiu: “basicamente, o problema da Amazônia depende de força de trabalho”. Caldwell King sugeriu então que o Escritório atraísse, para os seringais, trabalhadores de outras partes do Brasil e mesmo de outros países sul – americanos e do Caribe.⁹²”

Ainda nesses relatórios se dizia ser preciso encaminhar meio milhão de pessoas para essas regiões, fato que não aconteceria. A saída para o Brasil foi então investir em uma política que atraísse, sobretudo mão de obra nordestina.

As propagandas do governo Vargas já iriam se direcionar para a Amazônia, buscando a ocupação do território, colocada como região de oportunidades para a população nordestina, atingidas pelas constantes e fortes períodos de seca, com um forte apelo emocional em suas propagandas, além de cartazes apresentando os atrativos da região, foram usados na tentativa de mostrar uma nova região Norte⁹³.

Com isso as políticas varguistas visavam ocupar os “espaços vazios” do território nacional, neste caso em especial a região da Amazônia, pois com a crise da borracha do início do século XX muitos trabalhadores haviam preferido retirar-se de lá, buscava-se assim atrair novamente trabalhadores para explorar os seringais e cumprir os acordos assinados com os norte-americanos.

Nos *Boletim de Imprensa e Propaganda do Amazonas de 1943*, podemos ter acesso a um breve resumo dos órgãos criados a fim de financiar a produção da borracha na Amazônia e o recrutamento de mão de obra:

“O fermento genesiaco do capital seria fornecido pelo Banco de Credito da Borracha, que veio substituir e ampliar as operações até então atribuídas a Carteira de Exportação e Importação Banco do Brasil. Com o capital inicial de 50.000.000,00 – agora aumentado para

⁹² CAMPOS, André Luiz Vieira. Políticas Internacionais de Saúde na Era Vargas: o Serviço Especial de Saúde Pública.1942-1960. Rio de Janeiro. Ed. Fiocruz.2006. p.115.

⁹³ SECRETO, Maria Verônica. Soldados da Borracha: Trabalhadores entre o Sertão e a Amazônia no Governo Vargas. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo. 2007.p 73-74.

Crs 150.000.000,00 – em quotas e 55% para o governo brasileiro, 40% para a *Rubber Reserved Company* e 5% para o público nacional interessado - O Banco da Borracha propunha – se ao financiamento da extração comercio e industrialização da borracha, reservando – se a exclusividade das operações finais de compra e venda e o controle de seu comercio.

Os homens, mulheres e crianças que o Nordeste e o Sul estão canalizando para o povoamento da Amazônia são selecionados nos postos de origem pelo SERVIÇO ESPECIAL DE SAÚDE PUBLICA (SESP), repartição do Ministério de Educação e Saúde e recrutados pelo SERVIÇO ESPECIAL DE MOBILIZAÇÃO DE TRABALHADORES PARA A AMAZONIA (SEMTA), este sobre a dependência do Coordenador da Mobilização Econômica.

A SEMTA, sobre executar o engajamento dos trabalhadores no Sul e no Nordeste, transporta – os por várias vias e meios até Belém, onde são confiados a SUPERINTENDENCIA DE ABASTECIMENTO DO VALE AMAZÔNICO (SAVA), órgão subordinado a Comissão de Controle dos Acordo de Washington.

A Sava incumbe – se ainda, da colocação dos trabalhadores nos seringais, da manutenção do suprimento de mercadorias que assegurem a continuidade da Batalha da Borracha, do fomento da produção de gêneros alimentícios, do controle de estoques e preços dos gêneros de primeira necessidade, realizando o racionamento dos mesmo quando forem necessários⁹⁴”

Os olhos governamentais vão voltar–se para o Amazonas. O objetivo era ocupar esses espaços escassos de mão de obra e criar modos de trazer esses trabalhadores para os seringais. O discurso varguista então era usado enquanto ferramenta para atrair esses trabalhadores. Ao comentar o assunto Frederico Alexandre destaca que:

“De acordo com as ideias apresentadas por Vargas, para enfrentar as agruras do vale amazônico e fixar-se a terra para incluí-la no caminho do progresso da nação, só o povo escolhido que havia dado prova de seu valor. O migrante nordestino por sua índole de bravo e de homem calejado pela história e pela geografia de sua região, não fugiria aos problemas do vale amazônico, ao contrário, iria até lá solucioná-los, desde que instruído e amparado pelo Estado, não mais, segundo ele, com o espírito de aventura, mas sim, de amor patriótico e de fé nos destinos da nação.”⁹⁵”

Por trás do discurso nacionalista de Vargas, encontramos indícios de como esses trabalhadores ao se dirigirem para o Amazonas, se encontraram em uma situação não muito diferente do início do século XX.

⁹⁴ Boletim de Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda. Amazonas. Janeiro 1943, n 03. Rio de Janeiro, p. s/n – Arquivo da Biblioteca Nacional do Brasil.

⁹⁵ LIMA, Frederico Alexandre de Oliveira. Soldados da Borracha, das vivências do passado às lutas contemporâneas. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.p. 61.

No trabalho de Frederico Alexandre⁹⁶ demonstra-se que os soldados da borracha migraram para a Amazônia, respaldados por contratos, que deveriam garantir a manutenção do trabalho que seria exercido pelos mesmos, segundo o autor, ouve toda uma propaganda por parte do governo nesse sentido. No entanto ao chegar aos seringais à realidade de trabalho dentro das matas, ainda se encontrava sobre o controle dos donos de seringais.

Algumas cláusulas do Contrato que estariam divididos em duas partes podemos ter dimensão dos direitos que os trabalhadores teriam durante o trabalho:

- a) *Os utensílios e ferramentas necessários ao serviço e a extração de látex, bem como armas e munições de caça, serão fornecidos aos seringueiros, gratuitamente, pelo patrão(cláusula I- alínea II)*
- b) *Os fornecimentos de mercadorias feitos ao seringueiro pelo seringalista não constituem operação de compra e venda, não sendo permitido sobre os mesmos qualquer acréscimo que represente lucro (cláusula II)*
- c) *O seringueiro se obrigará a trabalhar seis dias por semana, quer no período de safra, que no de entre- safra(cláusula 3)⁹⁷*

Os contratos deveriam garantir transporte, alimentação, mantimentos em geral para o trabalho, até chegarem em suas colocações.

Um item interessante era a “assistência família”, conforme analisada por Verônica Secreto, ressaltando as diferenças e semelhanças de contrato entre SEMTA e CAETA, trás a luz o valor que essas famílias, que se encontravam nas hospedarias deveriam receber, pois àquelas que se uniam aos trabalhadores nos seringais não tinham direito a assistência em dinheiro.

Além disso, a segunda parte do contrato abordavam as obrigações que os seringalistas deveriam ter para com os trabalhadores, seriam elas:

“(...)entregar ao seringueiro as estradas arrendadas em condições que permitissem sua exploração imediata; fornecer adiantamento em gêneros alimentícios, peças de roupa e medicamentos de uso comum, utensílios e ferramentas necessários aos serviço e a extração de látex, inclusive arma e munição de caça, Esses fornecimentos, supostamente, não

⁹⁶ Idem. Soldados da Borracha, das vivências do passado às lutas contemporâneas. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

⁹⁷ Fundamentos de uma Proposta de Revisão das atuais condições de produção da borracha na Amazônia. Oferecidos a apreciação da comissão de controle dos acordos de Washington pelas Associações Comerciais do Amazonas/Associações Comerciais dos Seringalistas do Amazonas. Rio de Janeiro, dezembro de 1943. Imprensa nacional- Rio de Janeiro – Brasil.

poderiam visar lucro e deveriam ser lançados na caderneta do seringueiro.⁹⁸”

Verônica Secreto aponta que “eram contratos para inglês ver”⁹⁹, que tinham apoio da SEMTA- (Serviço Especial de Mobilização de trabalhadores para a Amazônia) e da CAETA- (Comissão Administrativa de Encaminhamento de trabalhadores para a Amazônia), contratos que deveriam garantir que esses seringueiros tivessem uma realidade de trabalho diferente daquela vivenciada no primeiro ciclo da borracha (1879 - 1912).

Se por um lado ocorreu uma tentativa de oficializar o trabalho realizado através dos contratos, em boa parte, essas medidas não foram cumpridas, a realidade foi outra, ao chegarem aos seringais os trabalhadores continuaram vivendo desamparados por parte do governo e segundo as regras do patrão, diferentemente do contrato tudo que era consumido no barracão era cobrado e em valores bem altos.

Com todos os problemas, a possibilidade de se manter da agricultura, serviço em sua maioria realizado pelas mulheres, criava um ambiente de tensão entre patrão e freguês, uma vez que o dono de seringal visava ter lucro com o consumo e este só poderia ser realizado nos seus barracões.

Evidente que encontraremos algumas mudanças estruturais, tais como a construção das hospedarias para receber esses trabalhadores, a assistência médica que chegava a parte dessa população, algumas medidas que foram citadas, tentavam de alguma forma garantir o mínimo de direitos para os trabalhadores, no entanto considerando-se a dimensão da Amazônia e dos seringais, se tornou difícil torna esses contratos realmente efetivos.

Por sua vez, os patrões ou seringalistas, como eram chamados os donos dos seringais, eram os donos dos barracões que comercializavam mercadorias para o trabalhador, que era chamado de seringueiro. Os seringalistas eram os que ditavam as regras.

Ressaltamos ainda, que conviviam trabalhadores recrutados como soldados da borracha e trabalhadores que já estavam trabalhando nos seringais, ou ainda trabalhadores que iam trabalhar nos seringais, mas não como soldados. Nas entrevistas

⁹⁸ SECRETO, Maria Verônica. Soldados da Borracha: Trabalhadores entre o Sertão e a Amazônia no Governo Vargas. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo. 2007. Soldados da Borracha. Cap.A peça fundamental: o contrato. p 93

⁹⁹ Idem, 2007. P.93-96.

realizadas, uma das trabalhadoras era casada com um seringueiro que prestava serviço para o patrão no seringal do Anori¹⁰⁰, mas não era um soldado da borracha. Esse trabalhador posteriormente veio a se aposentar como trabalhador rural.

Deste modo muitas famílias se direcionaram para o trabalho nos seringais, e mesmo alguns homens que iam solteiros acabaram casando com mulheres nascidas na região, fossem indígenas ou mulheres filhas de migrantes em sua maioria Nordestinos que ficaram na região mesmo após a primeira crise da borracha e que estabeleceram moradia com suas famílias nesses lugares, onde tinham seringais.

Se no primeiro surto da borracha (1870-1912), o seringal era um ambiente em sua maioria masculino, durante 1940 a presença das mulheres em maior número, modificou os modos de trabalho nestas localidades, modificando as formas de sobreviver nas colocações¹⁰¹.

Pretendemos tratar da história do trabalho dessas mulheres nos seringais¹⁰² do Amazonas, seja dentro das colocações ou dos barracões¹⁰³, com o intuito de mostrar como viviam essas trabalhadoras, as dificuldades que enfrentaram e como resistiram, trabalhando com novas formas de sobrevivência dentro dessas regiões, através da produção da farinha, da coleta da castanha, da pesca, do trabalho de roça, práticas de curas, de assistência que vão sendo trocadas em seus cotidianos, buscando assim se tornarem menos dependentes do consumo nos barracões. Também pretendemos tratar de suas vivências, olhando as dificuldades enfrentadas ao se viver nas matas Amazônicas.

2.1- As Mulheres Nos Seringais

Altina Lopes, minha avó, foi uma das entrevistadas deste trabalho. Suas narrativas me acompanharam desde muito cedo, deixando meus ouvidos aguçados para cada relato que ela contava no decorrer de nossa convivência.

¹⁰⁰ LADISLAU, Consuelo. Depoimento [10 Abril. 2016]. Entrevistadora: Jéssyka Samya, Manaus: Amazonas, 2016.

¹⁰¹ SECRETO, Maria Verônica. Soldados da Borracha: Trabalhadores entre o Sertão e a Amazônia no Governo Vargas. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo. 2007. Soldados da Borracha. Cap. A peça fundamental: o contrato. P.93-96.

¹⁰² “Propriedades” onde eram exploradas as seringueiras árvores da onde eram extraídas a goma, podiam estar localizadas às margem dos rios ou em regiões mais afastadas dentro das matas.

¹⁰³ barracões é nome dado ao estabelecimento onde o seringueiro trocava borracha, castanha, farinha dentre outros produtos por ferramentas, remédios, comida, neste caso os barracões sempre elevavam os preços das mercadorias, a fim de aumentar a dependência desses trabalhadores aos barracões.

Como foi dito acima, resolvemos desenvolver essa pesquisa a partir do contato com os relatos de minha avó, de onde originaram-se minhas inquietações historiográficas e que nos fizeram posteriormente coletar mais entrevistas de outras mulheres que trabalharam e passaram grande parte de suas vidas nos seringais do Amazonas, pois:

“Quando uma pessoa passa a relatar suas lembranças, transmite emoções e vivências que podem e devem ser compartilhadas, transformando-as em experiência, para fugirem do esquecimento. No momento em que uma entrevista é realizada, o entrevistado encontra um interlocutor com quem pode trocar impressões sobre a vida que transcorre ao seu redor; é um momento no qual lembranças são ordenadas com o intuito de conferir, com a ajuda da imaginação, ou da saudade, um sentido à vivência do sujeito que narra sua história.”¹⁰⁴

Para, além disso, outro fato que muito me intrigava era a historiografia estar direcionada para os soldados da borracha, causando uma invisibilidade das mulheres nessa região durante o período estudado. Buscamos inclusive ter o interesse de citar autoras que se preocuparam com essas temáticas, no entanto ainda são poucos trabalhos, tendo em vista a quantidade de seringais que existiram no Amazonas e na região Norte.

Como Verónica Secreto¹⁰⁵ destaca na sua pesquisa não só os soldados, mas traz à tona também a realidade de mulheres que ficaram com seus filhos em hospedarias de Fortaleza, delineando como elas procuravam não se dobrar diante do trabalho que lhes eram impostos, assim como as proibições como a questão do fumo e as reclamações, todas essas questões eram colocadas nas cartas endereçadas a seus maridos.

Talvez um dos motivos sejam as dificuldades de encontrar fontes, em se tratando de mulheres que viveram nos seringais neste período, visto que os soldados foram registrados e ainda assim, a documentação que abrange os soldados conta com uma série de falhas acerca de seus registros. Apesar disso, se de um lado encontramos trabalhos riquíssimos que demonstram o que ocorria na região com os soldados, ou seja, os trabalhadores homens, por outro ainda há poucas pesquisas sobre as mulheres.

Contando com migrantes e mulheres nascidas na região, mulheres essas que como a pesquisa busca tratar trabalhavam nos seringais e barracões, sendo seus trabalhos muito mais que um complemento, como a historiografia costuma colocar o

¹⁰⁴ SANTOS, Antonio Cesar de Almeida. Fontes orais: testemunhos, trajetórias de vida e história. Curitiba: DAP, 2005. p.3

¹⁰⁵ SECRETO, Maria Verônica. Cap. A peça fundamental: o contrato no livro Soldados da Borracha: Trabalhadores entre o Sertão e a Amazônia no Governo Vargas. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2007.

trabalho feminino. Essas mulheres foram fundamentais para continuar práticas de sobrevivência que seriam de enorme utilidade durante esse período, onde quem possuía o controle eram os patrões.

Heloisa Lara, Mônica Lage são autoras que demonstraram em suas pesquisas que em meados do século XIX chegando até 1920, era importante a presença de migrantes mulheres em diversas regiões do Amazonas. Segundo o Censo Nacional o número de migrante entre 1872 a 1920, ao ser desagregado por sexo deu que o número de migrantes seria de 45,49% mulheres e de 54,51% de homens. Isto nos leva a pensar que a questão da mulher migrante e trabalhadora dos seringais tem sido negligenciada pela historiografia¹⁰⁶.

Segundo o Censo Demográfico Nacional de 1940, distribuída por gênero, o número de mulheres no Brasil era superior ao de homens, sendo 20.614.088 de homens enquanto o de mulheres é de 20.622.227, nos anos anteriores segundo o censo o número de homens era maior, já na década de 40 esse número sofreu uma queda¹⁰⁷.

Em contrapartida no ano de 1940 segundo o Censo Demográfico na região Norte existiam cerca de 1.462.420 habitantes na região Norte do Brasil, sendo que 438,008 presentes só no Amazonas, as mulheres eram 212.281 e 225.727 homens¹⁰⁸.

No Anuário demográfico do Amazonas de 1950 percebemos um pequeno aumento da população do Estado passando para o total de 514.099.

Tabela 3 – População residente no Estado do Amazonas em 1950

Mulheres	Homens
250.383	263.716

Fonte: IBGE. Anuário 1950 do Brasil.

A população na área rural em 1940 - 1950 dividida entre homens e mulheres, segundo o censo, era a seguinte:

¹⁰⁶ Ver LAGE, Mônica Maria Lopes. Mulher e Seringal: Um olhar sobre as mulheres nos seringais do Amazonas (1880-1920). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010./ COSTA, Heloisa Lara Campos. As Mulheres e o Poder na Amazônia. Manaus: EDUA, 2005.

¹⁰⁷ Censo Demográfico Brasileiro: População e Habitação. Quadros totais para o Conjunto da união e de Distribuição pelas regiões Fisiográficas e Unidades Federais. Serviço gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro, 1950. p 1.

¹⁰⁸ IBGE. Censo Demográfico 1940 – Rio de Janeiro: IBGE, 1950. v.II.p.101

Tabela 4 – Divisão por gênero da população residente na zona rural amazonense –
1940/1950

ANO		ANO	
1940		1950	
Mulheres	Homens	Mulheres	Homens
158.456	174.763	158.456	174.763

Fonte: IBGE. Censo Demográfico Brasileiro 1940 e Anuário 1950 do Brasil.

A população feminina nas áreas rurais se encontrava em número menor, no entanto a diferença entre homens e mulheres não era tão grande como para ignorar a presença da mulher.

O aumento no número de famílias nas áreas dos interiores contribuiu para o aumento do número de pessoas concentradas na região rural. Ali desempenhavam trabalhos de agricultura, subsistência e extração de borracha. Com isso as mulheres ainda que estivessem em número menor em 1940, trabalharam nas regiões do Amazonas, como podemos ver no quadro acima. Percebi em alguns registros do Ceará que, seus dependentes (parentes, filhos e mulheres) eram apontados simplesmente como quantidades e não discriminados por nome, para saber quantos iam com cada soldado.

Se no primeiro surto da borracha (1870-1912) ou até bem antes mesmo, o seringal era um ambiente majoritariamente masculino, Ellen Woortmann chama os seringais desse período de “Território dos Androceus¹⁰⁹”. Posteriormente, já no período aqui estudado, à presença das mulheres nas atividades produtivas modificou os modos de trabalho nestas localidades.

Esses trabalhadores ao chegarem eram enviados as áreas que deveriam ser exploradas. Segundo Ellen Woortman¹¹⁰ nesse período em sua maioria os migrantes eram homens e se instalaram nessas regiões para trabalhar em condições insalubres e sob a sobre-exploração dos seus patrões, os donos dos seringais.

No Censo Demográfico Brasileiro de 1940 é apresentada a divisão de trabalhadores por sexo e função, onde podemos perceber novamente a presença dessas

¹⁰⁹ WOORTMANN, Ellen F. . Família, Mulher e Meio Ambiente no Seringal. In: Ana Maria Niemayer; Emilia Pietrafeza Godoi. (Org.). Além dos Territórios: por uma troca entre a etnologia Indígena. Os estudos rurais e estudos urbanos. 1ed.São Paulo: Editora Mercado das Letras, 1998, v. 1.p 6.

¹¹⁰ Idem WOORTMANN, 1998, v. 1.

mulheres nessas atividades rurais no Amazonas, embora em número significativamente menos que os homens:

Tabela 5 – Divisão da população em atividade econômica e sexo no Amazonas – 1940

Agricultura, pecuária, silvicultura	
Mulheres	Mulheres
14.773	14.773

Fonte: IBGE. Censo Demográfico 1940

Uma destas estratégias usadas pelos patrões era permitir a entrada de mulheres e famílias no seringal, o que ocasionava mudanças na organização do trabalho e a certo ponto fazia crescer os níveis de produção nos seringais¹¹¹. Para delinear a vinda dessas famílias é importante tratar da questão da migração.

Altina Lopez, retrata sua chegada no rio Pauini, onde veio a mando do irmão que trabalhava no barracão. Esta senhora migrante nordestina, saiu do Ceará, mas precisamente do Riacho do Sangue, localizado no município de Solonópole, rumo ao Pauini, realizando um longo trajeto.

Esteve em Fortaleza, em Belém e depois seguiu viajando de barco com boa parte da família e onde se encontravam oito famílias que estavam indo para o Amazonas na embarcação. Altina relatava que:

“É por que meu irmão tava lá minha filha, meu irmão morava aqui(Pauini) mandou buscar nós. Foi o tempo que o Ceará ficou seco não chovia passou dois anos sem chover, aí assim olha passou dois anos pra você ver como é que é, passou dois anos sem chover..”¹¹²

Em decorrência da seca que assolava o Nordeste, a família de Altina, como muitas outras famílias, optou por migrar para região do Amazonas, neste período o índice de egressos do Nordeste aumentou e muitos imigrantes, viram na região do

¹¹¹ WOORTMANN, Ellen F. . Família, Mulher e Meio Ambiente no Seringal. In: Ana Maria Niemayer; Emília Pietrafeza Godoi. (Org.). Além dos Territórios: por uma troca entre a etnologia Indígena. Os estudos rurais e estudos urbanos. 1ed.São Paulo: Editora Mercado das Letras, 1998, v. 1.

¹¹² LIMA, Altina Lopes Lima. *Altina Lopes Lima*. depoimento [08 Maio. 2013]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2013.

Amazonas uma forma de recomeçar suas vidas, sobretudo na década de 1940¹¹³, quando as políticas varguistas, buscavam atrair mão de obra para trabalhar nos seringais, se utilizando de propagandas como foi tratado acima.

Assim como essas famílias muitas outras se direcionaram para o Amazonas, a seca no Nordeste se agravava ano a ano, conforme podemos entender esse cenário na fala de Joaquim Moreira, natural do Ceará, foi para região trabalhar no seringal do Juruá:

“Vim mode à fome. Era agricultor e criador, tinha minhas terras e minha casinha. Nunca senti necessidade de me alugar. Sempre fui homem que gosta de trabalhar pra si.
Em todas as secas eu me aguentava. Em 1915, 1919 e 1932 até me aguentei com os meus recursos.
Em 1942 a seca arreventou mesmo danada. Nunca mais choveu. Os pastos secaram, cavei uma cacimba num chão duro e não encontrei água. Só faltei desesperar de raiva¹¹⁴”

Joaquim e sua família, ao se depararem novamente com a vida na seca, ao saberem dos benefícios de ir para Amazônia, resolveram migrar. Joaquim segue relatando que aos pouco perdeu tudo, gado, plantação, foi então que começa a ouvir falar sobre o trabalho no Amazonas:

“Um dia resolvi abandonar. Todo mundo estava falando no Amazonas, o governo auxiliava agente, dava passagem, colocação no seringal. A mulher a princípio chorou muito, mas depois viu que não aguentava mais.
Um dia anoiteci e não amanheci. Escrevi a minha mãe pedindo a benção e trouxe minha mulher e mais 8 filhos – 3 machos e o resto tudo fêmeas.¹¹⁵”

A seca no Nordeste e todas as dificuldades enfrentadas por aquela população foi à solução para o governo varguista. Mas para isso era necessária uma organização para transportar todos àqueles imigrantes em direção a Amazônia. Uma nova política de atração, instalação e assistência para trazer esses trabalhadores.

¹¹³ Ver BENCHIMOL, Samuel. Amazônia: um pouco – antes e além depois. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977. Cap. II Nossa gente: Ex - Antes e Ex-Post: O perfil antropogeográfico do “Cearense” Imigrante na Amazônia. P142 a 389.

¹¹⁴ Entrevista Joaquim Moreira. Entrevista realizada por Samuel Benchimol, Manaus: Amazonas, 1942. Publicadas em 1977. p 295.

¹¹⁵ Entrevista Joaquim Moreira. Entrevista realizada por Samuel Benchimol, Manaus: Amazonas, 1942. Publicadas em 1977. p 295.

2.3 - O Transporte dos Trabalhadores e Trabalhadoras

A DNIT (criada em 1938) era responsável pelos programas de migração no país, agia juntamente com o ministério do Trabalho Indústria e Comércio, como a DNIT não estaria conseguindo atingir as metas de transporte de trabalhadores, foi criada a SEMTA.

Acreditava-se que a SEMTA seria responsável por todo esse serviço de recrutamento e encaminhamento, no entanto em 1942 foi criada SAVA, com sede em Belém. Seria essa a que ficaria responsável por encaminhar os trabalhadores para as áreas de extração de borracha.

Todos esses problemas acarretavam outro problema maior, que seriam a superlotação desses transportes, implicando sérios danos aos trabalhadores, a SEMTA só levava os trabalhadores até porto de Belém, a partir do porto quem assumia era a SAVA.

A SEMTA enfrentava problemas para enviar os trabalhadores para a Amazônia desde a sua criação, sua frota não era suficiente, necessitando de apoio financeiro para alugar mais transportes. O mesmo acontecia quando tentavam obter outros meios de transporte tais como aviões, navios, e mesmo para o abastecimento deste transporte com combustível devido à guerra, os caminhões acabavam quebrando com facilidade, devido à má qualidade das estradas por onde eram transportados esses trabalhadores, ocasionando outro problema para a SEMTA¹¹⁶.

Na realidade a grande preocupação era reunir mão de obra para o trabalho de retirada do látex, conforme vários registros do Jornal de Comercio¹¹⁷. Por exemplo, nesse Jornal em edição de 1943 encontramos uma matéria estabelecendo qual a quantidade de trabalhadores imigrantes que deveriam vir para o Vale Amazônico. Em uma entrevista dada pelo coordenador da mobilização econômica João Alberto, ele diz que:

“Um total de 200.000 pessoas, incluindo as famílias dos trabalhadores será transportado para o Vale Amazônico. Em

¹¹⁶ MIRANDA, Gabriela Alves. Doutores da Batalha da Borracha: os médicos do Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA) e o recrutamento de trabalhadores para os seringais em tempo de guerra (1942-1943) / Gabriela Alves Miranda – Rio de Janeiro: [s.n.], 2013. P 50.

¹¹⁷ Este é apenas um exemplo de outros jornais desse período que retratavam a quantidade de trabalhadores que viriam para região e quanto isso poderia aumentar a produção da borracha para a exportação

suma, desejamos aumentara produção da Amazônia de 20 para 50.000 mil toneladas de borracha”.¹¹⁸

Referentes aos trabalhadores a SESP deveria ser responsável por examinar esses trabalhadores para que seguissem viagem conforme acordo firmado entre CAETA e SESP, dentre as cláusulas desse contrato, destacamos:

1. A CAETA, pelo seu órgão competente , recrutará trabalhadores fisicamente aptos para o trabalho a que se destinam, transportando – se para o Vale Amazônico.
2. O órgão competente da CAETA assumira a responsabilidade de cuidar da saúde dos trabalhadores e tomar quaisquer outras medidas necessárias até a data da chegada ao ponto de concentração escolhido.
3. A Sesp dará assistência medica aos trabalhadores emigrantes nos seguintes postos médicos, ora pertencentes ao SEMTA e ao SAVA. Fortaleza, Sobral, Terezina, Caxias, São Luiz, Belém e Manáus.
4. A Sesp dará assistência médica trabalhadores da borracha igual àquela que proporciona as populações civis.
5. Os grupos de no mínimo 200 homens quando transportados por terra, serão acompanhados por um guarda medicador do SESP , assim como os grupos de no mínimo 300 homens quando transportados por mar¹¹⁹.

Destacamos a obrigação de ter que fazer exames médicos, demonstrando as intenções higienistas e normativas do Estado em relação aos indivíduos, algumas cláusulas dos contratos firmados entre SESP e CAETA nesse primeiro momento, demonstravam como esses trabalhadores antes de viajar já deveriam passar por exames médicos e que nos transportes deveriam ter guardas medicadores, para atender essas famílias nas embarcações.

A SESP estaria intimamente envolvida no processo de recrutamento de mão de obra, havia uma preocupação em selecionar homens fortes, aptos ao trabalho e interesse em padronizar os exames que iram selecionar esses soldados, a assistência se estenderia ainda após a seleção, o soldado e sua família deveriam ser imunizados, e em caso de doenças deveriam receber tratamento adequado, comida e assistir palestras de educação sanitária¹²⁰.

O médico José Lins Souza responsável pela avaliação destes trabalhadores na sede em Fortaleza antes de serem encaminhados para Amazônia confessou em seus

¹¹⁸ Jornal do Comercio, Domingo, 21 de Fevereiro de 1943. Encontra – se digitalizado no portal do Jornal do Comercio.

¹¹⁹ Contrato de acordo de serviço médico entre Sesp e a Caeta.1943. p. s/n – Departamento de Arquivo e Documentação, Fiocruz, Rio de Janeiro.

¹²⁰ Idem MIRANDA, 2013, p 147.

relatórios, que por vezes havia considerado aptos para trabalhadores que se encontravam enfermos, devido à necessidade de se enviar um determinado número de trabalhadores para a região. Havia também muitos trabalhadores desistindo de ir para os seringais, por isso mesmo o médico responsável considerava seu trabalho de recrutamento insuficiente, ainda se queixava de falta de mantimentos, como redes para as viagens nas embarcações¹²¹.

No entanto o trajeto que essas famílias enfrentavam para ir a trabalhar na região amazônica, também chama a atenção, pois o número de trabalhadores transportados era elevado e a maioria não recebiam os remédios. Levando em consideração a distância de uma região para outra, os decessos eram importantes. Segundo as fontes muitos morriam de doenças durante o trajeto ou ficavam vários meses em hospedarias aguardando para serem enviados aos locais de trabalho.

Eram muitas as dificuldades em transportar esses trabalhadores, a principal era que as estradas eram precárias, conforme aponta Gabriela Miranda:

“Uma das principais atribuições do SEMTA era transportar homens nordestinos aptos para trabalharem em seringais amazônicos, prestando assistência a eles e também a suas famílias. As vias de deslocamento pelo interior do país eram bastante precárias, sendo recorrentes os atrasos e acidentes nos trajetos. A viagem abrangia trechos por terra, ferrovia e estradas, por via fluvial e avião. Dos pontos de recrutamento, os soldados da borracha iam até Fortaleza, onde aguardavam o embarque que se dava por “grupos” ou “comboios”, divididos por “turmas” de trabalhadores. A viagem se dava por etapas – entre Fortaleza a Teresina, por caminhão e de Teresina a São Luís no Maranhão onde “se tomava um navio até Belém”. De Fortaleza percorriam 244 quilômetros na boleia de caminhão até Sobral (CE) onde se encontravam dois pontos. Depois dessa parada em Sobral, seguiam ainda em caminhão(382 quilômetros) até Tianguá, região serrana no Ceará. A estrada em declive produzia elevados índices de acidentes.¹²²”

No jornal eletrônico *Rede Brasil Atual* nos deparamos com o relato do seringueiro Joaquim Batista. Nesse relato, mesmo quando temos que considerar a intenção do narrador de nos comover e de se colocar como um sobrevivente, ele mostra como eram transportadas as pessoas e como muitos morriam no caminho:

¹²¹ MIRANDA, Gabriela Alves. *Doutores da Batalha da Borracha: os médicos do Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA) e o recrutamento de trabalhadores para os seringais em tempo de guerra (1942-1943)* / Gabriela Alves Miranda – Rio de Janeiro: [s.n.], 2013. p148.

¹²² Idem MIRANDA 2013. p 69

“Viemos em um barco imenso, que ia parando o tempo todo e era acompanhado por um avião do Exército. Eram umas 700 famílias, com mulheres, crianças e tudo, a maioria do Ceará, como nós. Quase todos morreram, muitos de malária. Quando a pessoa pegava a doença e começava a inchar, a gente já sabia que não tinha mais jeito.¹²³”

Na fala de um migrante Nordestino que não quis se identificar, ainda podemos notar a demora em instalar devidamente o trabalhador nas hospedarias: “Estou aqui aperrido deste cativo. Faz quatro dias que chegamos e nos aqui passando humilhações dentro desse caduco velho (navio velho). Raiva aqui é o que não falta.¹²⁴”

Aparentemente o imigrante ficou esperando no barco o rumo que deveria seguir, não sabemos ao certo, mas talvez as superlotações nas hospedarias, como foi citado por Benchimol, seja uma possível causa para que esses trabalhadores ficassem nos barcos, gerando insatisfação por parte dos imigrantes.

A precariedade do transporte e superlotação, ocasionavam problemas para os trabalhadores embarcados, em sua maioria em caminhões ou barcos, pois acredita-se que o uso de aviões para transporte de trabalhadores não tenha sido usado pela SEMTA, sim pelo corpo técnico, para adiantar a comunicação entre os órgãos governamentais, mas não para transporte de seringueiros, Gabriela Miranda destaca que ainda ocorriam acidentes:

“Era domingo, dia 25 de julho de 1943, e o dr. Elidio Ferrão se preparava para almoçar quando foi avisado que um caminhão do SEMTA transportando 35 homens havia capotado nas proximidades de São Francisco, Minas Gerais. Alguns dias antes, dia 21 de julho de 1943, esse mesmo médico, quando se dirigia para Sobral, se deparou com acidente de um caminhão do SEMTA capotado nas proximidades de Campo Maior, cidade a 83 quilômetros de Teresina, capital do Piauí.¹²⁵”

Indica ainda que quando ocorriam esses acidentes, a SESP não estava preparada para tratar desses problemas, improvisando no tratamento destes trabalhadores e no transporte para os hospitais¹²⁶.

¹²³Rede Brasil Atual. RBA(2014).Página consultada em 13 de maio de 2016 - <http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2014/05/ouro-branco-da-amazonia-a-historia-dos-soldados-da-borracha-9078.html>.

¹²⁴ BENCHIMOL, Samuel. Cap II- Nossa Gente: Ex Ante Ex Post. Amazônia: Um Pouco – Antes e Além Depois. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977. p 277.

¹²⁵ Idem MIRANDA, 2013. 150.

¹²⁶ MIRANDA, Gabriela Alves. Doutores da Batalha da Borracha: os médicos do Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA) e o recrutamento de trabalhadores para os seringais em tempo de guerra (1942-1943) / Gabriela Alves Miranda – Rio de Janeiro: [s.n.], 2013.p 152.

Conforme Joaquim Batista muitas pessoas morriam de malária, assim como também ao chegarem à região poderiam contrair doenças comuns no Amazonas como a febre amarela.

No entanto no *Relatório da Diretoria do Comercio do Amazonas* temos um parágrafo com o título *Vacina Contra a Febre Amarela* que aponta que os comerciantes, atravessadores, assim como industriários eram devidamente medicados contra a doença.

“Como está de todos, essa previdência sanitária, embora de grande oportunidade, gerava atropelos ao comércio, cujo os auxiliares, quando em viagem ou simplesmente ou simplesmente incumbidos de trabalho a bordo, deveriam estar munidos de atestado de vacinação anti-amarilica. Ocorria entretanto, que o serviço de vacinação contra a febre amarela aos interessados, em hora inadequada e na sua própria sede, do que resultava considerável perda de tempo. Procurando contornar esses inconvenientes, entrou em nosso Instituto em entendimento com o profissional encarregado daquele serviço, oferecendo – lhe uma de nossas salas, para ali ser feito, durante alguns dias, a vacinação dos elementos que labutam no comercio ou na indústria. Tudo ocorreu na melhor ordem possível, justificando as expressões de louvor, que tivemos oportunidade de endereçar ao médico encarregado daquele serviço, Dr. José de Abreu.¹²⁷”

No relato de Altina Lopes está expõe sua experiência ao atravessar do Nordeste para o Norte de Barco, narrando o trajeto que seguiu juntamente com sua família:

“Quando saíram de lá, que veio em Fortaleza, olha só em Fortaleza nós passamos o que, nós passamos um mês e 18 dias, esperando ter navio pra gente embarca, filha quando a gente veio de lá, a gente veio de navio, atravessou o oceano de lá pra cá...

“Aí a gente saiu de Belém, embarcou em Fortaleza era umas seis horas da manhã andamos, a noite todinha e quando amanheceu o dia a gente não via mais nem, só via aquela coisinha, parecia aquelas matinha bem miudinha, que dava pra ver que era mata. Nós passamos três dias só céu e água, céu e água, só via céu e água e mais nada.

Quando a gente veio, pra você vê como a coisa era ruim! Quando a gente veio morreu uma criança ali né, ali tinha muita gente pequena mais eu e o Benjamin, nos dois era pequeno.¹²⁸”

Altina Lopes continuou falando que a criança foi atirada ao mar, depois de ser embrulhada e amarrada a um ferro pesado, aterrorizada com cena, passou dias sem dormir, pensando no que teria acontecido com a criança.

Consuelo Ladislau conta que sua mãe migrante de Fortaleza ao se dirigir para os seringais, também teria reclamado das condições da viagem e também presenciou a

¹²⁷ Relatório da Diretoria da Associação Comercial do Amazonas. Ano social 1942. Rio de Janeiro, p. s/n – Arquivo da Biblioteca Nacional do Brasil.

¹²⁸ LIMA, Altina Lopes Lima. *Altina Lopes Lima*. depoimento [08 Maio. 2013]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2013.

morte de um homem que fora jogado no mar: “minha mãe de Fortaleza, mãe disse que quando vinha morreu um enrolaram e jogaram dentro da água, passava dias pra vim neles, mês, no oceano né... eu acho que o navio não era bem confortável não¹²⁹.”

Ainda que houvesse os esforços da Sesp em atender os migrantes e que nos contratos estivesse estabelecido que os guardas medicadores fossem os responsáveis por atender e medicar esses migrantes¹³⁰, mesmo que acompanhassem os navios, poucos eram os barcos que de fato contavam com médicos. Os migrantes eram transportados de modo negligente, principalmente em se tratando de assistência a saúde, por exemplo, tanto embarcados, quanto depois do desembarcar, em locais como Fortaleza ou Belém, ainda deviam esperar alguns meses para serem direcionados para o Amazonas.

Nas imagens abaixo encontradas nos *Relatórios Administrativos da Sesp*¹³¹ podemos verificar como eram transportados esses trabalhadores e trabalhadoras. Eles iam amontoados dentro de navios superlotados.



Vista do “State of Delaware”, no Porto de Belém, com 643 imigrantes, que se destinam aos seringais. Fevereiro 1944¹³².

¹²⁹ LADISLAU, Consuelo. Depoimento [10 Abril. 2016]. Entrevistadora: Jéssyka Sâmia, Manaus: Amazonas, 2016.

¹³⁰ Contrato de acordo de serviço médico entre SESP e a CAETA. 1943. p. s/n – Departamento de Arquivo e Documentação, Fiocruz, Rio de Janeiro.

¹³¹ Relatório Administração Sesp. Serie Organização e Funcionamento. 1944. p. s/n – Departamento de Arquivo e Documentação, Fiocruz, Rio de Janeiro.

¹³² Relatório Administração SESP. Serie Organização e Funcionamento. 1944. p. s/n – Departamento de Arquivo e Documentação, Fiocruz, Rio de Janeiro.



Outra Vista das acomodações Típicas dos imigrantes a Bordo. Fevereiro 1944¹³³.

Na entrevista de Antônio Pinheiro cearense, conta que foi para o Amazonas a trabalhar com sua família. Este relatou o seu incomodo com a espera na hospedaria que durava uns 20 dias “eu já estou aqui impaciente de estar ancorado aqui a mais de vinte dias¹³⁴” ao se referir à viagem revela insatisfação e vontade de não mais retorna daquela maneira:

“Acabava tudo seco também. Não tinha mais nada que desse para gente viver.(ao se referir ao Ceará)
Mas se eu soubesse como era a viagem, tinha vindo não. Ninguém me faz embarcar mais, agora que já conheço.”
“Não me aventuro de novo. Não quero mais saber dessa história de mar. Só volto agora de avião¹³⁵”.

Segundo Maria da Graças em sua pesquisa sobre migração nordestina para o Amazonas, a viagem realizada demonstrava um completo abandono, sendo transportadas em números absurdo de pessoas em condições semelhantes aos navios negreiros:

¹³³ Relatório Administração da SESP. Serie Organização e Funcionamento. 1944. p. s/n – Departamento de Arquivo e Documentação, Fiocruz, Rio de Janeiro.

¹³⁴ Entrevista Antônio Pinheiro. Entrevista realizada por Samuel Benchimol, Manaus: Amazonas, 1942. Publicada no Livro BENCHIMOL, Samuel. Amazônia: Um Pouco – Antes e Além Depois. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977

¹³⁵ Entrevista Antônio Pinheiro. Entrevista realizada por Samuel Benchimol, Manaus: Amazonas, 1942. Publicada no Livro BENCHIMOL, Samuel. Amazônia: Um Pouco – Antes e Além Depois. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977

“A viagem era longa e cansativa, em navios superlotados, sem o mínimo conforto, onde viajavam mais de mil pessoas, homens, mulheres e crianças, gerando caos e tumulto num moderno navio negreiro. A alimentação era de péssima qualidade. Ao chegarem a Belém e a Manaus a situação piorava. Muitos chegavam doentes, outros adoeciam nas pousadas onde eram jogados. Segundo os depoimentos dos "soldados da borracha", eles eram "amontoados como animais, sofrendo fome e humilhações". Nas pousadas ficavam esperando dias ou meses até chegarem aos seringais¹³⁶.”

A dificuldade encontrada em conseguir transporte pelas instituições responsáveis refletia na forma que os trabalhadores eram embarcados, ao passo que essas famílias eram embarcadas em condições precárias, a preocupação do governo central era de fato levar mão de obra aos seringais. Conforme *Relatório da Diretoria da Associação do Comercio no Amazonas*:

“A introdução de Imigrantes na Amazônia é termo axial na campanha de mobilização para seus seringais. Essa introdução feita em começo, apenas através da gratuidade de transporte entre os portos nordestinos e a Hinterlândia Amazônica, passou a constituir, no decurso dos últimos meses, detalhe principal do plano em Marcha para repovoamento dos seringais, com o objetivo de elevar, celeremente a produção da borracha.”¹³⁷

Ainda no tópico intitulado *a borracha e a guerra*¹³⁸ presente neste mesmo Relatório, apresenta explicações sobre os esforços da associação em manter a produção de borracha para exportação em alta a fim de beneficiar o governo de Getúlio Vargas.

No Jornal *A Folha Do Acre* de 1945 que narra a história de migrante nordestino Florentino, onde podemos perceber as implicações da viagem:

“Aqui aportou em Setembro de 1943, fazendo-se acompanhado de seus 9 filhos Genésio, Marçal, Humberto, Sidônio, Ivanise, Gesi, Verniaud, Mirabeu, e Miriam os três primeiro maiores e os últimas menores, sendo que esta última contava apenas com um ano de idade. Desde que a viagem começou no Rio Amazonas, a família começou a sofrer de febres e outras doenças o que esgotou completamente os poucos recursos que trazia consigo. Chegando ao Rio Branco doente, sem dinheiro, com os filhos em más condições e a esposa prostrada¹³⁹.”

¹³⁶ NASCIMENTO, Maria das Graças. Migrações Nordestinas para a Amazônia. Revista de Educação, Cultura e Maior Ambiente.- Dez.-Nº 12, Vol II, 1998. p12

¹³⁷ Relatório da Diretoria da Associação Comercial do Amazonas. Ano social 1942. Rio de Janeiro, p. s/n – Arquivo da Biblioteca Nacional do Brasil.

¹³⁸ Relatório da Diretoria da Associação Comercial do Amazonas. Ano social 1942. Rio de Janeiro, p. s/n – Arquivo da Biblioteca Nacional do Brasil.

¹³⁹ Jornal A Folha do Acre, 3 de Fevereiro de 1946. Encontra-se digitalizado no portal da Biblioteca Digital do Brasil. Hemeroteca digital.

Na matéria a esposa de Florentino não resiste e acaba vindo a falecer. Na realidade segundo os Relatórios da Sesp eram raros os barcos que tinham médicos, como apontamos anteriormente.

Para André Luiz em sua pesquisa evidencia que as condições dentro dos navios eram deploráveis, começando pela limpeza. Os trabalhadores e trabalhadoras eram tripulantes de terceira classe e por muitas vezes não havia água para tomar banho, nem um número de banheiros suficientes para uma tripulação que viajava abarrotada, visto o número de embarcados que sempre era superior ao número que o barco deveria comportar¹⁴⁰. Segundo o autor André Luiz:

“A negligência com os migrantes era comum e apresentava-se de diversas formas. Um testemunho informa que 800 trabalhadores aguardavam no porto quando uma violenta chuva desabou e deixou-os ensopados: nesse estado embarcaram, para passar a noite ao relento. Os atrasos se repetiam: certa vez, um navio com capacidade para 280 passageiros demorou seis dias atracado, com mil pessoas a bordo. Durante esse período de espera, 31 pessoas foram retiradas do navio e hospitalizadas; na chegada a Belém, 44 pessoas apresentavam sarampo. Quase nunca havia médico a bordo – guardas sanitários acompanhavam os migrantes. A maioria das mortes registradas em trânsito eram de crianças¹⁴¹.”

2.3- Homens e Mulheres Enviados para o Trabalho

Calcula-se que aproximadamente um número em torno de 150.000 migrantes em sua maioria nordestinos tenham se dirigido para a Amazônia, sendo que boa parte desses migrantes nordestinos teria ido para a Amazônia Ocidental. A Amazônia Ocidental corresponde àqueles territórios localizados nos estados do Acre, Amazonas, Rondônia e Roraima, durante o período da extração da borracha, sendo que esses recebiam a passagem de terceira classe conforme informa Benchimol, chegando a esse número através da análise dos registros do Porto de Manaus¹⁴².

Em um quadro mais detalhado Benchimol destaca o número de homens e mulheres que teriam se dirigido para o Amazonas durante o período da Segunda Guerra

¹⁴⁰ CAMPOS, André Luiz Vieira. Políticas Internacionais de Saúde na Era Vargas: o Serviço Especial de Saúde Pública, 1942-1960. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. p 150.

¹⁴¹ Idem, CAMPOS. p 150.

¹⁴² Ver capítulo 2.4. Números: Quantos Eram. BENCHIMOL, Samuel. Amazônia: Um Pouco – Antes e Além Depois. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977. p 248-251.

Mundial, novamente se utilizando dos dados estatísticos de entrada de passageiros nos portos da cidade de Manaus¹⁴³, conforme aponta:

Tabela 6 – Deslocamento Populacional para a Amazônia – 1941 – 1945

Ano	Homens	Mulheres	Total
1941	13.910	8.267	22.177
1942	17.928	9.023	26.951
1943	24.399	9.414	33.818
1944	27.139	10.287	37.426
1945	21.807	9.959	31.766
Total	105.183	46.955	152.138

Fonte: Benchimol, 1977.

Ainda sobre o número de migrantes nordestinos que se encaminhavam para a Amazônia Benchimol aponta com as devidas ressalvas aos dados colhidos, ressaltando que os dados do autor são dados aproximados através de estudos feitos por Benchimol nos Portos de Manaus:

“Desde modo, podemos estimar que nas duas Batalhas da Borracha, a primeira no período que vai de 1850 a 1915, cerca de 350.000 nordestinos buscaram a Amazônia; e na segunda, no período de 1941 a 1945, os imigrantes se aproximaram de 150.000. Sem muito exagero, mas com a devida cautela, eis que as estatísticas são falhas e contraditórias, seria possível avaliar, a grosso modo, um contingente de 500.00 nordestinos, altamente contributivo para a ocupação e o povoamento da Amazônia¹⁴⁴.”

Em matéria do *O Jornal* de 1946, demonstram um quantitativo de homens e mulheres que teriam atracado no porto de Manaus, essas estimativas presentes no *O Jornal* se aproximam bastantes das colocadas por Samuel Benchimol: “No decorrer do período de 1941/1945, entraram no porto de Manaus, procedente de diversos Estados de

¹⁴³ Tabela presente no livro BENCHIMOL, Samuel. BENCHIMOL, Samuel. Cap II- Nossa Gente: Ex Ante Ex Post. Amazônia: Um Pouco – Antes e Além Depois. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977 . p 249

¹⁴⁴ Ibidem, p 251.

Federação, do estrangeiro e de alguns municípios amazonenses, 152.138 passageiros, sendo 105.138 do sexo masculino e 46.955 do sexo feminino;¹⁴⁵”

As mulheres migrantes, ainda que em números menores, mas também predominantemente nordestinas, acompanharam seus maridos e suas famílias até os territórios onde os mesmos eram enviados para o corte da seringa. Devemos nos atentar que não são todas as mulheres que iram se dirigir até a área de seringal, pois segundo Verônica Secreto chama a atenção para a existência de hospedarias que abrigariam essas famílias e deveriam, segundo os contratos assinados garantir que receberiam um tratamento digno, realizariam serviços leves e receberiam uma quantia em dinheiro.

“Nas hospedarias, chamadas de “núcleos” longe dos maridos, entre pessoas estranhas e tendo que seguir normas e ordens antes desconhecidas, essas mulheres escreveram cartas angustiadas aos esposos.¹⁴⁶”

Na pesquisa de Secreto temos indícios de que essas mulheres estavam extremamente incomodadas com o tratamento que recebiam e começam a se revelar contra a diretoria do núcleo que administrava o local onde ficavam. Em cartas que se encontram no arquivo do Ceará, as mulheres reclamavam do tratamento que recebiam, vieram com esses seringueiros para ficar hospedadas nos núcleos, como neste caso no núcleo de Porongabussú onde haveriam 56 famílias¹⁴⁷.

Os migrantes deveriam receber alimentação e cuidados médicos nas hospedarias, antes de serem enviados para os seringais, como estabelecido:

“O Departamento Nacional de Imigração do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio e a Comissão Administrativa do Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia (CAETA), considerando os problemas de assistência médica relacionados ao recrutamento do pessoal a ser encaminhado do Nordeste para os seringais da Amazônia, assinaram acordo com a SESP entregando – lhe a responsabilidade de prestar assistência médica aos migrantes, nas hospedarias de Fortaleza, Belém e Manaus, assim como no trajeto entre esses pontos¹⁴⁸.”

¹⁴⁵ Jornal O Jornal, Domingo 10 de Fevereiro de 1946. Encontra –se digitalizado no Instituto Durango Duarte e Impresso na Biblioteca Publica do Amazonas.

¹⁴⁶ SECRETO, Maria Verônica. Soldados da Borracha: Trabalhadores entre o Sertão e a Amazônia no Governo Vargas. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo. 2007. Soldados da Borracha. Cap.A peça fundamental: o contrato.p.89

¹⁴⁷ Documento, presidência da Republica, coordenação da mobilização de trabalhadores para a Amazônia.

¹⁴⁸ Programa Cooperativo de Saúde Publica entre os governos do Brasil e dos Estados Unidos. Relatório Final dos Serviços da SESP. 1942-1960. p. s/n – Departamento de Arquivo e Documentação, Fiocruz, Rio de Janeiro.

A hospedaria de Flores construída em 1942 foi apontada no *Relatório da Associação do Comercio* como um dos locais selecionados pelo governo como responsáveis por receber esses trabalhadores na cidade de Manaus e onde segundo eles receberiam comida e cuidados até serem encaminhados para o local de trabalho:

“Como fruto da nova política do governo em relação ao problema migratório, podemos apontar a iniciativa da construção de uma grande hospedaria provisória na estrada de Flores, cujos trabalhos ainda estão em andamento.¹⁴⁹”

Foi em hospedarias como essas, na cidade de Manaus, onde Samuel Benchimol encontrou seus entrevistados e entrevistadas como no “alojamento do Trapiche Texeira e no Leprosário do Aleixo”¹⁵⁰, onde os migrantes esperavam para serem transferidos para os interiores do Amazonas. Sobre a ótica do autor podemos ter uma dimensão de como eram esses alojamentos:

“Por especial gentileza de Carlos Mendonça, administrador do Leprosário do Aleixo, onde estão alojados os nordestinos, fui num dia 16 de setembro visitar essa concentração de imigrantes. Deparamos com a configuração irregularíssima do terreno, o que estranhei bastante, pois não há razão para tal. O governo federal investiu lá mais de três mil contos de réis na construção desse leprosário modelo, que já está pronto e provisoriamente cedido aos imigrantes nordestinos. Para mais de mil imigrantes acham –se ali instalados. Em comparação com o velho Trapiche Texeira, onde se localizaram as primeiras levas, aquilo deve ser um paraíso. Cada família tem o seu quarto, com armadores. Existem 14 pavilhões, tendo cada pavilhão 14 quartos, com capacidade para 4 armadores, o que dá uma lotação de 784 pessoas bem agasalhadas. Mas acontece que as famílias são numerosas e se alojam muito mais do que isso.¹⁵¹”

Além de apontar irregularidades como a questão da superlotação, Benchimol segue evidenciando que muitos imigrantes não desejavam se instalar no Trapiche do Teixeira, devido sua localização mais distante da cidade e porque no Leprosário dispunham de maior estrutura, além dos rios próximos, entre outros¹⁵².

Para as mulheres a iniciativa de migrar se tornava bem mais difícil. Sair do Nordeste em direção a Amazônia em busca de novas oportunidades era alguma coisa que não parecia ser possível. No entanto encontramos mulheres que mesmo resistentes à ideia de sair de suas regiões, abraçam essa iniciativa em geral já tomadas por seus

¹⁴⁹ Relatório da Diretoria da Associação Comercial do Amazonas. Ano social 1942. Rio de Janeiro, p. s/n – Arquivo da Biblioteca Nacional do Brasil.

¹⁵⁰ BENCHIMOL, Samuel. BENCHIMOL, Samuel. Cap II- Nossa Gente: Ex Ante Ex Post. Amazônia: Um Pouco – Antes e Além Depois. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977 p. 257.

¹⁵¹ Idem, 1977.p 265, 266.

¹⁵² Idem, 1977. p 266.

maridos, e as vezes partiam delas a tomada de decisão de quanto tempo ficar na região, do trabalho que iriam realizar para a sobrevivência, entre outros afazeres.

Muitos foram os registros referentes a propagandas acerca da borracha e alguns migrantes as levaram em consideração na hora de tomar a decisão de se dirigir à Amazônia. Seu Raimundo Nogueira saiu do Ceará para o Amazonas: “ Eu era soldado mesmo, soldado da borracha, eu sou, por que naquela época eu tinha idade, e alistado, o processo tá lá no exército”. Ele atesta seu descontentamento ao chegar aos seringais e perceber que não se tratava daquilo representado nos contratos “eu queria dinheiro, mas só vi borracha¹⁵³”.

Frederico Alexandre enfatiza ainda que o Pouso do Aleixo ficaria duas horas de barco de Manaus, e posteriormente foi construído uma estrada de acesso de 20 quilômetros para esse pouso, isso partindo do centro da capital. Ressalta a distância das instalações como mecanismo para manter esses imigrantes afastados da sociedade já que teriam má fama, é bem comum nos jornais da década de 1940 os imigrantes serem retratados como arigós¹⁵⁴ que cometem furtos ou fazem arruaça¹⁵⁵. Todavia o autor destaca que a distância servia também para evitar possíveis fugas e resistência que ocorriam quando eram enviados para a extração da borracha¹⁵⁶.

Na certeza que ao chegarem à Amazônia encontrariam outra realidade, muitos foram com suas famílias onde encontramos duas visões interessantes da migração para o Norte, que era o local para onde o homem estaria mais disposto a migrar, seja pela oportunidade do “dinheiro fácil”, ou pelas condições registradas pelo governo nos contratos ou ainda pela seca que assolava o Nordeste tornando difícil viver da agricultura naquelas regiões.

Sebastião Constantino, quem foi do Rio Grande do Norte, enfatizou como a propaganda era forte na região onde morava aguçando o imaginário daqueles trabalhos em busca de uma realidade diferente:

“O alvoroço por toda parte era grande prá vir. Por onde eu passava os meus amigos perguntavam se eu não vinha pro Amazonas. Era só

¹⁵³ Nogueira, Raimundo. *Raimundo Nogueira*. depoimento [06 Abril. 2014]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2014.

¹⁵⁴ Arigó, eram chamados os imigrantes nordestinos recém chegados. Nos Jornais esse termo eram usados de forma pejorativa ao se referirem aos imigrantes arigós, colocavam como matutos, arruaceiros.

¹⁵⁵ Jornal do Comercio, 31 de Outubro de 1945. Encontra-se na biblioteca publica de Manaus e digitalizados no portal do Jornal do Comercio.

¹⁵⁶ LIMA, Frederico Alexandre de Oliveira. Soldados da Borracha, das vivências do passado às lutas contemporâneas. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013. p 89.

chegar e enricar. Se fazia 500\$ em poucos dias. Com essa influência eu também me dispus a vir¹⁵⁷”

Sebastião possuía trabalho no Rio Grande do Norte e largou tudo neste período para ir para o Amazonas, após seis meses o discurso viria se transforma em arrependimento:

“Hoje estou arrependido. Faz uns 6 meses que cheguei. Fui logo trabalhar na agricultura, no Curari¹⁵⁸, peguei muita febre, estranhei muito por que só andava em cima d’água, numa canoa, eu que estou acostumado há passar o dia inteiro em cima dum animal.¹⁵⁹”

Antônia Ferreira, trabalhadora que tinha ficado em uma hospedaria na cidade de Manaus devido a seu marido se encontrar enfermo, manifesta as dificuldades que enfrentava nesse período juntamente com sua família:

“Nós trabalhava na agricultura. Eu ajudava o meu marido. Vim mais ele e um filho. Mas não vivíamos na miséria. Mas meteram na cabeça do meu marido para vir que esse homem enlouqueceu. Ele por si só não viria, pois é um homem acanhado. Eu tive que acompanhar ele.¹⁶⁰”

Antônia Ferreira veio da Paraíba com o marido e o filho, o seu posicionamento reflete a sua posição contrária a migração, no entanto tinha a necessidade de acompanhar o marido “acanhado”. Segundo Margareth Rago a mulher em sua narrativa sempre desperta para a família, dessemelhança do homem que se coloca no centro da narrativa, no centro daquilo que é contado, a mulher tem uma preocupação maior em precisar a história da família como um todo.

Como estamos analisando entrevistas de homens e de mulheres, é importante atentar para a diferença da Narrativa de ambos os gêneros, dentro daquilo que estamos demonstrando o sentimento em relação à mudança a migração¹⁶¹, para Michele Perrot justamente por isso a narrativa de mulheres torna-se uma das fontes mais ricas, pois

¹⁵⁷ Sebastião Constantino. Entrevista realizada por Samuel Benchimol, Manaus: Amazonas, 1942. Publicada no Livro BENCHIMOL, Samuel. BENCHIMOL, Samuel. Cap II- Nossa Gente: Ex Ante Ex Post. Amazônia: Um Pouco – Antes e Além Depois. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977. p 284.

¹⁵⁸ Iha de Curari, fica próxima ao município de Careiro da Várzea

¹⁵⁹ Entrevista Sebastião Constantino. Entrevista realizada por Samuel Benchimol, Manaus: Amazonas, 1942. Publicada no Livro BENCHIMOL, Samuel. BENCHIMOL, Samuel. Cap II- Nossa Gente: Ex Ante Ex Post. Amazônia: Um Pouco – Antes e Além Depois. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977. p 285.

¹⁶⁰ Entrevista Antônia Ferreira. Entrevista realizada por Samuel Benchimol, Manaus: Amazonas, 1942. Publicada no Livro BENCHIMOL, Samuel. Samuel. Cap II- Nossa Gente: Ex Ante Ex Post. Amazônia: Um Pouco – Antes e Além Depois. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977

¹⁶¹ RAGO, Margareth. A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade.. Campinas: Unicamp, 2013. p 281.

suas memórias seguem mais em torno da família, mas também de seus sentimentos e suas vidas¹⁶².

Quando nos deparamos com a entrevista de Antônia Ferreira confirmando como sua desconfiança estaria certa em relação ao trabalho na região e ainda sua insatisfação com a decisão do marido, mesmo contrariada Antônia assumi a família frente às dificuldades:

“Nós vínhamos para a colônia do Chinês. Tínhamos casa e auxílio para plantar. Não houve esse que não quisesse vir. Nós chegamos aqui e não vimos nada. Bem feito, agora ele está doente, sem poder trabalhar, agora eu estou cortando lenha no mato pra sustentar a família. Já fiz o meu roçado¹⁶³”

Ainda contrariada Antônia Ferreira evidenciava sua recusa em relação à decisão do marido em retornar novamente para o interior do Amazonas:

“Ele ainda está com uma conversar de ainda ir pro interior logo que melhore. Eu já disse que não acompanho. Daqui só pra trás. Não tomo nem uma canoa mais pra cima. Só Deus sabe o que tenho sofrido desde que embarquei. Se me desse passagem para voltar, eu voltaria mesmo que fosse para morrer no mesmo dia que chegasse lá. Era até capaz de abandonar meu marido para voltar para a minha terra. Isso é terra desgraçada, só tem doença e febre, mas lá só se falava nas bondades dela...¹⁶⁴”

As mulheres foram para a Amazônia acompanhar seus maridos e filhos, no entanto percebemos que essas mulheres tem consciência e não se deixam diminuir frente à dominação masculina, se por um lado temos algumas entrevistas de mulheres tristes por não desejarem migrar, percebemos também mulheres que se sobrepõem à vontade de seus maridos como o caso de Antônia Ferreira e ainda mulheres que tinham interesse de “enricar” de ter novas oportunidades no trabalho na nova região como o caso desta entrevistada que não quis se identificar.

Ela encontrava-se na hospedaria, mas destaca ter sido seu marido “que meteu na cabeça essa história de vir pra cá”, no entanto demonstra interesse em trabalhar na

¹⁶² PERROT, Michelle. Os excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 4ª. Ed., 1988.

¹⁶³ Entrevista Antônia Ferreira. Entrevista realizada por Samuel Benchimol, Manaus: Amazonas, 1942. Publicada no Livro BENCHIMOL, Samuel. Samuel. Cap II- Nossa Gente: Ex Ante Ex Post. Amazônia: Um Pouco – Antes e Além Depois. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977. p 281

¹⁶⁴ Entrevista Antônia Ferreira. Entrevista realizada por Samuel Benchimol, Manaus: Amazonas, 1942. Publicada no Livro BENCHIMOL, Samuel. Samuel. Cap II- Nossa Gente: Ex Ante Ex Post. Amazônia: Um Pouco – Antes e Além Depois. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977. p 281.

região “parece que vou me dar bem com essa terra¹⁶⁵”. Seus desejos e vontades se colocam em evidência, as mulheres assumiram o protagonismo de suas próprias vidas e histórias.

Libório Gonçalves, migrante cearense, em sua entrevista demonstra como muitas pessoas foram para região, entre trabalhadores de diversas profissões o que chama atenção é sua narrativa sobre a ida das mulheres:

“As mulheres é que não gostam de embarcar. Pôr o pé no navio é a mesma coisa que estar no fiel da morte. Muitas delas dizem que preferem a morte a vir prá cá. Vem que nem bode quando se puxa prá beira d’água. Mas há também muita mulher de coragem que vem comboiando os maridos medrosos¹⁶⁶.”

A tomada da decisão de partir do Nordeste para o Norte podia até partir do marido, como muitas dizem que “tem que acompanhar seus maridos”, isso não significa que essas mulheres não tomassem decisões em relação a suas famílias e ao trabalho, como mostramos acima.

E ainda assim, estavam aquelas que se recusaram a sair da região de origem, conforme notamos na entrevista de imigrante: “- O meu pai já teve 8 anos no Amazonas, mas não houve jeito de trazer minha mamãe. Ele pelejou que cansou, mas ela disse que ninguém fazia ela embarcar. Preferia morrer de seca do que vir embarcada¹⁶⁷”.

E é evidente que a migração de uma região para a outra causa estranhamento. Como dito acima a mulher em suas narrativas coloca sua família em primeiro lugar, logo deixa seu lugar de origem e por vezes deixando parte da família para trás para acompanhar o esposo, o que lhe causa insegurança, além do medo do que poderia encontrar do outro lado, na outra região em que iria trabalhar, Consuelo Ladislau fala de parte da família de sua mãe que teria ficado para trás no Nordeste: “ainda ficou uma irmã dela lá, Nazaré perderam contato, que tava estudando disque! que pena né? é difícil

¹⁶⁵ A entrevistada não quis se identificar. Entrevista realizada por Samuel Benchimol, Manaus: Amazonas, 1942. Publicada no Livro BENCHIMOL, Samuel. Amazônia: Um Pouco – Antes e Além Depois. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977. p 265

¹⁶⁶ Entrevista Libório Gonçalves. Entrevista realizada por Samuel Benchimol, Manaus: Amazonas, 1942. Publicada no Livro BENCHIMOL, Samuel. Samuel. Cap II- Nossa Gente: Ex Ante Ex Post. Amazônia: Um Pouco – Antes e Além Depois. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977. p 292.

¹⁶⁷ O entrevistado não identificado. Entrevista realizada por Samuel Benchimol, Samuel. Cap II- Nossa Gente: Ex Ante Ex Post. Manaus: Amazonas, 1942. Publicadas em 1977.p 277.

né? por que naquele tempo era difícil procurar, não tinha comunicação, ela tava estudando ai ela ficou com irmão da mamãe¹⁶⁸”.

Não estamos afirmando que essas mulheres não estranham o ambiente totalmente diferente de ambas as regiões. Na realidade as condições que essas mulheres ficaram, implicaram em que muitas não se acostumassem com a nova realidade como aponta Maria Otávia natural de João Pessoa, migrante da Paraíba:

“O meu marido logo que chegou começou a trabalhar de pedreiro, condutor de bonde, mas depois foi seduzido para tirar pau rosa. Ele sempre me escrevia. Passou uns 4 meses sem dar notícias. Os companheiros me disseram depois que tinha morrido. Para mim, mataram o probrezinho. Agora estou aqui sem saber o que fazer.¹⁶⁹”

Maria Otávia se viu sozinha na cidade de Manaus e sem ter como voltar para sua terra natal. Sem notícias sobre o paradeiro do marido Maria Otávia narrava seu desejo de voltar para sua terra, pois sozinha não desejava ficar naquela terra: “não vou pro interior. Basta o que sofri por aqui. Só não volto porque não posso. Não sei o que vou fazer da minha vida¹⁷⁰”.

Na análise de Benchimol acerca da migração feminina¹⁷¹, o autor preocupou-se em mostrar a situação dessas nordestinas quando chegam na região para trabalhar. Em sua pesquisa o autor buscou demonstrar como a migração causa um rompimento maior para a mulher do que a para o homem.

Ressalta ainda que quando essas mulheres se habituavam á terra, nas diversas regiões do Amazonas, tornaram-se um elemento que fixara o nordestino ao local. Neste sentido divide o migrante em dois casos, os que viriam só em busca de fortuna e os que viriam fugidos da seca, trazendo suas famílias, que já zangados com suas situações de miséria no Ceará, não desejam voltar, em ambos os casos, o autor fala da preocupação desse migrante com ambiente, com as doenças e perigos da região, de perder a família ao chegar na região.

¹⁶⁸LADISLAU, Consuelo. Consuelo Ladislau [10 Abril. 2016]. Entrevistadora: Jéssyka Samya, Manaus: Amazonas, 2016.

¹⁶⁹ Entrevista Maria Otávia. Entrevista realizada por Samuel Benchimol, Manaus: Amazonas, 1942. Publicada no Livro BENCHIMOL, Samuel. Amazônia: Um Pouco – Antes e Além Depois. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977 . p 280.

¹⁷⁰ Entrevista Maria Otávia. Entrevista realizada por Samuel Benchimol, Manaus: Amazonas, 1942. Publicada no Livro BENCHIMOL, Samuel. Amazônia: Um Pouco – Antes e Além Depois. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977. p 280.

¹⁷¹ BENCHIMOL, Samuel. Amazônia: um pouco – antes e além depois. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977. Cap. II Nossa gente: Ex - Antes e Ex-Post: O perfil antropogeográfico do “Cearense” Imigrante na Amazônia - A Mulher e a Família do Imigrante. P187 a 198.

Dentre os vários perfis de trabalhadores que Benchimol traçou, num deles o autor mostrou uma visão do cearense enquanto braço de trabalho aventureiro, em busca de melhorias de vida. Para este trabalhador, levar consigo suas mulheres, ou melhor, a família inteira consistiria num agravante durante sua locomoção, seu trabalho porque “passa a ter obrigação” e responsabilidade “perde com isso muito de sua coragem e de sua audácia face aos azares e imprevistos”¹⁷² que poderia ter dentro da floresta.

A visão de Benchimol é passível de uma análise mais sensível em relações a essas questões abordadas acerca dos seringueiros que chegavam sozinhos e daquele que chegava com a sua família: “Psicologia – trampolim do homem pioneiro. Passa a ter “obrigação” e responsabilidade, de forma que perde com isso muito de sua coragem e de sua audácia face aos azares e imprevistos”¹⁷³”.

Primeiramente o seringueiro já tem uma história de migração vinculada com a Amazônia desde o primeiro ciclo da borracha. A grande diferença nesse segundo momento trata-se dos contratos assinados, do alistamento dos soldados da borracha, documentos esses que asseguravam que esses trabalhadores teriam seus direitos reconhecidos.

Muito mais que um aventureiro o seringueiro é um trabalhador. A meu ver com a profunda seca que se deu no Nordeste nesse período, esses trabalhadores buscaram alternativas, que não se restringiam só na ida para o Amazonas, mas também para outras regiões como São Paulo,¹⁷⁴ por exemplo. A migração seria muito mais uma necessidade do que uma aventura. Embora a tentativa de procurar por oportunidades em outras regiões do País, alguns, admitiam ter ido por influência das propagandas e facilidade de conseguir transporte para a região de forma gratuita. Analisando as entrevistas colhidas por Samuel Benchimol, boa parte dos homens entrevistados citam as propagandas, ou os boatos que chegavam ao Nordeste, sobre as facilidades de ganhar dinheiro no Amazonas, como o aponta o entrevistado Alfredo Constantino:

“Vim por influência. Eu era agricultor no sítio com minha família. Parece que o diabo me tentou. Começou a correr os boatos, que os

¹⁷² Idem. Amazônia: um pouco – antes e além depois. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977. Cap. II Nossa gente: Ex - Antes e Ex-Post: O perfil antropogeográfico do “Cearense” Imigrante na Amazônia - A Mulher e a Família do Imigrante. P 187- 188.

¹⁷³ BENCHIMOL, Samuel. Amazônia: um pouco – antes e além depois. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977. Cap. II Nossa gente: Ex - Antes e Ex-Post: O perfil antropogeográfico do “Cearense” Imigrante na Amazônia - A Mulher e a Família do Imigrante. P187 a 198.

¹⁷⁴. SARAIVA, João Gilberto Neves. Todo Nordeste que Couber A gente Publica: O The New York Times e as Representações do Nordeste Brasileiro na Era da Política de Boa Vizinhança. (1933-1945). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.p.59.

jornais espalhavam que no Amazonas precisava-se de agricultores, que todos nos iríamos ter terra e auxílio do governo para plantar.¹⁷⁵”

A respeito do trabalho no decorrer da entrevista fica notório o estranhamento com a região e a insatisfação com o trabalho: -“Eu não dou para viver alugado. Quem se freta é navio. Gosto de trabalhar para mim¹⁷⁶”. Alfredo, como muitos outros trabalhadores, amargou os problemas de trabalhos que a região enfrentava, bem diferente das propagandas e dos boatos, logo perceberam que não seria tão fácil “enricar” através da extração do látex.

No entanto o que percebemos segundo as fontes é que as famílias na verdade acabaram criando uma rede de possibilidades para o trabalhador que outrora quem viajava sozinho não tinha. Se no primeiro ciclo da borracha o ambiente era em sua maioria formado por homens, ressaltamos que não só as migrantes mais também as mulheres já nascidas na região, possibilitaram um ambiente de trabalho diferenciado. Podemos dizer que havia uma organização de tarefas diferenciada entre homens e mulheres.

No segundo momento, no que podemos chamar de novo ciclo da borracha a entrada de famílias nessas regiões seria inicialmente estratégia dos donos de seringais, pois segundo Ellen Woortmann os seringalistas criavam estratégias de manter os seringueiros presos ao modo de trabalho, evitando que eles saíssem das colocações.

“Outras formas mais violentas foram também utilizadas no sentido de imobilizar a força de trabalho, isto é, de impedir o abandono dos seringais. Alegando que os que tentavam fugir eram devedores¹⁷⁷.”

Segundo a autora uma destas estratégias foi permitir a entrada das mulheres nos seringais, pois os seringalistas entendiam que o homem acompanhado com toda família, não fugiria da colocação com tanta facilidade. Seria mais uma estratégia de mantê-lo preso ao local de trabalho.

“Mas houve ainda outro remédio: para conter a "sangria" de homens permitiu-se a entrada de mulheres nos seringais (além daquelas que faziam parte das referidas famílias de trabalhadores indígenas¹⁷⁸).”

¹⁷⁵ Benchimol, 1977 pag 167, 168

¹⁷⁶ Idem 1977, p 267,268.

¹⁷⁷ WOORTMANN, Ellen F. . Família, Mulher e Meio Ambiente no Seringal. In: Ana Maria Niemayer; Emilia Pietrafeza Godoi. (Org.). Além dos Territórios: por uma troca entre a etnologia Indígena. Os estudos rurais e estudos urbanos. 1ed.São Paulo: Editora Mercado das Letras, 1998, v. 1, p 17p16

¹⁷⁸ Idem, WOORTMANN, Ellen F. p 17

Na realidade essa estratégia de manter o seringueiro preso à colocação nos aponta que o ambiente no seringal viria a se modificar, tendo em vista que se fosse preciso esses trabalhadores fugiam como também o trabalho feminino nos seringais, o que acabou ganhando uma nova dimensão, como trataremos mais a frente.

O trabalho das mulheres dentro das colocações passou por um longo período de invisibilidade dentro da historiografia. Aqui tentamos delinear como o trabalho dessas mulheres foi fundamental dentro das matas Amazônicas.

Capítulo III

Mudanças no cotidiano de trabalho

*Tornar o movimento visível rompe o silêncio acerca do mesmo, desafiar noções dominantes, e abrir novas possibilidades para todos.
(Joan Scott)*

Ao tratar sobre a presença feminina na região amazônica, Mônica Lage nos diz que no século XIX a mesma se encontrava em torno dos grandes centros, ou nas comarcas mais próximas dos seringais, a fim de mostrar que tinham mulheres nos seringais nesse período, mas não necessariamente trabalhando dentro das matas:

“Entretanto, essa mesma literatura também indica que os homens que vieram em uma posição melhor, como patrões, profissionais liberais, cultores de letras e comerciantes, em sua grande maioria se fizeram acompanhados por mulheres e filhos, só que nem todas elas adentraram na mata, muitas preferiram estabelecer suas moradas nos “grandes centros” ou nas comarcas mais próximas aos seringais¹⁷⁹.”

Conforme à autora estas mulheres das classes médias encontradas nos grandes centros, eram diferenciadas das mulheres mais pobres. Essas mulheres representavam uma posição de privilegio e que tinham condições de mantê-las. Já as camadas mais pobres da região mal tinham roupas para usar. Dentro da região da mata, o número de mulheres era menor, sendo ainda predominante o número de homens dentro das áreas em que eram cortadas as árvores de seringa.

Dentro das matas o seringueiro, realizava a principal tarefa no período de XIX para XX, sendo que o corte da seringueira para a coleta da goma era algo que exigia tempo e esforços.

As árvores ficavam afastadas umas das outras, só o trabalho de recolher a seringa poderia durar um dia e uma noite toda, depois transformariam o látex em pele da borracha, trabalho realizado nas colocações, conforme enfatiza Raimundo Nogueira:

“Cortava seringa, com faca de seringa, faca de corta de seringa, não é faca de corta peixe não. Faca de seringa, você corta riscando a madeira, coloca tigela, passa o dia na mata, sai de madrugada quatro horas, 4 e 30, 3 horas, com porunga que você chama, pra alumia.

¹⁷⁹ LAGE, Mônica Maria Lage. Mulheres e Seringal: Um olhar sobre as mulheres nos seringais do Amazonas (1880-1920). Dissertação (Mestrado em História)- Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.p. 22.

Aí lá na mata, quando é quatro horas da tarde, que vem chegar com o leite, tem que dar duas voltas na estrada¹⁸⁰.”

O trabalho com a seringa era algo que demandava muito tempo, os cortes eram realizados no verão amazônico de maio a novembro, antes do nascer do sol, este trabalhador já levantava e partia para o corte da seringa.

Além do trabalho cansativo da retirada do látex, tinham as implicações da defumação. Temos que levar em consideração que muitos trabalhadores adoeceram com problemas pulmonares e malária, que sofriam de desnutrição devido à falta de consumo de alimentos frescos, pois mesmo morando na mata, somente tinham tempo para o corte da seringa, os preços do instrumento para caçar ou pescar eram muito altos, o que faziam com que consumissem somente produtos dos barracões¹⁸¹.

Após esse processo, teriam ainda que levar aquilo que era produzido rumo aos barracões para realizar a pesagem e adquirir bens básicos, como comida e ferramentas, aumentando sua dívida, pois o seringueiro já chegava aos seringais devendo as ferramentas para o patrão e outras mercadorias necessárias para alimentação e vestimentas.

Já em 1940, conforme colhido nos *Relatórios da Diretoria de Comércio do Amazonas*, não era somente a borracha a que tinha valor comercial para o comércio de exportação e para o abastecimento de bens alimentícios, principalmente para a cidade de Manaus, havia uma preocupação em enviar certa quantidade de outros bens cultivados nas áreas de floresta, tais como castanha, milho, entre outros.

Importava também para a região, que outros bens de consumo fossem produzidos naqueles espaços, sobretudo com crise da borracha questionam-se sobre a atenção que deveria receber outros alimentos, ou matérias primas como pau-rosado. Para isso através do *Departamento de Assistência a Agricultura*¹⁸² distribuía-se mudas de sementes para que fosse realizado seu plantio em solo Amazonense visando desenvolver a agricultura e coleta desses produtos:

¹⁸⁰ NOGUEIRA, Raimundo. Raimundo Nogueira. Depoimento [06 Abril. 2014]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2014.

¹⁸¹ WOORTMANN, Ellen. Família, Mulher e Meio Ambiente no Seringal. In: Ana Maria Niemayer; Emilia Pietrafesa Godoi. (Org.). Além dos Territórios: por uma troca entre a etnologia indígena. Os estudos rurais e estudos urbanos. São Paulo: Editora Mercado das Letras, 1998. p.12 – 14.

¹⁸² Relatório da Diretoria da Associação Comercial do Amazonas. Ano social 1942. Rio de Janeiro, p. s/n – Arquivo da Biblioteca Nacional do Brasil.

Tabela 7 – Quantidades de mudas distribuídas nos interiores do Amazonas entre 1936 – 1940

Ano 1936 – 1940		
Mudas de seringueiras distribuídas	Mudas de seringueiras distribuídas	Mudas de seringueiras distribuídas
Mudas de castanheiras distribuídas	Mudas de castanheiras distribuídas	Mudas de castanheiras distribuídas
Mudas de Vegetais diversos distribuídas	Mudas de Vegetais diversos distribuídas	Mudas de Vegetais diversos distribuídas

Fonte: Relatório da Diretoria da Associação Comercial do Amazonas. 1942

Essas mudas continuaram a ser distribuídas segundo os relatórios de 1940 a 1946 em diante, a fim de utilizar esses bens de consumo para a exportação e abastecimento sobretudo da cidade Manaus.

Tabela 8 – Quantidades de mudas distribuídas no Amazonas – 1944

Ano 1944		
Mudas de seringueiras distribuídas	Mudas de seringueiras distribuídas	Mudas de seringueiras distribuídas
Mudas de castanheiras distribuídas	Mudas de castanheiras distribuídas	Mudas de castanheiras distribuídas
Mudas de Vegetais diversos distribuídas	Mudas de Vegetais diversos distribuídas	Mudas de Vegetais diversos distribuídas

Fonte: Relatório da Diretoria da Associação Comercial do Amazonas. 1944

Além das mudas que constam na tabela, ainda foram enviadas mudas de cana, juta, coqueiros e capim¹⁸³.

¹⁸³ Relatório da Diretoria da Associação Comercial do Amazonas. Ano social 1944. Rio de Janeiro, p. s/n – Arquivo da Biblioteca Nacional do Brasil.

A Castanha se tratava de um importante gênero alimentício da região Norte, por volta de 1940 e até depois da queda na exportação da borracha seria um dos pilares da economia da região¹⁸⁴. Sua produção oscilou um pouco no período da Segunda Guerra, mas volta a ter um crescimento por volta de 1946, sobretudo no Estado do Pará, conforme podemos perceber no quadro abaixo:

Tabela 9 - Produção nos Estados do Acre, Amazonas e Pará de castanha-do-pará com casca no período de 1940–1950.

Ano	Exportação	Ano	Exportação
1855	2.197	1866	5.434
1856	1.906	1867	5.827
1857	1.809	1867	5.827
1858	2.242	1869	5.876
1859	2.674	1870	5.602
1860	2.672	1871	6.756
1861	2.515	1872	8.218
1862	3.555	1873	8.291
1864	3.466	1875	7.730
1865	3.546		

Fonte: Produção Extrativa Vegetal e Silvicultura(1994); Produção da Extração Vegetal (2012)

Interessante ressaltar mesmo a pesquisa tratando das mulheres nos seringais, destacamos que no filme “No paíz do Amazonas” o diretor Silvino Santos¹⁸⁵ retrata o trabalho feminino dentro de uma fábrica responsável pela exportação de castanha, onde aparecem mulheres trabalhando na mesma. A fábrica estava localizada na cidade de Manaus. Benta Praia¹⁸⁶ aponta que as mulheres eram vigiadas para que tivessem grande agilidade no manuseio do produto, as trabalhadoras recebiam por produção, logo eram estimuladas a trabalhar mais, levando em consideração que boa parte dessas mulheres

¹⁸⁴ HOMMA, Alfredo, MENEZES, Antônio. Avaliação de uma indústria beneficiadora de castanha-do-para, na microrregião de Cametá. Estado do Pará. In Extrativismo vegetal na Amazônia : história, ecologia, economia e domesticação /editor técnico, Alfredo Kingo Oyama Homma. – Brasília, DF : Embrapa, 2014.p 201.

¹⁸⁵ SANTOS, Silvino. No Paiz do Amazonas. Brasil,1922.(72 minutos) Mudo. P&B.

¹⁸⁶ PRAIA,Benta Litaiff. Meninas nos Mundos do Trabalho Feminino: Outras Imagens da Manaus da Borracha (1910-1930). In Gênero e Imprensa na História do Amazonas/ Organização de Maria Luiza Ugarte. Manaus: EDUA, 2014. p 73.

que na época trabalhavam em fábricas em Manaus eram de origem pobre. O trabalho era exaustivo e estas passavam bastante tempo trabalhando no manuseio da castanha.

A Castanha tem importante função dentro dos seringais para as trabalhadoras, sendo deste produto aproveitado desde a casca, para queima e defumação da borracha, até sua polpa na fabricação de leite, além de sua coleta para venda, conforme veremos mais à frente.

É importante ressaltar que esses quadros de bens de abastecimento estavam ganhando maior ênfase por parte do Estado do Amazonas, pois boa parte desse trabalho de agricultura estava intimamente ligado aos trabalhos realizados por mulheres. Salientamos que embora nos *Relatórios de Assistência à Agricultura* tenham preocupação em cultivar dentro dos seringais outras espécies de mudas para que fossem enviadas para a cidade de Manaus, nos locais onde trabalhavam os seringueiros os patrões exigiam que fosse dada uma atenção maior para borracha.

No entanto a grande questão é que, uma vez que esses alimentos eram produzidos assim como a borracha, deveriam ser encaminhados para troca nos barracões, a fim de diminuir a dívida dessas famílias perante os patrões. Os trabalhadores deveriam receber um quite ao chegar nos locais para trabalhar e esses quites já eram incluídos na dívida com barracão.

Esses trabalhadores que também produziam outros alimentos para serem trocados no barracão acabavam obtendo pouco ou nenhum lucro. Esse sistema no Amazonas beneficiava os patrões e foi um dos mais duradouros na região. Funcionava de modo que o trabalhador sempre saía prejudicado ao negociar com o barracão. Cristina Wolff, define bem como funcionava esse comércio na década de 1940:

“A grande questão é que, apesar de ganhar com a seringa muito mais dinheiro do que poderia obter no Nordeste, o seringueiro aqui era obrigado a gastar muito mais com sua subsistência, pois qualquer mercadoria era vendida nos barracões a um preço muito maior do que nas cidades, as vezes 200% mais caro. Além disso, a troca não era normalmente mediada pelo dinheiro, o qual o seringueiro somente obtinha ao final do período de corte, se lograsse ter saldo em sua conta – corrente, na qual eram debitadas suas compras no barracão e creditada a borracha produzida. Isso se o patrão ainda se dispusesse a pagar o saldo, pois são muitos os relatos de brigas entre patrões e seringueiros que cobravam seus saldos. O monopólio que o patrão manteve nessa troca com os seringueiros, reforçado pelo contrato – padrão imposto pelos órgãos governamentais na Batalha da Borracha, e a incompetência desses mesmos órgãos na fiscalização dos abusos,

garantia essa troca desigual que fazia com que fosse difícil para um seringueiro liberta – se da eterna dívida com o patrão¹⁸⁷”.

Uma vez que, logo que esses trabalhadores chegavam aos seringais, eram obrigados a consumir nos barracões dos patrões (estabelecimentos responsáveis por distribuir as ferramentas assim como alimentação e remédios), que cobravam altos preços, o pesquisador Frederico Alexandre completa que:

“Repetia-se o engodo do propagandismo de finais do século XX, desta feita com participação direta do Estado Brasileiro. Nos novos seringais imperavam as antigas prática e proibições, onde o sistema de aviamento, atrelava, mediante um sistema de endividamento, o produtor ao barracão, impedindo sua autonomia na produção da subsistência¹⁸⁸”.

Levando em consideração que em tempos em que se pregava que os seringais deveriam priorizar a produção da borracha, muito mais do que agricultura, essas famílias que insistiram em continuar produzindo outros bens além da borracha, não eram considerados “bons trabalhadores”. Dessa forma quando iam prestar contas aos patrões, os patrões entendiam que a sua produção seria inferior que a daqueles que se dedicavam somente a extração do látex.

3.1 Experiências de Trabalho

Com a presença do trabalho feminino era possível se dedicar a agricultura e ao corte da seringa, mesmo com os patrões tentando enraizar na mente dos trabalhadores que a produção da borracha era prioridade, conforme apontado por Cristina Wolffman¹⁸⁹.

Nesse contexto foram reinventadas novas formas de sobrevivências nas colocações, contanto com aquilo que era produzido dentro dos próprios seringais e com aquilo que poderia ser adquirido em meio à mata Amazônica. Na relação com ambiente em que viviam essas mulheres foram aos poucos se tornando peças fundamentais para assistência de suas famílias nos seringais.

¹⁸⁷ WOLFF, Cristina Scheibe. *Mulheres da Floresta: uma história: Alto Juruá, Acre(1890-1945)*. São Paulo: Hucitec, 1999. P. 139.

¹⁸⁸ LIMA, Frederico Alexandre de Oliveira. *Soldados da Borracha, das vivências do passado às lutas contemporâneas*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.P. 95.

¹⁸⁹ WOLFF, Cristina Scheibe. *Mulheres da Floresta: uma história: Alto Juruá, Acre(1890-1945)*. São Paulo: Hucitec, 1999.

As mulheres vindas de outras regiões ou nascidas nos seringais, dentro das colocações, desde muito cedo já tinham uma rotina de trabalho. Contanto com o tempo para cada coisa, para cada colheita, para o corte da seringa.

Por conseguinte percebemos como os modos de trabalho ainda estão vivos na memória dessas mulheres, já que o seu cotidiano de trabalho estava em torno de sua sobrevivência nas colocações e nos barracões. Dessa forma, sua rotina girava a maior parte do tempo em torno do trabalho.

As que trabalhavam nas colocações ao mesmo tempo em que produziam para os seringalistas, experimentavam certa liberdade criando suas formas de resistência, pois segundo Gerson:

“A diferença é que no mundo em que vivem, os personagens dessas histórias ganham forma no silêncio, na solidão e nos seus modos de relacionamento com a floresta. Em sua compreensão de mundo, eles ganham concreticidade porque se articulam com os significados da preservação da existência humana, com suas tradições e valores, significados que fazem parte de seus modos de vida em constante reelaboração.¹⁹⁰”

Gerson Albuquerque¹⁹¹, pesquisando acerca da história de resistência desses trabalhadores do rio Muru, destaca suas vivências na mata, demonstrando uma história de lutas, de solidariedades entre essas famílias. Segundo Albuquerque os seringueiros, dentro dos seus territórios de produção, a mata, buscavam estratégias de burlar o sistema, desviar a produção e negociar mercadorias longe dos olhos do patrão, realizando fugas ou reivindicações por melhores preços. Tudo isso simboliza a resistência nas colocações, dentro de suas experiências de trabalho, rompendo com o medo presente e apresentando formas de reação contra os patrões¹⁹².

Resistência nesse sentido silenciosa, não necessariamente de enfrentamento direto com o patrão, mas sim criando estratégias para romper com a dominação dos donos dos seringais. Dessa forma eles estavam burlando o sistema imposto de troca dos barracões e buscavam outras alternativas.

¹⁹⁰ ALBUQUERQUE, G. R.. Trabalhadores do Muru: o rio das cigarras. 1. ed. Rio Branco - Acre: Editora da Universidade Federal do Acre - EDUFAC, 2005. v. 01. p.60.

¹⁹¹ Ibidem. p.177.

Segundo Freitas¹⁹³ essas mulheres estavam longe de serem apenas donas de casa e mães de famílias, onde a figura do homem é o único responsável pelo sustento da casa, a autora destaca a questão da resistência da mulher quebrando esse domínio do marido e aprendendo a realizar trabalhos dentro da mata como o corte da seringa.

Um caso evidente é o processo de tomada de decisões e nas mulheres que foram estabelecendo canais importantes no ambiente doméstico e de trabalho.

A divisão entre trabalho produtivo relacionado com os homens e o trabalho reprodutivo vinculado à mulher já está enraizado em nossa cultura. Há uma ideia de que o trabalho feminino é complementar ou menor. Por isso não se tem essa visão que o trabalho feminino é primordial, sem levar em consideração que antes esses trabalhadores não conseguiam realizar outras tarefas além da coleta da seringa e que, portanto, acabavam consumindo em maior quantidade produtos nos barracões. Só que com a presença da família, nesse segundo momento de produção da borracha, toda a família é inserida nessa dinâmica de trabalho.

Mesmo as mulheres iram cortar seringa, cortavam em menor quantidade, que os homens, pois elas em sua maioria se preocupam em cortar nas regiões mais próximas das colocações, de suas casas, por conta dos filhos. Sem contar que o faziam com ferramentas mais velhas, doadas pelo marido, e com isso sua produção seria de menor escala se comparada ao do homem¹⁹⁴.

Ainda assim, para demonstrar a importância do trabalho feminino no corte da seringa, temos uma matéria de 1946 do *O Jornal* que trás uma notícia de uma mulher que teria sido recordista de produção de borracha naquele ano:

“Uma Jovem Seringueira recordista na Safra da Borracha: esta em Manaus a senhorita Maria Izabel Vidal

Fomos informados de que pelo navio “Rio Aripuanã, recentemente chegada a Manaus, de regresso de sua viagem ao rio Juruá, havia chegado como passageira, uma menina que trabalhando na extração da borracha, houvera colhido 828 quilos, o que representa uma quantidade Record, principalmente em se tratando de uma menor.

Trata-se, de fato, de uma menor que ainda não completou os 15 anos.¹⁹⁵”

¹⁹³ FERREIRA, Maria Liége Freitas. Mulheres no Seringal: submissão, resistência, saberes e praticas(1940-1945). VIII Simpósio Internacional Processo Civilizador, História e Educação. Paraíba, 2004.

¹⁹⁴ WOORTMANN, Ellen F. . Família, Mulher e Meio Ambiente no Seringal. In: Ana Maria Niemayer; Emilia Pietrafeza Godoi. (Org.). Além dos Territórios: por uma troca entre a etnologia Indígena. Os estudos rurais e estudos urbanos. 1ed.São Paulo: Editora Mercado das Letras, 1998, v. 1. P 21 – 22.

¹⁹⁵ Jornal O Jornal, Domingo 10 de Fevereiro de 1946. Encontra –se digitalizado no Instituto Durango Duarte e Impresso na Biblioteca Publica do Amazonas.



Jornal O Jornal, Domingo 10 de Fevereiro de 1946. Encontra-se digitalizado no Instituto Durango Duarte e Impresso na Biblioteca Pública do Amazonas.

É importante ressaltar que o caráter da matéria, que revela o intuito de atrair trabalhadores para os seringais mesmo em 1946, tanto que na mesma matéria é elucidada a vontade da menina de voltar para os seringais para conseguir mais saldos, uma vez que sabemos que na prática poucos conseguiam ter saldo positivo.

No entanto a matéria sobre Maria Izabel e o quantitativo de borracha que a jovem teria conseguido, reflete a história de muitas meninas e mulheres que após problemas de morte dos homens da família começaram a cortar seringa. No caso de Maria, seu pai adoeceu e não conseguia mais trabalhar. Também nos revela que muitas mulheres começaram a trabalhar muito jovem na região. As crianças em sua maioria acompanhavam suas mães, ficando responsáveis em ajudar nessas tarefas de agricultura ou neste caso do corte de seringa, como foi o caso de Ana Xavier uma das nossas entrevistadas¹⁹⁶.

Quanto ela está hospedada na casa dos patrões é outro ponto importante, era comum que os patrões de alguma forma buscassem tratar de forma diferenciada aqueles

¹⁹⁶ PINTO, Ana Xavier. Ana Xavier Pinto. Depoimento [15 Novembro. 2013]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2013.

que se dedicavam somente a extração da borracha, eram obedientes e, por tanto, eram considerados como “bons seringueiros”. Talvez as mulheres de alguma forma também entrassem neste sistema e buscassem também ser “boas seringueiras” se dedicando somente a extração do látex.

Entretanto ao passo que essas trabalhadoras cortam seringa, também são agricultoras, coletoras de castanhas, coletoras de frutas defumam borracha, realizam diversas tarefas, que seus maridos ou os homens da família entendem que são “serviço de mulher”, reforçando essas relações de gênero onde o trabalho feminino é visto como algo menor.

É importante lembrar, que no período que a borracha não era cortada, homens e mulheres se dedicavam as mesmas funções como coletar castanha, por exemplo, mesmo realizando o mesmo serviço, ocorre uma diferenciação do trabalho feminino, ainda colocado como menor. Em documentário colhido na década de 1990 por um grupo de estudantes, as mulheres narram suas trajetórias em seringais de Rondônia e os serviços que realizavam, ao passo que elas contam suas histórias, é colocado também à narrativa de homens, ilustrando que elas até poderiam fazer esses serviços, mas que eram serviços pesados, “não era coisa que mulher deveria fazer”¹⁹⁷.

Por isso se fez necessário comprovar como essas mulheres começaram a buscar outras formas de se manter fora das dependências dos barracões. Além da borracha, a coleta da castanha, a produção da farinha e a manutenção de uma roça são exemplos claros de mercadorias que eram vendidas nos regatões e também armazenadas para consumo próprio¹⁹⁸.

Como relata, Ana Xavier após a morte do pai, ela começa a exercer a atividade do corte da seringa nas regiões mais afastadas, após casada, continuará trabalhando na lida de coleta do látex e outras atividades:

“(…) por que o serviço mais pesado que tinha, era você corta seringa, brincadeira mana eu saía de madrugada, o Anibal (marido de Ana Xavier) saía duas horas da Madrugada pra estrada, dava um rodo, quando chegava oito horas do dia chegava em casa, aí almoçava, ficava um pedacinho virava pra trás, chegava em casa quatro horas,

¹⁹⁷ Documentário por Alejandro Ulises Bedotti e Maria Luzia Ferreira Santos. Refere-se ao produto final de pesquisa na área de Geografia Humana realizada pela Fundação Universidade Federal de Rondônia, com apoio do CNPq.1996.

¹⁹⁸ WOORTMANN, Ellen F. Família, Mulher e Meio Ambiente no Seringal. In: Ana Maria Niemayer; Emilia Pietrafeza Godoi. (Org.). Além dos Territórios: por uma troca entre a etnologia Indígena. Os estudos rurais e estudos urbanos. ed.São Paulo: Editora Mercado das Letras, 1998, v. 1p. 12 -14, 34.

quatro e meia, com o leite, ia colher, aí defumar, guardava, botava a borrachinha lá, vamos pro lago, vamos mariscar...¹⁹⁹”

Organizavam-se de modo que envolvia toda família nos afazeres diários, trabalho esse que se fazia necessário, haja vista que o seringueiro passava muito tempo fora na realização deste e outros serviços. No relato de Consuelo Ladislau Pereira, afirma que a família de sua mãe era de agricultores dentro dos seringais, seu pai cortava seringa no Anori, ela descreve com que trabalhavam na região:

“Com feijão, arroz. Elas plantavam, eles eram agricultor, era assim cuidava daquelas pessoas,cozinhava, matava boi e tudo porco, galinha, ela fazia pros que tavam trabalhando com eles, do nordeste também²⁰⁰.”

Essas mulheres também eram responsáveis pelo serviço de defumação. O látex, esse processo era realizado dentro dos tapiris, em sua maioria realizados por mulheres, que ficavam expostas a fumaça. Francisca Ribeiro trabalhadora do seringal, evidência esse serviço:

(...) ele cortava seringa e eu ficava em casa com os meninos, aí quando era de tarde que ele chegava com o leite, ajudava ele defumar, fazia borracha(risos)defumar né, no tapiri²⁰¹ né, aí deixava nós defumando eu mais o Jucelino (filho de Francisca) e ele ia atrás de matar um bicho pra nós comer, caçar.

Aí quando ele chegava nós já tinha acabado de defumar a borracha, aí no outro dia ele saia quatro horas da madrugada pra cortar, ele ia cortando e ia botando aquela tigelinha na árvore né, aí quando acabava de corta todinho meio dia ele voltava colhendo já o leite no balde né, aí quando ele chegava, já era de tarde né. Uma quatro horas ele chegava com o leite, aí ele, deixava nos defumando eu mais o Jucelino (filho) e ele ia atrás de uma comida, mata uma caça pra nós jantar...²⁰²

Apesar dos perigos na defumação da borracha, pela que muitos adoeciam por causa da fumaça, vemos como as mulheres assumiram alguns serviços nas colocações tais como a defumação e a coleta de seringa, mas também estas famílias conseguiam ter tempo para caçar, para cultivar roça, diminuindo assim o consumo nos barracões.

Francisca das Chagas trabalhava entre dois seringais um mais próximo da Beira no rio em Hamburgo e um seringal mais no centro no Jutaí. O seringal de Hamburgo

¹⁹⁹ PINTO, Ana Xavier. *Ana Xavier Pinto*. depoimento [15 Novembro. 2013]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2013.

²⁰⁰ LADISLAU, Consuelo. Consuelo Ladislau [10 Abril. 2016]. Entrevistadora: Jéssyka Samya, Manaus: Amazonas, 2016.

²⁰¹ Espécie de prensa ou espremedor de palha trançada usado para escorrer e secar raízes.

²⁰² RIBEIRO, Francisca das Chagas. *Francisca das Chagas Ribeiro*. depoimento [10 Fevereiro. 2014]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2014.

que ficava mais na beira no rio, possibilitava a essa trabalhadora o serviço de roça, trabalho esse que não era possível no seringal mais no centro da mata em Jutai, aponta:

“não, por que era demais longe, era na terra firme mesmo é muito longe, não dava não...

Era tão longe da Beira menina que nos andava umas duas horas e meia a pé pra chegar lá na colocação, cortava e cortava.

No começo logo era bom tinha caça tinha tudo, depois não tinha nada, não só faltava morrer de fome, os bichos tudo tinham se afugentado tudo, não tinha mais nada, nos sofria muito..²⁰³”.

As implicações para quem trabalhava nos seringais dos centros mais afastados eram maiores. O patrão deveria deixar as mercadorias para os seringueiros nas colocações e da mesma formar recolher a mercadoria. Francisca conta que no seringal onde trabalhava o patrão só deixava mercadoria de seis em seis meses. Destaca que no início era bom por que tinha caça abundante, só que a caça foi se tornando escassa, então Francisca passava a maior parte do tempo com os filhos no seringal mais na beira do rio para conseguir fazer roça e para conseguir garantir sua sobrevivência. Ela enfatiza “ia só os homens, ficava só as mulheres²⁰⁴”, ficavam então as mulheres e os filhos nos serviços de roça e demais atividades.

Francisco Lopes que chegou a trabalhar em um seringal mais ao centro demonstra sua insatisfação:

“Só não quero é novamente morar no Centro. A vida lá é muito tristonha. Um silêncio que deixa a gente triste e acabrunhado. Muitos tem medo de aparição e de mal assombrado. Trabalha – se sem gosto e sem vontade.”

Francisco após mudar para um seringal mais bem colocado próximo do Solimões aponta os benéficos de trabalhar com a família:

“Com um companheiro é bem melhor. Conversa-se, esquece-se a desgraça. Ele está cortando lenha, abrindo uma lata, cantando e tocando, de forma que não se sente tão só. Trabalha-se muito mais. É uma alegria quando se volta para o tapiri depois do trabalho e encontra gente a nossa espera. Uma mulher, um curumim, um animal qualquer. Eu não quero mais morar sozinho. Nunca vi vida mais Flagelada e tristonha.²⁰⁵”

²⁰³ RIBEIRO, Francisca das Chagas. Depoimento [10 Fevereiro. 2014]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2014.

²⁰⁴ RIBEIRO, Francisca das Chagas. Depoimento [10 Fevereiro. 2014]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2014.

²⁰⁵ LOPES, Francisco. Entrevista realizada por Samuel Benchimol, Samuel. BENCHIMOL, Samuel. Amazônia: um pouco – antes e além depois. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977. Cap. II Nossa gente: Ex - Antes e Ex-Post: O perfil antropogeográfico do “Cearense” Imigrante na Amazônia - A Mulher e a Família do Imigrante. p 263-264.

Levando em consideração que os seringais do Centro eram muito longe e as dificuldades em fazer roças neles eram maiores, era preferível para as mulheres ficarem mais a beira do rio, como no caso de Francisca das Chagas, que saía do centro para trabalhar na roça em outro seringal, com isso ficando longe de seu marido durante vários dias.

Interessante pensar que essas regiões onde percebemos a criação de pequenos animais para consumo, assim como o serviço de roça e pesca, eram nos seringais na beira do rio e não naqueles do centro, conforme aponta Francisco Lopes, natural do Ceará, demonstra os benefícios de sua colocação mais distante do centro:

“A minha colocação era muito boa de água, de caça e de leite.”

“Boa de água quer dizer que tinha água de vertente cristalina, boa e saudável. São águas que mais se procuram ao se instalar uma colocação, pois tem muita água empoçada e doentia que não serve e o seringueiro não vai para lá. As colocações de boas águas são muito disputadas. De caça por que não é preciso fazer conta para comer. É só pegar a espingarda e ir para o mato, numa restinga. De bom leite, por que tinha muita seringa virgem e boa de verdade.”²⁰⁶

As colocações que estavam próximas do rio, além de rica em água potável, eram disputadas. Segundo Francisco Lopes esses locais eram alvos de disputas, pois eram próprias para caçar, para os que possuíam arma era possível caçar e “não fazer conta para se comer”, mas não eram todos os seringueiros que possuíam armas, e mesmo assim em alguns casos, haviam barracões que não forneciam munições²⁰⁷.

No entanto morar perto do rio também tem suas implicações, o rio Amazonas tem grandes extensões de terras denominadas várzeas, estas localidades costumam ficar inundadas por até seis meses, quando a Amazônia tem seu período de enchente²⁰⁸. Temos dentro dessa realidade o relato interessante de Altina Lopes, ao falar sobre seu local de trabalho, destaca que se tratava de uma casa flutuante, que por vezes devido a cheia deveria ser trocada de lugar:

²⁰⁶ LOPES, Francisco. Entrevista realizada por Samuel Benchimol, Manaus: Amazonas, 1942. BENCHIMOL, Samuel. Amazônia: um pouco – antes e além depois. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977. Cap. II Nossa gente: Ex - Antes e Ex-Post: O perfil antropogeográfico do “Cearense” Imigrante na Amazônia - A Mulher e a Família do Imigrante. p 264.

²⁰⁷ PINTO, Ana Xavier. Ana Xavier Pinto. Depoimento [15 Novembro. 2013]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2013.

²⁰⁸ SOUZA, José Camilo Ramos e ALMEIDA, Regina Araujo. Vazante e Enchente na Amazônia Brasileira: Impactos ambientais, sociais e econômicos. VI Seminário Latino-Americano de Geografia Física/ II Seminário Ibero-Americano de Geografia Física da Universidade de Coimbra, Maio de 2010.p 2.

“um flutuante bem grande assim. Uma casa assim do tamanho dessa(fazendo referencia a sua própria casa), dentro d’água, encima de uns paus que não afunda. Ficava atracado no coisa. Agora tinha dia que a gente tinha que tirar aquela casa dali e botar pro canto, tinha que tirar do canto e botar pra outro, pro outro lado do rio²⁰⁹”

Esse serviço era feito manualmente por ela e seu irmão, através de uma corda, a entrevistada revela que no dado momento em que tiveram que mover a casa flutuante, não conseguiram devido os fortes ventos na região, conforme aponta:

“uma vez nos botamos minha filha e foi uma e nos não pudemos segurar, com o vento doido ela desceu no Purus abaixo.

Flutuante, desceu e nos dois dentro (...) aí a gente falava pro dono do seringal, que nos ia descendo e não tinha como nos parar. Aí ele botava aquele pessoal no meio do rio, pra quando vier, parar nos, aí subi devagar, puxando no Motors né. Nós sofremos muito eu o Benjamin, no tempo que o finado Toninho morreu, que mataram o finado Tonhinho²¹⁰, não foi brincadeira não. Que tudo no seringal era nos dois, era eu e o Benjamin, agora a mulher(do irmão preso) dele gestante e ele preso.²¹¹”

As implicações de se alojar em flutuantes também representavam perigo, uma vez que a força do rio ou do vento poderiam mover as casas de lugares, no caso de Altina Lopes ainda conseguiu ajuda do patrão nos resgates, já que nessa casa flutuante haviam também mercadorias, não seria interessante perde a propriedade.

Ana Xavier²¹², durante todo seu relato manifesta insatisfação com os patrões. Ela que tinha uma rotina constante de trabalho em meio à mata, aponta a todo instante revolta com o domínio exercido pelos seringalistas ao mesmo tempo em que através de sua produção, burlava o sistema imposto pelo patrão vendendo para o regatão²¹³:

“Mas lá era uma miséria de vida. Uma pobreza, só o patrão que tinha dinheiro e quem tirasse um quilo de borracha pra vender fora, ele botava pra rua.

Vendia, eu, meu cunhado, um irmão meu, irmão não, irmão do meu marido e eu. Meu marido, todos os dois cortava seringa, eles fazia um princípiozinho²¹⁴, escondia e ia esperar o regatão, lá na outra praia e vendia, lá ele ia... ai é que nos podia comprar uma roupa mulher, uma roupa melhorzinha.²¹⁵”

²⁰⁹ LIMA, Altina Lopes Lima. Altina Lopes Lima. Depoimento [08 Maio. 2013]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2013.

²¹⁰ Toninho foi irmão de Altina Lopes, morreu assassinado por um rapaz no seringal, não se sabe o real motivo do assassinato, o irmão que foi preso vingou a morte de Toninho e por isso estava preso.

²¹¹ LIMA, Altina Lopes Lima. Altina Lopes Lima. Depoimento [08 Maio. 2013]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2013.

²¹² PINTO, Ana Xavier. Ana Xavier Pinto. Depoimento [15 Novembro. 2013]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2013.

²¹³ Eram negociantes fluviais, que vendiam mercadorias aos seringueiros escondido do barracão.

²¹⁴ Principiozinho é principio início de borracha.

²¹⁵ PINTO, Ana Xavier. Ana Xavier Pinto. depoimento [15 Novembro. 2013]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2013.

Segundo David McGrath²¹⁶ a venda para o regatão representava uma chance de maior de liberdade na negociação, tendo em vista que essas embarcações fluviais que encostavam nas beiras dos rios de forma clandestina para comprar borracha dos seringueiros, cobravam um preço por vezes até superior ao do barracão.

No entanto a negociação entre freguês e regatão dava a possibilidade da escolha de bens que não tinham nos barracões e a possibilidade de não receber mais anotações nos cadernos de contas em trocas de bens básicos trocados nos barracões, tendo assim uma possibilidade de escapar do controle dos patrões e diminuir a dívida.

Além disso se tratavam de relações diferentes: era a escolha do seringueiro comprar no regatão. O regatão por sua vez não precisava controlar, nem obrigar o freguês a comprar em seu batelão²¹⁷ e ainda tinha um tratamento cortes com o freguês. Sendo assim a relação entre os regatões e seringueiros eram bem diferentes das relações entre patrão e seringueiro.

Não estamos afirmando que os produtos deixaram de ser consumidos por essas famílias, estamos esclarecendo essa nova divisão de trabalho e também práticas que eram mantidas por essas mulheres, que possibilitaram uma nova forma de romper com a dependência desses produtos do barracão.

A lida na roça, a produção da farinha para troca e consumo, a castanha, todos foram evidenciados como um trabalho muito pesado, cansativo, muito ligado ao trabalho de mulheres e crianças, conforme percebemos no depoimento de Francisca Diogo ao descrever um dos processos de fazer a farinha que eram realizados por sua mãe, juntamente com o seu auxílio:

“Era outro serviço, em roça, ela fazia roça, e aí a gente faz o roçado e depois planta maniva²¹⁸, aí chega o tempo ela vai colher né, aí dali que sai a farinha, da maniva, aí ela cria uma batata né, aí daquela batata que sai a farinha, era o serviço dela era esse, o dele era de seringueiro e o dela era em roça...

Era, da farinha saía a goma, farinha de tapioca, fazia, é (pausa), farinha de tapioca, qualquer coisa que você quisesse fazer, pé de moleque que chama.

Mas a farinha era bem complicada né, você põe uma parte de molho dentro da água, que é pra poder pra ela amolecer, aí você vai arrancar outra parte e raspa, ceva, no cevado, aí depois você mistura aquela farinha que ta raspada com aquela que ta mole, que amoleceu, aí

²¹⁶ GRATH, David. Parceiros no Crime: regatão e a resistência cabocla na Amazônia tradicional. Novos Cadernos NAEA vol. 2, nº 2 - dezembro 1999.

²¹⁷ Embarcação movida a remo ou a reboque, usada no comércio fluvial.

²¹⁸ Pedaco de rama de mandioca.

depois disso a gente coloca dentro de um tipiti ²¹⁹que chama tipiti, aí depois coloca pra escorrer a água, depois que escorre aquela água, aí você vai peneirar tudinho, aquela massa, vai peneirar ela, depois que ela ta peneirada, aí você já fez o fogo, embaixo do forno, aí você vai jogando aquela massa, aos poucos assim, vai jogando vai mexendo, vai jogando vai mexendo, com pouco fogo, até ela ficar torradinha, aí depois que lá, ficar torrada já ta pronta, aí já ta boa...²²⁰”

Antônio Guimarães apresenta o processo de produzir a farinha em que sua mãe trabalhava plantando maniva²²¹ e produzindo farinha, diferente do primeiro depoimento, neste caso contava com a ajuda de toda família:

“Nessas alturas, os adultos era torrar a farinha no fogo, puxar roda, puxar roda era pra cevar, manual né. Puxar a roda, botar a massa feita na prensa, pra espremer pra secar ela, pra poder peneirar e daí pra torrar, o serviço era isso.

Aquela mulherada tudinho lá embaixo da casa de farinha um galpão grande e coberto de palha, descasca tudinho, lava e vai dois homens pra roda e um cevando, cevando, aquela massa vai pra prensa, acocha ela um terminado tempo uns minutos, meia hora, aí ela seca aquela água, aí suspende aquele pau que imprensa ela, aí vai pra peneira peneirar, aí é que vai pro forno pra torrar, isso é o serviço da farinha...”²²²

Dentro de todas essas etapas, percebemos o grau de exigência desses processos, tendo em mente que sem a ajuda de toda família (em alguns casos ajuda de outras famílias) a produção seria muito difícil. Neste processo a participação maior seria das mulheres e crianças, já que o homem passava horas dentro da mata cortando seringa.

Conforme Consuelo Ladislau aponta que foi poucas vezes ao local onde era extraído o látex. Ela ficava na área rural esperando o marido, ou a família do pai que cortava seringa em uma região chamada de Morada Nova, próximo ao Anori. A entrevistada explica que: “não, o barracão ficava aqui eles entravam ainda mais, da mata, no barracão quem ficava era o patrão né e eles iam pra mais longe, ai lá pegava seringa ficava três quatro meses²²³.

²²⁰ JESUS, Francisca Diogo. Francisca Diogo Jesus. Depoimento [06 Abril. 2014]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2014.

²²¹ Pedaco de rama de mandioca.

²²² GUIMARÃES, Antônio. Antônio Guimarães. Depoimento [06 Abril. 2014]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2014.

²²³ LADISLAU, Consuelo. Depoimento [10 Abril. 2016]. Entrevistadora: Jéssyka Samya, Manaus: Amazonas, 2016.

Quando não estava no tempo de cortar, os homens auxiliavam em outros serviços, buscando fabricar sua farinha para o consumo ou para trocar nos regatões, evitando compra-las no barracão.

Como afirma Ana Xavier: “Podia plantar mandioca, nós fizemos uma casinha de farinha, aí nos plantava mandioca, fazia farinha, ninguém comprava farinha... era cara que só o diacho”.²²⁴

Francisca Diogo esclarece que o processo da coleta da castanha também demandava tempo e disposição;

“Ela (mãe), ele (pai) trabalhou também, a castanha é o mesmo que a seringa, você sai de manhã, aí vai colhendo a castanha, vai colhendo, leva um paneiro²²⁵, pegando a castanha vai botando na costa assim, dentro do paneiro né, aí enche o paneiro e vem despejá no lugar, aí quando ele termina de colher aquela castanha, debaixo da castanheira, aí ele vai quebrar corta tudinho, com terçado, cortando e vai colocando no paneiro, vai cortando, quando enche o paneiro é, aí ele vai lavar, a castanha, lava tudinho. Aí sai aquela castanha aquela castanha que não presta né, aí fica só as boas, aí ele vende, aí vai vender em caixa, eles trazem na canoa né, aí chega lá eles vende assim, em caixa...²²⁶

Em sua maioria, era um serviço realizado por mulheres, neste caso quem fazia a colheita da castanha era o pai e a mãe da entrevistada, no entanto devemos nos atentar para o fato de que naquele momento a seringa não era cortada, fora desse período de colher o leite da seringueira, faziam serviços de retirar a castanha, pois segundo dona Francisca Diogo, “castanha não dava todo tempo, tinha um tempo para tudo²²⁷”.

A possibilidade de trabalhar em outras tarefas, aumentando assim a possibilidade de sobrevivência, foi factível para este seringueiro, devido à participação de sua família, nas atividades em que este não conseguiam realizar, pois neste caso sua mulher a realizaria com o auxílio dos menores.

A importância de produzir gêneros alimentícios se tratava de algo primordial para a sobrevivência dessas famílias. A pesca, colher frutas e outras atividades, implicavam em uma resistência silenciosa, que por vezes irritava os patrões, pois à medida que se consumiam alimentos cultivados, não seria necessário comprar toda a

²²⁴ PINTO, Ana Xavier. *Ana Xavier Pinto*. depoimento [15 Novembro. 2013]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2013.

²²⁵ Pequeno cesto de vime com duas asas.

²²⁶ JESUS, Francisca Diogo. *Francisca Diogo Jesus*. depoimento [06 Abril. 2014]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2014.

²²⁷ JESUS, Francisca Diogo. *Francisca Diogo Jesus*. Depoimento [06 Abril. 2014]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2014.

alimentação nos barracões, trazendo para as famílias a esperança, de saldar sua dívida e conseguir receber ao final do serviço.

Dentre os trabalhos que já foram descritos, percebemos uma profunda ligação, entre o trabalho da mulher e o roçado, dito por alguns entrevistados, como trabalho doméstico, tendo como responsáveis suas mães, as mulheres. A memória de todas as mulheres que foram entrevistadas mostra-se muito ligada a este trabalho de roça. Mesmo dona Ana Xavier, que cortava seringa, também trabalhou no cultivo da mandioca.

Estes produtos garantiam a manutenção de suas famílias, principalmente nestes períodos, em que o preço da borracha variava muito e conforme isso ocorria, os produtos nos barracões ficavam cada vez mais caros. A partir destes alimentos que eram cultivados, poderiam se alimentar e troca-ló nos regatões.

Francisca Diogo e Antônio Guimarães acompanhavam suas mães no serviço de roça realizando serviço menores, estes também falam do serviço de cultivar maniva como uma tarefa trabalhosa e cansativa:

“agora a gente acompanhava era a mamãe na roça né, pra ajudar, arrancar, a mandioca, por que a mandioca você planta aquela mandioca, aquela maniva²²⁸ né, ai depois você vai arrancar, vai arrancar, ai depois tem aquelas batatas que dali que sai a farinha, daquela batata...”²²⁹

“O que ela (a mãe do Antônio) fazia era pra trabalho era canteiro, plantas aquelas verduras, frutas, essas coisas assim (...) É por que, a água sobe ligeiro, e a roça plantada na costa da praia e a água quando sobe, ou a pessoa colhe ou perde, entendeu, então era obrigada a trabalhar dia e noite, ta me entendo, pra poder sobreviver, pra poder salvar aquela roça, já no fim pra arrancar roça, é de mergulho, que ela ta só com a folhinha de fora assim, quando mergulha pra arrancar é assim trabalho pesado...”²³⁰

O trabalho na roça era referente principalmente ao cultivo da farinha que era a parte principal da alimentação desses trabalhadores. A farinha é um alimento que faz parte da rotina de alimentação nas regiões Norte e Nordeste e segundo os depoimentos acima, é possível notar como aquele cultivo era importante para aquelas famílias. O cuidado com o trabalho que a mãe de Antônio Guimarães tinha é apresentado pela

²²⁸ A rama da mandioca.

²²⁹ JESUS, Francisca Diogo. Depoimento [06 Abril. 2014]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2014.

²³⁰ GUIMARÃES, Antônio. Antônio Guimarães. Depoimento [06 Abril. 2014]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2014.

narrativa do filho como algo fundamental para sua sobrevivência, vigiavam a roça dia e noite, a fim de não perder a produção.

Outros alimentos também eram cultivados tais como milho, feijão, tabaco. No entanto a memória dos entrevistados e entrevistadas, está muito presente no processo de plantio de maniva e fabricação da farinha, justamente por que este é um trabalho não muito diferente dos demais, mas que necessita da cooperação de todos da família, principalmente das mulheres que preparam o solo para o plantio e cuidam daquele roçado.

A farinha é uma das muitas formas de resistência que essas famílias buscam como alternativa, para não precisar comprar no barracão como mencionado por Ana Xavier, pois nos barracões a farinha era “cara que só o diacho”.

Com constante oscilação e queda dos preços da borracha, os produtos do barracão iam ficando cada vez mais caros para os seringueiros. Os trabalhadores tornavam-se eternos devedores. A diferença com o período anterior foi que o produtor não está mais sozinho na mata, passou a estar acompanhado de sua família, mulheres e filhos que através do trabalho, estabeleceram modos de se tornar menos dependentes do patrão. Estes trabalhadores diversificaram a sua produção passando a ser também agricultores, coletores de castanha, atividades antes difíceis de serem realizadas sem a presença de suas mulheres, trabalhadoras essas que se tornaram responsáveis por boa parte das práticas citadas, Ana como já foi dito, demonstra revolta em boa parte de sua fala “os patrão, tudo bando de ladrão”.

As castanhas também eram colhidas e tratadas por essas trabalhadoras, conforme aponta Marcelina Teixeira, trabalhadora do seringal narrando que foi o leite da castanha, que ajudou a alimentar seus filhos na floresta²³¹.

As castanhas, além de serem usadas para o consumo, também eram trocadas por outras mercadorias nos barracões. Altina Lopes trabalhadora do barracão salienta o trabalho que realizava quando recebia essas mercadorias, tais como a castanha, a caça, a borracha:

“(…) aí eu ia pro barracão passava a noite todinha que Deus dava, das seis da manhã às seis da noite, às seis da noite ia medindo castanha no

²³¹ Trecho de entrevista de Dona Marcelina Texeira, trabalhadora no seringal. Colhido pelo Jornal Eletrônico *O Povo Online*. Página consultada em 20 de janeiro de 2017(<http://especiais.opovo.com.br/soldadosdaborracha/>).

batelão²³², por que lá tudo tinha que chegar e receber e contar quantas latas, medir, pra poder pagar o freguês né²³³.

O freguês cortava seringa, fazia tudo, às vezes minha filha tinha o barracão lá, tinha o barracão em cima e embaixo tinha o flutuante, aquele flutuante era de botar as coisas quando chegavam em cima, por acaso a borracha, a castanha, a gente tinha dia que eu passava a noite todinha nesse flutuante, recebendo castanha, pesando borracha, era eu e o Benjamin (irmão), nos sofremos muito nós dois.²³⁴”

Quando Altina vai para a Amazônia a trabalhar no barracão, inicialmente não encontra grandes problemas, sendo seu irmão responsável por aquele barracão. No entanto, em virtude da prisão de seu irmão mais velho, acabou por assumir todo o serviço pesado do barracão, juntamente com seu irmão mais novo Benjamin:

“ Eu e o Benjamin, fomos nós que mais sofremos com a prisão do meu irmão, muito.

Você já pensou olha nos tomava conta de um barracão minha filha que chegava por dia, tinha dia que chegava quinhentas pele de borracha por dia e a gente tinha que pesar aquela borracha, tinha que arrumar ela no pátio, aí chegava três, quatro, cinco batelão com duzentas, quatrocentas latas de castanha e a gente tinha que pesar aquilo tudo a gente tinha que medir aquilo todinho²³⁵”.

Por conta deste problema, ambos muitos jovens assumiram o trabalho no barracão. Como podemos perceber o serviço dentro dos barracões também era cansativo, além disso, ela não tinha contato com dinheiro nem seu irmão Benjamin, que ficava com o patrão, dono do seringal, por isso algumas vezes Altina retrata que sofreu enfrentamento por parte dos fregueses.

“(…) aí tinha freguês que chegava lá queria que nós vendesse mercadoria pra eles sem a gente ter ordem de vender, uma vez o cara chegou eu peguei um pedaço de pau eu disse pra ele olha se é homem se você subir aqui no barracão, ele disse que ia entrar e ia tirar as coisas de dentro do barraca.

Eles iam querer que gente pagasse o dinheiro pra ele ou pagasse em mercadoria e nós não ia fazer isso, nós não tinha ordem pra fazer isso, não era que a gente não queria fazer, a gente não tinha era capacidade de fazer botar aquilo na mão dele sem ter uma.²³⁶”

²³² Embarcação de madeira, empregadas para transporte de cargas.

²³³ Freguês, nome dado aos seringueiros.

²³⁴ LIMA, Altina Lopes Lima. *Altina Lopes Lima*. depoimento [08 Maio. 2013]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2013.

²³⁵ LIMA, Altina Lopes Lima. *Altina Lopes Lima*. Depoimento [08 Maio. 2013]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2013.

²³⁶ LIMA, Altina Lopes Lima. *Altina Lopes Lima*. Depoimento [08 Maio. 2013]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2013.

Era natural que o freguês, como também era chamado o seringueiro pelos que trabalhavam no barracão, ficassem frustrados por não receber seu dinheiro quando ia trocar no barracão. Em alguns casos não poderia tirar nem mercadoria, por não possuir crédito, pois segundo Altina Lopes estaria devendo mais do que tinha produzido, afinal de contas era isso que era passado para os trabalhadores do barracão.

Em sua maioria os patrões administravam os barracões, mas neste caso o patrão passaria a maior parte do tempo na cidade e não autorizava o pagamento em dinheiro para os trabalhadores e nem em mercadoria caso a dívida estivesse muito alta. As ordens do patrão criavam tensões ao interior do plantel de trabalhadores. Quem naquele momento administrava o barracão ficava numa situação complicada porque ambos as partes entravam em uma constante tensão.

Com isso podemos dizer que a exploração também tinha lugar dentro do barracão uma vez que neste caso a trabalhadora enfrentava uma rotina de trabalho exaustiva de horas de trabalho, além de ainda ter que lidar com os seringueiros que exigiam o dinheiro, mas somente quem tinha acesso ao dinheiro era o patrão.

Ainda para comprovar nossa hipótese, temos o registro de Ana Xavier. Os pais de Ana Xavier eram cearenses. Seu pai trabalhara nos barracões com os livros de contas de saída e entrada de mercadoria. Quando o pai de Ana ficou cego por motivo de doença, foi mandado embora, vindo posteriormente a falecer. Ante esse fato, a sua família não recebeu nenhuma assistência por parte dos patrões, então juntamente com seus irmãos eles tiveram que passar a cortar seringa para sobreviver nas colocações. Ser trabalhador do barracão poderia então simbolizar que essas pessoas não passariam de trabalhadores subordinados às ordens do patrão.

No entanto as famílias no seringal, sempre buscaram burlar o sistema. Ao perceber que estavam sendo explorada pelos patrões, as mulheres foram as principais responsáveis por esconder essas mercadorias, para que pudessem ser vendidas aos regatões, Ana Xavier nos diz que:

“Se era caro, tudo era uma carestia doida mana, se levasse qualquer outra coisa, fora da borracha, se comprar era pela hora da morte, agora o que eles queriam vender era caro, ali era caro, não era brincadeira não. Agora a borracha na mão deles dava dinheiro, eles comprava borracha da gente um pouco mais nada, aí vendia para aquela turma, para aqueles ricos...”²³⁷”

²³⁷ PINTO, Ana Xavier. *Ana Xavier Pinto*. Depoimento [15 Novembro. 2013]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2013.

Antônio Guimarães fala de como alguns trabalhadores optaram por não trocar com o comerciante no barracão e sim com o regatão:

“Aí o fulano ia lá, fazia uma troca de uma borracha, o que tinha de produto né, sem o patrão sabe, escondido. O patrão se o patrão soubesse, botava o freguês pra fora, ele era obrigado a pegar todo produto e levar pro patrão, se precisava de alguma coisa, tanto que nunca tirava saldo né, chegava lá, comprava as coisas do patrão e ia pra casa, patrão ficava lá anotando, quando terminava o fabrico daquele produto, aí ele ia prestar contas, mas geralmente o fulano fica sempre devendo né, por que eles metiam a mão²³⁸.”

De fato, os seringalistas tentam reverter o quadro de crise com o fim da Segunda Guerra e com o preço da borracha em baixa, até então a fonte principal de economia do Amazonas. Nos relatórios de 1946 já percebemos extensa assembleias buscando soluções para que a produção tivesse apoio por parte do governo e buscasse se reerguer. Conforme apontam Wesley Pereira e Jose Raimundo.

“Com o início do segundo ciclo da borracha, em 1942 (discutido na seção 2.3), reacende na elite amazônica a expectativa de reviver o momento áureo do início do século. Porém, a euforia da atividade gomífera não durou muito tempo. Com o fim da guerra em 1945, a demanda norte-americana e as medidas oriundas dos Acordos de Washington são praticamente estancadas, mas agora a classe dominante local se mostra mais ativa em busca da defesa de seus interesses.²³⁹”

Já dentro das matas, os patrões, à medida que a crise se instalava, buscaram estratégias para continuar com as mão-de-obra sobre o seu controle: “Os seringalistas, pressionados pelas dívidas e pela perda de sua força de trabalho, passaram a procurar formas de adaptar a atividade extrativa às novas contingências sem, contudo, afetar a essência do sistema de dívidas.²⁴⁰”

E.P. Thompson ao tratar dos trabalhadores pobres, demonstra em seus estudos que por vezes esses agentes históricos reagem de acordo com sua cultura e razão, tecem normas para reagir àqueles que visavam adquirir ganhos em cima dos menos privilegiados. Evidente que a pesquisa de Thompson sobre as revoltas no campesinato inglês não pode ser aplicada diretamente neste trabalho.

²³⁸ GUIMARÃES, Antônio. Antônio Guimarães. Depoimento [06 Abril. 2014]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2014.

²³⁹ OLIVEIRA, Wesley Pereira e TRINDADE, Jose Raimundo Barreto. Borracha, Nordeste e Floresta: a Economia e a Sociedade Amazônica nos dois ciclos Gomíferos. Cadernos CEPEC. V. 1 N. 1 fevereiro de 2012. p 30.

²⁴⁰ WOORTMANN, Ellen F. . Família, Mulher e Meio Ambiente no Seringal. In: Ana Maria Niemayer; Emilia Pietrafeza Godoi. (Org.). Além dos Territórios: por uma troca entre a etnologia Indígena. Os estudos rurais e estudos urbanos. 1ed. São Paulo: Editora Mercado das Letras, 1998, v. 1, p16.

No entanto o tipo de reação que estamos tratando, vemos que estamos em presença de uma resistência cheia de códigos e manobras, uma vez que era praticada em quase todos os seringais do Amazonas, por diferentes trabalhadores, o ato de esconder mercadoria do patrão, pode ser considerado um ato de enfrentamento, a insistência em realizar outros serviços deixando de consumir no barracão, mesmo ciente de que os padrões usariam de métodos violentos caso descobrissem que estavam sendo “ludibriados”.

Estas famílias sofriam pressões por parte do patrão, mas não eram vítimas passivas. Pelo contrário, em uma lógica de exploração onde os trabalhadores e trabalhadoras não conseguiam ter os bens básicos para a sobrevivência de sua família, ou seja, para as mulheres que cuidavam das colocações, encobriam a venda de produtos por fora, faziam roça, cuidavam das crianças e cortavam seringa. Tinham uma rotina de trabalho exaustiva e necessária sobre constante preocupação com o patrão que poderia, caso pegasse o seringueiro vendendo borracha para o regatão, o expulsar e confiscar toda a produção daquela família. Essa era uma possibilidade entre outras práticas violentas para manter as famílias presas aos seringais. No entanto mesmo assim faziam todos esses serviços, na tentativa de consumir o mínimo no barracão e adquirir outros gêneros alimentícios.

Segundo as entrevistadas em alguns casos confiscavam até a roupa do corpo de algumas famílias que eram pegas vendendo para regatão ou que não produziam mercadoria suficiente, conforme indica Marcelo Pereira:

“Todavia, em épocas onde o preço da borracha encontrou-se vantajoso no mercado – principalmente durante o “áureo” período de 1870 a 1912 e de 1943 a 1945 – muitos seringalistas proibiam o cultivo da roça, pois entendiam que todo o esforço produtivo devia ser direcionado à seringa. Outros seringalistas não proibiam sob a condição de a produtividade do trabalho não ser comprometida. Tal condição obrigava o seringueiro a aumentar sua jornada de trabalho. A desobediência por parte do seringueiro podia custar-lhe a vida ou pelo menos castigos severos. Muitos seringueiros acabaram por deixar por completo o trabalho no seringal – após quitarem sua dívida no barracão, algo muito raro – e migraram de vez para a agricultura²⁴¹.”

Foi através daquele trabalho coletivo, contando com a participação em maior parte dessas mulheres que foi possível realizar o cultivo de outros gêneros alimentícios longe do controle do patrão.

²⁴¹ PEREIRA, Marcelo Souza. Servidão Humana na Selva: o aviamento e o barracão no seringal da Amazônia. Somanlu, ano 12, n. 1, jan./jun. 2012.p 243.

As mercadorias produzidas poderiam ser vendidas para comunidades vizinhas e também para barcos próximos na região, conforme aponta Ana Xavier: “Plantava as coisas e ia vender no cruzeiro, a gente plantava, pegava peixe e ia vender no cruzeiro²⁴²”

O Jornal do Comercio de 1945, já no período da crise, apresenta uma matéria em tom de denúncia, evidenciando que os trabalhadores nordestinos, atrapalhavam o comercio dos ribeirinhos porque vendiam suas mercadorias²⁴³.

A venda dos produtos de agrícolas, ao que parece, veio a se torna uma alternativa para essas famílias de conseguir se sustentar na região.

3.2 - Cotidiano, lazer e resistência

Criatividade, sensibilidade e imaginação tornam-se fundamentais na busca de pistas que permitam transpor o silêncio e a invisibilidade, que perduram por tão longo tempo quanto ao passado feminino²⁴⁴.

Durante o governo Vargas, foi criada a SESP – Serviço Especial de Saúde Pública. A SESP por sua vez desenvolveu políticas de saúde para a Amazônia, conhecidas então como Programa da Amazônia, visando aumentar a produção para a Segunda Guerra, protegendo o trabalhador contra as doenças²⁴⁵.

A SESP atendia as seguintes regiões: “No Estado do Amazonas 12 distritos, no território do Acre 5 distritos, no território do Guaporé 2 distritos²⁴⁶.”

O Boletim de Imprensa e Propaganda do Estado do Amazonas, traz algumas medidas que estariam sendo realizadas pela SESP nas localidades em que essas haviam sido implementadas, dentre eles citamos alguns como:

“Serviço de Assistência médica, prestada aos habitantes do local e das redondezas que procuram o posto médico. A variedade de moléstias que vem sendo tratadas é infundável, tendo sido feitas até inúmeras pequenas cirurgias.

²⁴² PINTO, Ana Xavier. Ana Xavier Pinto. Depoimento [15 Novembro. 2013]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2013.

²⁴³ Jornal do Comercio, 31 de Outubro de 1945. Encontra-se na biblioteca publica de Manaus e digitalizados no portal do Jornal do Comercio.

²⁴⁴ SOIHET, Rachel e PEDRO, Joana Maria. “A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero”. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 27, nº 54, jul – dez. 2007. P 296.

²⁴⁵ CAMPOS, André Luiz Vieira. Políticas Internacionais de Saúde na Era Vargas: o Serviço Especial de Saúde Pública, 1942-1960. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. Cap. 4.

²⁴⁶ Tabela presente no livro BENCHIMOL, Samuel. Amazônia: Um Pouco – Antes e Além Depois. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977. p 249.

- Educação sanitária, pela ação e conselhos do médico e dos guardas medicadores bem como pela distribuição de folhetos explicativos.
- Construção: Centro de saúde, dispensários, postos hospitalares.²⁴⁷

Além de assistência médica a SESP realizava pesquisas acerca dos vetores da região, conforme demonstra o relatório, buscando eliminar focos de mosquitos, ainda em cada distrito deveriam conter: “1 médico, 1 médico assistente, 1 guarda chefe, 1 contador secretário, 1 datilógrafo, guardas medicadores, guardas anti larvários, trabalhadores, 1 topógrafo (em alguns distritos)²⁴⁸.”

No *Relatório do Serviço Especial de Saúde de 1944*, são descritos os números de procedimentos realizados em cada área onde a Sesp atuava, realizando desde pequenos atendimentos até cirurgias, abaixo veremos um resumo geral de suas atividades nos meses de Janeiro, Fevereiro e Março daquele ano:

“Foram dadas 16.001 consultas, tendo sido efetuada 350 trabalhos cirúrgicos, 53 serviços dentários, 3045 imunizações e 5 partos. 30.321 comprimidos de atebrina foram consumidos para medicação de doentes de malária e 40.495 para fim profilático²⁴⁹”.

Esses serviços foram realizados segundo o Relatório da Sesp mensalmente em algumas regiões do Amazonas. Além desses serviços alguns outros como pesquisas relacionadas ao controle da malária, uma das doenças que mais afetava os trabalhadores nos seringais. No entanto segundo André Luiz uma boa quantia foi gasta no controle da malária, mas sem grandes resultados até o pós-guerra quando foi introduzida o DDT inseticida que foi usado na ação contra o vetor:

“Em 1945 transcorridos três anos do início do programa, o Sesp fez a primeira avaliação do trabalho de controle da malária. Os resultados não foram considerados satisfatórios, apesar de o item consumir generosa fatia do orçamento do Programa da Amazônia. Entre as razões apontadas para o fraco desempenho estavam a complexidade do meio ambiente e a baixa densidade populacional naquela vasta área, duas variáveis que, combinadas faziam um custo sempre maior do que o resultado obtido²⁵⁰”.

²⁴⁷ Tabela presente no livro BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: Um Pouco – Antes e Além Depois*. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977. p 249.

²⁴⁸ Boletim de Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda. Amazonas. Janeiro 1944, n 03. Rio de Janeiro, p. s/n – Arquivo da Biblioteca Nacional do Brasil.

²⁴⁹ Relatório do Serviço Especial de Saúde Pública. Ministério da Educação e Saúde. Janeiro, Fevereiro, Março. 1944. p. s/n – Departamento de Arquivo e Documentação, Fiocruz, Rio de Janeiro.

²⁵⁰ CAMPOS, André Luiz Vieira. *Políticas Internacionais de Saúde na Era Vargas: o Serviço Especial de Saúde Pública, 1942-1960*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. P 128.

Apesar de que no resumo do Boletim *de Imprensa e Propaganda do Amazonas* os serviços da SESP estivessem muito bem traçados e aparentemente atendessem as regiões mais distantes da região, nem todos os serviços realizados pela Sesp tiveram pleno sucesso. Segundo nossas entrevistadas e entrevistados, vemos que nas regiões onde trabalhavam não existia assistência médica, nem indo em regiões vizinhas.

Conforme percebemos nas entrevistas colhidas por Benchimol parte dos entrevistados, teriam ido para o seringal trabalhar e estariam retornando para as hospedarias em Manaus por se encontrarem enfermos, muitos com malária, pois na cidade de Manaus podiam ser encontrados médicos da Sesp e realizar o tratamento.

Na realidade essas famílias contaram muito mais com a ajuda de parteiras, curandeiras e rezadeiras para tratarem das doenças nos seringais do que com o atendimento médico legal.

A flora amazônica é muito rica, e dispõem de amplas plantas com valores medicinais, a andiroba, o jaborandi, o jambu, guaraná, dentre outros. Ainda que boa parte das plantas amazônicas demandem de pesquisas mais elaboradas sobre seus valores curativos, propriedades e benefícios, os indígenas há muito já se utilizavam de ervas, cascas de troncos, folhas, para tratar problemas de saúde²⁵¹.

3. 2.1 - Mulheres Curandeiras, Parteiras nos seringais

Para além da rotina de trabalho cansativa, essas mulheres enfrentaram dificuldades em meio à mata, não recebendo assistência médica. Naquelas longínquas localidades aprenderam a viver na floresta Amazônica e a se utilizar de tudo do que ela tinha para oferecer, buscando minimizar as enfermidades.

A presença da mulher foi de importância vital nesse segundo momento de expansão produtiva da borracha. O fato de ser tão importante levou a que os seringueiros realizassem correrias em busca de mulheres no século XIX quando o número de mulheres eram bem inferior ao de homens. Cristina Scheibe Wolff²⁵² aponta que as correrias que foram realizadas em busca de mulheres indígenas que eram caçadas e “amansadas” para se tornarem mulheres dos seringueiros ou vendidas pelos

²⁵¹ Extrativismo vegetal na Amazônia : história, ecologia, economia e domesticação /editor técnico, Alfredo Kingo Oyama Homma. – Brasília, DF : Embrapa, 2014.

²⁵² WOLFF, Cristina Scheibe. Mulheres da Floresta: uma história: Alto Juruá, Acre(1890-1945). São Paulo: Hucitec, 1999.

seringueiros para os patrões que por sua vez venderiam essas indígenas para outros trabalhadores do seringal, tornou-se prática comum no primeiro surto da borracha.

Dentro desse processo conflituoso na região do Juruá, no Acre, famílias foram formadas, já que alguns seringueiros casaram – se com essas mulheres indígenas. No século XIX para o XX, não só na região do Acre mais no Amazonas como um todo, quando a autora referisse a “amansadas”, está tratando das mulheres indígenas, que eram capturadas:

“Vários grupos tornaram-se (ou foram obrigados a torna-se) seringueiros ou trabalhadores agrícolas, sem, no entanto se confundirem com os “cearenses”; muitas mulheres foram “amansadas” e se tornaram mulheres de seringueiros, muitas foram adotadas por “cidadãos”. E ainda, muito do conhecimento da floresta e das formas de sobrevivência nela, bem como outros “bens culturais”, magias, festas, relações de parentescos, etc., foram apropriados pelos seringueiros.²⁵³”

Ou seja, em uma relação que se deu de modo conflituoso, nasceu também essa assimilação da qual tratamos aqui. As práticas de curas foram sendo retiradas de dentro das florestas. Esses ensinamentos que passando de geração em geração, através da oralidade, possivelmente também foram práticas herdadas de indígenas que sempre tiveram essa relação com a mata, assim como as pessoas da região aprenderam práticas com as nordestinas.

Esses ensinamentos aprendidos pelas mulheres tornaram-se, naquele momento, necessários tendo em vista que os remédios eram devidamente entregues aos barracões, sobretudo os remédios para a malária. Mas os remédios não eram distribuídos para os trabalhadores e sim vendidos a altos preços. As famílias que tinham pouco crédito com o patrão, não tinham condições de ter acesso a remédios devido ao alto preço.

Conforme vimos acima, existiam os guardas medicadores que eram funcionários da Sesp e que tentavam distribuir os medicamentos para os seringais. Existiam ainda pequenas embarcações que iam a localidades mais distantes, mas a região era muito extensa tornando-se inviável alcançar todo território, segundo aponta Lima:

“O certo é que, apesar da interferência do Estado na arregimentação e colocação dos trabalhadores nos seringais, os abusos dos seringalistas não se tornaram exceção, em muitos casos utilizando-se dos benefícios concedidos pelo Governo Brasileiro. Exemplo disso era o medicamento atebrina, utilizado para combater a malária, doença que grassava pela região e provocava diversas morte ou incapacidades para o trabalho. Esse medicamento

²⁵³ WOLFF, Cristina Scheibe. Mulheres da Floresta: uma história: Alto Juruá, Acre(1890-1945). São Paulo: Hucitec, 1999. p 154-155.

que tinha origem nos Estados Unidos deveria ser fornecido gratuitamente aos seringueiros em substituição ao quinino. Porém, isso não ocorria, sendo o medicamento, na maioria das vezes, vendido a preços nada módicos. As agências governamentais até buscavam evitar tais condutas, ameaçando de severas penas aqueles que comercializassem os remédios, mas muitas das vezes não obtinham sucesso na empreitada²⁵⁴.”

Sem condições de ter acesso ao remédio, por vezes escolhiam não trocar o remédio pela borracha, devido seu elevado valor, o seringueiro optava por não comprar esse ou outros remédios, fundamentais para a sobrevivência nas colocações.

Conforme indica Fernando dos Santos acerca do tratamento que esses trabalhadores recebiam:

“Fica claro que as distinções de classe também eram bem marcadas dentro dos seringais, e que este mundo rural, organizado sob o manto da floresta tropical, tinha sua dinâmica e sua estrutura essencialmente diferentes da vida nas cidades da Amazônia. Se observarmos a questão pelo lado da saúde, por exemplo, verificamos que os trabalhadores pobres urbanos, ainda que de forma precária, beneficiavam-se da infra-estrutura de que as cidades dispunham. Os seringueiros só teriam acesso a um medicamento – prescrito pelo próprio patrão ou pelo empregado do barracão – se dispusessem de saldo para adquiri-lo e se, no armazém, houvesse o remédio. Caso contrário, estes homens utilizavam os ensinamentos que traziam de sua terra natal e os adquiridos com os nativos, com quem travavam contato²⁵⁵.”

Dessa forma, os conhecimentos adquiridos ao longo de anos, saberes esses assimilados das comunidades indígenas, que vivem ou viveram naquelas regiões, que foram sendo incorporadas nas vidas daquelas famílias. Essas práticas de curas foram sendo conhecidas, surgindo assim um relacionamento vinculado ao mundo dos seringais, por exemplo, dentro das matas. Outro ensinamento adquirido com os indígenas foi o ritmo de trabalho, que tem uma forte ligação com o tempo. Há um tempo para o plantio, para a colheita, para o corte da seringa, um tempo de preparo do solo para o plantio. Ou seja existe uma verdadeira parceria com a natureza, vai estabelecendo o desenvolvendo dos afazeres diários²⁵⁶.

²⁵⁴ LIMA, Frederico Alexandre de Oliveira. Soldados da Borracha, das vivências do passado às lutas contemporâneas. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013. p. 96

²⁵⁵ SANTOS, Fernando Sergio Dumas. Ainda a “cultura do barracão” nos seringais da Amazônia. História Oral, 3,2000, p. 69-89.p 74.

²⁵⁶ ALBUQUERQUE, G. R. Trabalhadores do Muru: o rio das cigarras. 1. ed. Rio Branco - Acre: Editora da Universidade Federal do Acre - EDUFAC, 2005. v. 01. P.60

Ivan Martins que trabalhava na região do rio Jatapu, interior do Amazonas, conta algumas das práticas que aprendeu com a mulher de seu pai, uma mulher de origem indígena:

“Foi difícil no início, mas meu pai se apaixonou por uma índia e foi ela que ensinou tudo sobre a floresta. Tinha uma planta que a gente amassava com água e tomava todo dia de manhã, que servia para espantar as coisas ruins, a malária e aquela leishmaniose. Esse bicho, quando ferra, vai comendo a carne da gente, é uma coisa horrível²⁵⁷”

No entanto essas mulheres com saberes terapêuticos, não eram encontradas em todas as localidades do Amazonas. Como visto no relato acima, foi à mãe que ensinou o marido formas de afastar a malária. Podemos dizer que esses ensinamentos, as pequenas receitas e as práticas de cura, iam sendo trocadas entre essas famílias.

As parteiras são muito bem retratadas por Benedita Celeste, ressaltando como as parteiras, seriam as herdeiras dos saberes de suas famílias, na prática de realizar partos, curandeirismo. As mulheres quilombolas vão reconstruindo a formação de suas comunidades, tratando das várias dificuldades que essas mulheres enfrentaram, demonstra as relações de gênero, reprodução, falando dos antigos quilombolas e de seus antepassados, para fundamentar suas histórias, da região do baixo Tocantins.

Para exercerem seu ofício, criaram uma relação de afetividade com os doentes. As grávidas eram acompanhadas desde muito cedo, no início da gravidez, a parteira já visitava constantemente esta mulher, oferecendo-as condições de médica popular. Para estas comunidades onde a medicina oficial não chegava, nas regiões afastadas, eram estas rezadeiras, parteiras, curandeiras as que desempenham o papel de cuidado, de solidariedade e afetividade com os membros dessas comunidades²⁵⁸. Benedita Celeste atesta que:

“As práticas e saberes destas mulheres vão se consolidando ao longo dos anos no meio de uma clientela que confia no poder de suas palavras, de suas ervas, de suas orações e de suas mãos; daí não por que são historicamente rotuladas pela medicina oficial como “curiosas”, “práticas”, “comadres”, “leigas”. Por outro lado, através dos dons que dizem possuir, tornam – se confiáveis, dignas de curas e “milagres” no meio em que atuam.²⁵⁹”

²⁵⁷ Rede Brasil Atual. RBA (2014) . Página consultada em 13 de maio de 2016 - <http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2014/05/ouro-branco-da-amazonia-a-historia-dos-soldados-da-borracha-9078.html>.

²⁵⁸ PINTO, Benedita Celeste de Moraes. Filhas das Matas: práticas e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantina. (CIP) UFPA, Belém: Açaí, 2010.P. P.51 -106.

²⁵⁹ Idem. p.51 -106

Estas que eram, e são, marginalizadas pela medicina oficial, vistas como “curiosas”, nunca cobravam pelos seus serviços, recebiam alimentos ou a gratidão destas pessoas, sendo da mesma condição social dos membros dessas comunidades. O que as diferenciava, são as práticas de curas, herdadas de seus parentes, que adquiriram esse conhecimento desde muito cedo, cada uma com suas diferentes curas, pois, existe diferença entre as curandeiras, benzedeadas e parteiras.

Embora elas adquiram todas essas funções, as práticas são realizadas de modos diversificados. No caso por exemplo das parteiras, que também são curandeira e benzedeadas, está no ofício de fazer nascer, pode ficar dias na casa da grávida, por existirem complicações, o que acaba afastando a mesma dos ofícios diários e de sua família. Isto mostra o vínculo íntimo, entre essas mulheres e a sua comunidade, tendo um trabalho não remunerado e possuindo as ferramentas ideais para um atendimento.

Esta ainda se solidariza com esses doentes e grávidas, ajudando, ainda que venham sendo acompanhadas por profissionais da área da saúde, seus saberes continuam sendo passados e reinventados geração após geração, tendo em vista que existe uma confiança por parte da comunidade nestas mulheres. Nessas comunidades onde o atendimento estas onde atendimento básico de saúde não chegava e a solidariedade destas curandeiras é o que tem feito que estas pessoas sobrevivam e nascem²⁶⁰.

Está discussão é apresentada no trabalho de Carlos Alberto de Souza, onde ele fala das mulheres que vivem e trabalham nas florestas do Acre;

“O conhecimento sobre a mata, adquirido no cotidiano, no trabalho, nos passeios, no plantio dos roçados com outras mulheres, fez com que as seringueiras aprendessem uma prática medicinal que pudesse curar suas doenças, as dos filhos e as dos maridos, realizando partos, levadas pelas necessidades.²⁶¹”

Segundo a pesquisa de Carlos Alberto Souza, através de entrevistas com mulheres das matas acreanas, estas desempenham esse papel de parteiras, curandeiras através da medicina popular com relação direta com a natureza, por médio de remédios naturais.

Comparando com a pesquisa de Benedita, estas comunidades do Acre, também não dispõem de atendimento médico, são comunidades afastadas, que contam com os saberes destas mulheres para sobreviver às doenças e outras complicações. Como, por

²⁶⁰ Ibidem, p. 51-106, 126.

²⁶¹ SOUZA, Carlos Alberto Alves. *Aquirianas: mulheres da floresta na história do Acre*. Rio Branco: Instituto de Pesquisa, Ensino e de Estudos das Culturas Amazônicas, 2010.p.117

exemplo, durante a gravidez estas também acompanham suas grávidas desde o início, fazendo trabalhos que evitam a perda das crianças na hora do parto e ainda conhecem vários remédios naturais, caseiros, que são utilizados no momento em que pessoas adoecem nestas localidades e recorrem as curandeiras.

Por se tratarem de práticas herdadas, aprendidas, é evidente que em muitas regiões do interior não encontramos com tanta facilidade essas mulheres, até por que, se trata de uma relação que cria laços. O forte vínculo das parteiras com a comunidade é necessário no estabelecimento de uma vivência para que tudo corra bem, com a tensão continua de agentes da saúde sobre essas mulheres que exercem esse ofício, estas se sentem intimidadas. No entanto estes não podem impedir que estes saberes sejam passados e aplicados, principalmente nas regiões mais afastadas onde não existem hospitais e nem médicos, como evidencia Bendita estas mulheres são responsáveis por 15% dos partos realizados fora de hospitais, principalmente nas regiões Norte e Nordeste²⁶², onde existem implicações para chegar até a essas populações interioranas. A população por sua vez buscava os cuidados das parteiras e curandeiras. Benedita Celeste relata que

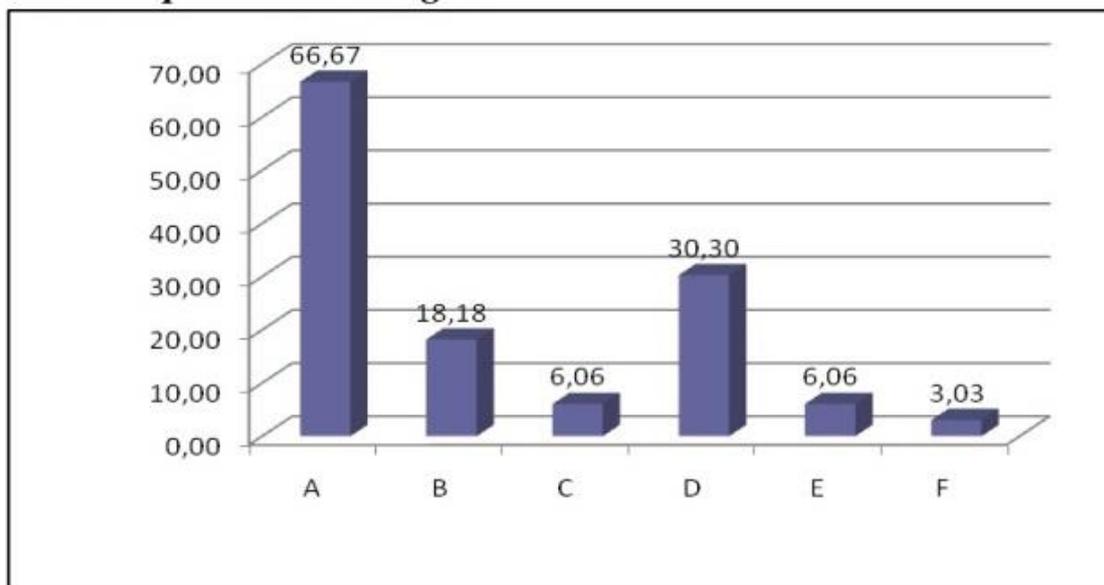
“Esse aprendizado das parteiras seringueiras, “gestado” em seu próprio modo de vida, é uma prática muito própria da floresta, pela maneira com que elas desenvolvem os remédios para as “operações”. As práticas que simbolizam a construção de um modo de vida em que homens e mulheres se solidarizam são constituídas no cotidiano desses trabalhadores²⁶³.”

Outro olhar importante acerca desse tema é o de Marcelo Negreiros quem buscando analisar a saúde dos soldados da borracha no Acre, nos trouxe um gráfico que demonstra como eram os partos dentro dos seringais. Para a realização do gráfico entrevistou mulheres e chegou a seguinte divisão:

GRAFICO 1 –Distribuição das categorias/representações frente a questão
“Como as mulheres pariam no seringal?”

²⁶² PINTO, Benedita Celeste de Moraes. Filhas das Matas: práticas e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantina. (CIP) UFPA, Belém: Açaí, 2010.p.p.124,136.

²⁶³ Idem. P124



Fonte: Negreiros (2011) Legenda: A: parteira; B : Outras mulheres; C: Sozinhas; D: Com a ajuda dos maridos; E: Do jeito que Deus dava; F: não respondeu.

Evidente que essa distribuição de número de partos que ocorriam com assistência de parteiras, com ajuda de marido ou em alguns casos sozinhas, é válida para o território do Acre. Mas é possível através da mesma termos uma dimensão de como parte dessa população feminina sofria nas horas de terem filhos. Na categoria intitulada “do jeito que Deus dava” tratava-se de mulheres que atribuíam o bom parto a Deus, já que tinham filhos sem recurso algum, mas apesar disso segundo as entrevistadas não morriam tantas crianças no parto²⁶⁴.

A entrevistada Consuelo Ladislau exemplifica as relações que as parteiras tinham com a natureza, se utilizando das ervas da mata para poder realizar partos e curas. Consuelo morava em uma região mais próxima do município do Anori, que não era tão dentro da mata onde eram localizados os seringais. Nesta localidade Consuelo conta que havia uma parteira de nome Clotilde que teria realizado o parto de alguns de seus filhos:

“Eu tive em casa mesmo, com a parteira, eu dizia pode deixar aqui que vou morrer, mais não era uma dor era uma coisa assim grande, aí ela disse: - não mais vai ter que sair!
Aí quando menino saiu ele era sebento, ela disse: - por isso comadre que demoro, ele era sebento²⁶⁵.”

²⁶⁴ NEGREIROS, Marcelus Antônio Motta Prado. Trajetórias e memórias sobre a saúde dos Soldados da Borracha em Seringais do Acre. Tese(Doutorado em Ciências). Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde.São Paulo, 2011.p, 118.

²⁶⁵ LADISLAU, Consuelo. Depoimento [10 Abril. 2016]. Entrevistadora: Jéssyka Sâmya, Manaus: Amazonas, 2016.

Estas trabalhadoras atuantes sofriam e sofrem com as condições de trabalho a que eram submetidas. A mulher vai criando suas teias de relações com outras mulheres em busca de uma ajuda mútua dentro da realidade em que viviam. No caso dessas parteiras/curandeiras existe uma solidariedade para com essas pessoas das comunidades, dentro das matas.

Consuelo ainda continua contando outro caso em que teve complicações no parto e novamente recorreu a parteira da região. Nesta situação, teve que fazer uso de remédios naturais, pois sua placenta não queria sair:

“Agora tive dois lá em casa ali, mas eu não tinha muita dor não, só com a Naira (sua filha) aí quando tive ainda ficou agarrada a placenta, aí vamos, vamos, vamos e a mulher veio e segura e rezava, aí foram lá pegar galho, deram uma colherada, naquele tempo já tinha banha de arraia, e pobre da Naira rodando (de colo em colo) coitada. Não, não saía à placenta que ficou agarrada, muitas coisas elas faziam e rezavam deram a colher de banha de arraia, lá eu tomei pra descer a placenta né, bota o ovo cru, eu engoli o ovo cru, maninha engoli e nada e nada, só a vontade de viver doida... aí te saiu²⁶⁶.”

Essas relações das parteiras com a paciente podem ser percebidas nestes relatos, elas insistem na sobrevivência da mãe da criança se utilizando de várias práticas, além da reza, também fazem uso de ervas e neste caso à banha de um animal da região.

Não só para realizar os partos, mas também no auxílio de doentes, como foi o caso da filha mais nova de Consuelo. Sua inexperiência em realizar curativos no bebê fez com que sua filha viesse a adoecer e foi novamente a rezadeira quem veio em seu auxílio, desta vez com a ajuda de um remédio não natural e também com o reforço de remédios naturais da região:

“Arnalda também eu sofri por que ela era pequenininha, aí nasceu, eu tinha medo de limpar o umbigo né tinha que da banho, defumar e eu não sabia dessas coisas, aí a parteira tinha ido outra e disse com oito dias veio, comadre como que é, aí Arnalda já tava com febre tadinha nem mamava mais, aí eu digo Joel vai comprar uma vela sua Irma vai morrer. Aí ela chegou, a comadre e falou passa sabão passa essa pílula, parecia melhora infantil. Melhorou botou no mel, (a criança foi) chupando, chupando, chupando, o mel aí ela lavou o umbigo botou o remédio, defumou que tava inflamado, por ela tava com febre já²⁶⁷.”

²⁶⁶ LADISLAU, Consuelo. Depoimento [10 Abril. 2016]. Entrevistadora: Jéssyka Sâmia, Manaus: Amazonas, 2016.

²⁶⁷ LADISLAU, Consuelo. Depoimento [10 Abril. 2016]. Entrevistadora: Jéssyka Sâmia, Manaus: Amazonas, 2016.

Desta forma, essa relação que era construída entre essas mulheres, no caso essas mulheres terapêuticas e seus pacientes, não eram encontradas em todas as localidades da região. Muitas vezes as mulheres tiveram seus filhos sozinhas dentro das matas, das colocações, inclusive Consuelo teve filhos sozinha quando estava já na comunidade no Anori.

Na entrevista de Ana Xavier ela conta acerca de seu nascimento. Sua mãe teve ela e seus irmãos sozinha, sem assistência nem dessas mulheres terapêuticas:

“(...) eu nasci nesse tempo, quando dia de sábado, ia tudo pra mata, ia dormi na mata, na casa daqueles vizinhos mais longe. Aí a mamãe tava grávida de mim, até que um dia ela saiu, chegou na casa de um preto que tinha lá, que era lá, lá, eu nasci lá, na casa do nego velho, (risos)...”²⁶⁸

Francisca das Chagas teve seus filhos sozinha também na colocação: “em casa, nesse tempo não tinha esse negócio de doutor não minha filha, era mocinha paria era sozinha, não tinha doutor não²⁶⁹”. Através desses relatos percebemos como essas mulheres não podiam contar com a devida assistência médica naquele período.

Diante de tantas complicações que enfrentavam nos seringais, como a questão do parto, encontramos registros em que é o marido que vai ajudá-la no parto ou estas têm seus filhos sozinhas dentro das colocações, tendo em vista que não haviam parteiras e mesmo onde haviam a entrevistada Consuelo relata que essas parteiras atendiam um número bem grande de mulheres que estavam grávidas, logo ficavam concentradas naquelas localidades onde ela morava.

Essas mulheres terapêuticas não eram encontradas em todas as localidades do seringal. Sem hospitais e nem mesmo sem ajuda das parteiras, muitas mulheres acabavam morrendo no parto ou tendo seus filhos sozinhas, nas colocações.

3.2.2 - Os Encontros e Festas

As estradas onde eram colhidas o látex, eram extensas e distantes das colocações. Em geral as próprias colocações eram afastadas umas das outras, dentro das matas onde se concentravam a extração da goma, onde ficava o tapiri.

²⁶⁸ PINTO, Ana Xavier. Ana Xavier Pinto. Depoimento [15 Novembro. 2013]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2013.

²⁶⁹ RIBEIRO, Francisca das Chagas. *Francisca das Chagas Ribeiro*. depoimento [10 Fevereiro. 2014]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2014.

Os tapiris eram as casas, feitas de madeira e cobertas por palha, onde era feita a defumação da borracha. De acordo com Mauro Cherobimo²⁷⁰ as colocações eram barracas instaladas em áreas de extração da goma e geralmente o seringueiro construía seu tapiri, o abrigo para si e sua família, não muito longe dali, para poupar tempo no processo de defumação, contudo os materiais necessários para as obras também pertenciam ao seringalista. O custo do preparo das colocações e do tapiri aumentava a dívida do trabalhador.

Essas moradias não eram necessariamente umas próximas as outras, pelo o que essas mulheres podiam, em alguns casos, ficar meses nas colocações somente com os filhos e longe dos maridos. A solidão nos seringais abriu espaço para que entre elas houvesse cumplicidade quando tinham oportunidade de se encontrarem para realizar afazeres.

O encontro para a organização de festas, a lavagem de roupa no igarapé, a reunião para desempenhar trabalhos dentro dos seringais, representavam uma oportunidade, onde estas usavam esses espaços para discutir problemas em comum e unir lazer ao trabalho. Essas oportunidades de encontro eram utilizadas para que pudessem expor seus problemas, trocar receitas, aprender rezas para serem utilizadas em caso de necessidade²⁷¹.

Ana Xavier ao delinear como aconteciam a organização das festas que ocorriam no seringal todo o sábado, nos explica que as festas eram uma forma de lazer daquelas famílias em meio as dificuldades naquelas localidades:

“Todo sábado tinha uma festa, a pessoa era pobre, mas era animado, (risos)...

Que não tinha esse negócio de ir bem vestido, ninguém não sabia o que era né, tudo tava lá, eu sei que era um caso sério o Japurá velho... não era só o Japurá não, era a beira do rio todinha... Ai era todo mundo que quisesse dançar ía, ía era tocador era de sanfona, tinha um sanfoneiro lá, que era uma beleza, risos...”²⁷²

As relações das famílias, ainda que com todas as dificuldades, iam além do trabalho. Ana Xavier se enche de alegria ao lembrar daquelas festas, animadas em meio a mata, com sanfoneiros, e todos dançando descalços, sem se importar com a aparência ou com a falta dos sapatos.

²⁷⁰ CHEROBIM, M. —Trabalho e comércio nos seringais amazônicos .Perspectivas, São Paulo, 6:102-107, 1983.

²⁷¹ FERREIRA, Maria Liége Freitas. Mulheres no Seringal: submissão, resistência, saberes e praticas (1940-1945). VIII Simpósio Internacional Processo Civilizador, História e Educação. Paraíba, 2004.

²⁷² PINTO, Ana Xavier. Ana Xavier Pinto. Depoimento [15 Novembro. 2013]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2013.

“Eu me lembro tanto disso mana, eu lembro de muita coisa, acula, das festas que íamos todos os sábados, sapato ninguém falava não que era besteira, todo mundo ia descalço, não tinha dinheiro pra comprar sapato e todo mundo dançava e era muito, você acula vê, que Deus é bom, mas uma miséria daquele jeito, eu nunca vi na minha vida, nem pretendo ver...”²⁷³”

Esta fala, carregada de nostalgia nos demonstra bem como as relações que foram se estabelecendo nesses ambientes foram vitais para a sobrevivência dessas pessoas e não só no trabalho. Mas como Maria Ferreira aponta, na troca de experiências, receitas ou uma simples conversar, o importante era saber que tinham uma certa solidariedade umas com as outras²⁷⁴.

“Tinha festa aí no Capori, mais não era essas festas não, que tem hoje... Gargalhadas, me lembro, quando eu já fiquei grande né que tinha, Natal, São Cristovão, tinha um nome que festejava né... Era, afastado, a gente ia em canoa, lá pras festas, a gente ia em canoa, era assim, era muito, difícil ir pra lá naqueles tempos, no meu tempo, era muito difícil.”²⁷⁵”

Francisca das Chagas, em quase toda sua entrevista se mostrou desconfiada, porém quando o assunto, chegou ao ponto das festas, ela deu uma longa risada, assim como Ana Xavier. As entrevistadas lembram com saudades daqueles momentos de festas com as comunidades. Na narrativa de Francisca das Chagas, as festas aconteciam em lugares mais afastados, no entanto a trabalhadora estava presente nessas comemorações, era uma forma de lazer dessas trabalhadoras, organizada por elas, tais como datas comemorativas como o Natal e as festas de Santos.

“Mas, o seringueiro, mesmo sendo uma mão de obra explorada na extração do látex aprendeu a ter afetividade por seu trabalho, pelo seu lugar. Destacam as pescarias que faziam, a caçada, os animais, o canto dos pássaros, as alegrias das festas nos seringais que eram sempre celebradas em alguns dias santos, como: São Sebastião, Santo Antônio, São Francisco, São Pedro, Santa Luzia, etc”²⁷⁶.

²⁷³ PINTO, Ana Xavier. Ana Xavier Pinto. Depoimento [15 Novembro. 2013]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2013.

²⁷⁴ FERREIRA, Maria Liége Freitas. Mulheres no Seringal: submissão, resistência, saberes e praticas(1940-1945). VIII Simpósio Internacional Processo Civilizador, História e Educação. Paraíba, 2004.

²⁷⁵ RIBEIRO, Francisca das Chagas. Depoimento [10 Fevereiro. 2014]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2014.

²⁷⁶ ASSUNÇÃO, Sandra; SILVA, Josué; SILVA, Adnilson. Lembranças do Lugar: O ser Seringueiro em Extrema\ RO. Revista Igarapé, Vol. 1, No 1 .2013. p. 6.

No trabalho citado acima, onde os autores através das memórias de seringueiros buscam demonstrar o cotidiano de exploração, mas também as relações que vão sendo construídas por esses indivíduos, tais como o cotidiano de pescarias, festas²⁷⁷.

Sentimos necessidade de colocar esse breve relato sobre as festas, carregados de alegrias por partes destas senhoras, ao lembrar e que naqueles local, onde trabalharam sobre domínio de um patrão que tentava controlar de todas as formas esses trabalhadores, ainda assim, elas lembram com sorriso no rosto de quando escondiam borracha para vender para regatão, das pescaria, das festas, das conversas, de toda a experiência construída dentro das matas nos centros ou próximas dos rios Amazônicos.

3.2.3 - A Alimentação

A memória destes trabalhadores, destas famílias e sobretudo dessas mulheres, mostram um universo de trabalho, de exploração, de resistência, de luta, de lazer, de solidariedade e de fartura. Este último, no sentido de que de todas as pessoas que foram entrevistadas nenhuma alegou passar fome, não por que tinha a manutenção nos barracões e sim por que se organizaram de modo que todo a família trabalhava.

Sobre a questão dos alimentos fica evidente que os alimentos consumidos no Nordeste eram diferentes dos alimentos consumidos na região Norte. Isso inicialmente provocou o estranhamento dessas mulheres com a alimentação, diferente das mulheres da região. Ao chegar no Amazonas, estranharam a comida que era encontrada na mata, não estamos falando da comida presente nos barracões que em sua maioria tratava-se de comida em conserva, carne seca, enlatados.

Conforme aponta o estudo de Manuel Bastos Filho na Revista do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas em 1945, onde reclama da alimentação que seria dada aos trabalhadores sendo que os alimentos frescos que deveriam ser fornecidos na perspectiva do autor evitando assim problemas de saúde, destacamos:

“A população aí vive em regime de absoluta mendicância, no que diz respeito a gêneros indispensáveis a sua alimentação. Trocam – se os gênero de produção por amostras de xarques e porções de farinha, produtos quase sempre, em caminho andado, quanto a sua alteração e decomposição.

Custa-nos acreditar que, na época em que a civilização penetra novamente no Vale, e os seus emissários os aviões, roncavam nas nossas florestas a procura do elemento insubstituível, nossa contribuição de

²⁷⁷ ASSUNÇÃO, Sandra; SILVA, Josué; SILVA, Adnilson. Lembranças do Lugar: O ser Seringueiro em Extrema\ RO. Revista Igarapé, Vol. 1, No 1 .2013. p. 6.

guerra, na época em que a nutrição é a química da vida, no dizer de Mendel, o “cabloco”, o mesmo infeliz de sempre recebe outra vez o golpe inglório que, para si e para a sua prole, representam os enlatados, as conservas em decomposição²⁷⁸.”

A alimentação fornecida pelos barracões não era satisfatória para esses trabalhadores, mas com a produção dentro das matas mesmo não sendo bem vista pelos patrões, tornava-se impossível para o seringalista controlar todas as hortas que eram criadas na região. Tentavam manter a produção de borracha elevada.

Assim foram incorporadas na alimentação dessas famílias, além dos produtos citados acima, outros como a pesca e a carne de caça. Conforme nos informa Altina Lopez que no seringal a beira do rio havia fartura de alimento, diferente dos seringais no centro:

“Naquele rio ali era uma praia cheia de areia, só tinha areia, quando era de noite a gente ía lá para aquela praia no inverno. Tinha uma época assim que a gente ía e tinha tracajá, tartaruga, cabeça era um bocado de coisa assim que pegava na praia a gente ia só pra virar eles, a gente chegava lá tinha duas, três pra entrar na água, quando eles vinham à gente pegava virava eles, deixava de perna pra cima. Tinha cada tartaruga, olha! Tinha umas tartaruga que lá que e gente virava elas assim, ela dava duas bacia, essas baciona, não sei se você conhece, era umas baciona de corta seringa, o leite da seringa, ela dava duas daquela cheinha, as tartaruga cada uma que era assim enorme, só que quando a gente chegou lá agente não comia não, a gente tinha era nojo mais depois foi indo, foi indo se acostumou que a gente era bom, era muito bom, o seringal que a gente morava e tinha muita coisa, muita caça, olha veado, tudo, tudo, tudo²⁷⁹.”

Para um trabalhador originário de Sobral que não quis se identificar, comparava a vida no Nordeste e no seringal. Onde no Nordeste ele era o dono da terra e havia períodos em que se passava fome, em tempos de seca, já no Amazonas afirmava que se vivia triste, por estar amarrado a terra, apesar da fartura as condições de trabalho eram frustrantes para o trabalhador: “- aqui no Amazonas a vida é farta. Tem veado, o porco prá se caça, o peixe no rio prá cá se pesca, mas a vida é sempre triste, a gente está sempre amarrado²⁸⁰”.

²⁷⁸ LIRA, Manuel Bastos. Revista do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas. Ano VII, vol. VII. Manaus 1948. Rio de Janeiro, p. s/n – Arquivo da Biblioteca Nacional do Brasil.

²⁷⁹ LIMA, Altina Lopez Lima. Altina Lopes Lima. Depoimento [08 Maio. 2013]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2013.

²⁸⁰ Entrevista de migrante de Sobral. Entrevista realizada por Samuel Benchimol, Manaus: Amazonas, 1942. Cap. II Nossa gente: Ex - Antes e Ex-Post: O perfil antropogeográfico do “Cearense” Imigrante na Amazônia - A Mulher e a Família do Imigrante. Publicada no Livro BENCHIMOL, Samuel. Amazônia: Um Pouco – Antes e Além Depois. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977.

A trabalhadora Joana Cardoso, entrevistada por Benchimol, teria trabalhado no Solimões, mas com o marido adoentado retornou para Manaus, Joana apresenta dissabor com a comida da região:

“Eu não gosto mesmo é do lugar. Prefiro morrer de fome na minha terra... Eu não suporto os peixes daqui. Toda vez que como farinha d’água sempre adoço. Só gosto de pirarucu que é muito parecido com o bacalhau, que eu gosto muito²⁸¹”.

Conforme podemos ver, a alimentação diferenciada representava inicialmente um certo estranhamento, até mesmo *nojo*, mas ao passar do tempo percebemos como essas pessoas iam aceitando e gostando da nova alimentação. Eles narravam inicialmente que naqueles seringais era possível adquirir carne e quando o rio estava seco impossibilitando a pesca, ainda que o trabalho fosse pesado, conseguiam criar pequenos animais. Segundo indica Antônio Guimarães, eles buscavam outras alternativas:

“Era, é, era duro pelo trabalho e duro e tinha épocas assim, que passava necessidades, o rio seca, faltava um pouco de peixe, às vezes a pessoa tinha uma criaçãozinha de galinha, de porco, às vezes matava caça na mata, nesse tempo não existia essa proibição, na praia se pegava bicho de casco né, tartaruga, tracajá e outros, por aí, era isso²⁸²”.

Francisca Diogo em sua entrevista, fala que o lugar onde moravam era muito pobre, ao ser questionada se passava fome a entrevistada tratou de indicar:

“Comida era o que tinha com fartura, fartura muita fartura. Comia a comida que você desejava, tinha pirarucu, tinha tambaqui, tinha tracajá, tinha pássaro lá, tinha o pato do mato que é gostoso. Pra lá, tinha muito.

Não tinha miséria de comida não e a gente fazia farinha, tinha tudo. Tinha farinha de tapioca, tinha macaxeira, tinha jerimum. Tinha assim, o sítio que a gente morava tinha cume? Pupunha, tinha cupuaçu de fruta, goiaba, tinha muita goiaba, laranja.

No Anori era terra de laranja no Anori, mas não era lá onde eu morava não, era aí fora. Mas lá onde eu morava também tinha laranja, mas não era muito, mas era um lugar farto, ele só era assim, que eu falei assim, como foi que eu falei? de pobreza.²⁸³”.

²⁸¹ Entrevista Joana Cardoso. Entrevista realizada por Samuel Benchimol, Manaus: Amazonas, 1942. Cap. II Nossa gente: Ex - Antes e Ex-Post: O perfil antropogeográfico do “Cearense” Imigrante na Amazônia - A Mulher e a Família do Imigrante. Publicada no Livro BENCHIMOL, Samuel. Amazônia: Um Pouco – Antes e Além Depois. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977.

²⁸² GUIMARÃES, Antônio. Antônio Guimarães. Depoimento [06 Abril. 2014]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2014.

²⁸³ JESUS, Francisca Diogo. Depoimento [06 Abril. 2014]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2014.

Ressaltando o que o autor Manuel Bastos²⁸⁴ destacou no texto na Revista do IGHB acerca dos alimentos que eram trocados nos barracões por alimentos em conservas de má qualidade, as famílias que estavam nos seringais do Centro se encontravam em uma situação mais complicada, uma vez que estando em áreas mais afastadas poderiam caminhar de duas até três horas para chegar aos rios para poder pescar, a roça não seria todo o tipo de alimento que poderia ser cultivado naquele solo, essas trabalhadoras dependeriam de estratégias de cultivo para poder no devido tempo colher frutas naquelas localidades ou optavam por cortar seringa.

No caso de Francisca das Chagas esta adotou como estratégia ficar no seringal mais à beira do rio, enquanto seu marido cortava seringa no interior da região conforme citamos anteriormente. E mesmo assim, na região onde ela e seus filhos moravam podiam cortar as árvores seringueiras.

Neste período em que cortavam no seringal do centro, por vezes o patrão não deixava os bens necessários para abastecer a essa família o que fez que a entrevistada tivesse que recorrer a outras alternativas: “nós fazia roça, nós plantava roça, plantava milho, plantava feijão, nós ia se mantendo, nos trabalhava, nos plantava tabaco²⁸⁵”.

Nesse universo a alimentação, se somava a outros consumos. Contava-se com outros bens alimentícios além das comidas em conservas e da carne seca, possibilitando assim consumirem alimentos frescos retirados e cultivados pelas mulheres na região.

As tarefas eram divididas, todos trabalhavam. A mulher neste caso, era em boa parte responsável pela garantia da sobrevivência da família, trabalhando nas roças, fazendo farinha, nas castanhas, no tratamento da caça, na defumação da borracha. Os homens na sua maioria, cortavam seringa, trabalho este que começava de madrugada e terminava de tarde. Após isso ainda, tinham que defumar a borracha, trabalho este realizado por suas mulheres, caso estivesse em áreas afastadas realizava esse serviço sozinho. Mas, este não era o único modelo. Encontramos, ainda, relatos de mulheres que perderam seus maridos e criaram seus filhos trabalhando dentro das matas, fosse cortando seringa ou no plantio.

Um ambiente onde começa a surgir à cultura do seringueiro, onde aprendem entre si, formas de se utilizar da floresta Amazônica para extrair alimentos, remédios, em alguns casos mulheres relatam que as sobras da borracha, eram usadas para fazer

²⁸⁴ Revista do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas. Manuel Bastos Lira. Ano VII, vol.VII. Manaus 1948. Rio de Janeiro, p. s/n – Arquivo da Biblioteca Nacional do Brasil.

²⁸⁵ JESUS, Francisca Diogo. Depoimento [06 Abril. 2014]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2014.

chinelos para as crianças, bolas, pequenos brinquedos para que eles pudessem se distrair. Onde aos poucos aprendem como resistir à vigilância do patrão, que naquele período e durante um bom tempo dentro do Amazonas controlou a vida daquelas famílias.

3.2.4 - Muitas Histórias

Muitas outras atividades de trabalho são realizadas dentro das matas Amazônicas, levando em consideração a infinidade de frutas, árvores, ervas e rios que nos revelam um ambiente bem amplo de afazeres, levando em consideração cada região da Amazônia.

Sabendo que as mulheres estão inseridas nestes trabalhos mesmo após a Segunda Guerra Mundial, podemos constatar sua participação para o desenvolvimento da agricultura de subsistência na região e também para a venda.

O Açaí por exemplo, que é um fruto que tem grande valor comercial para a região Norte e que é utilizado na fabricação de diversos outros produtos derivados do açaí, desde óleos, sabonetes, sorvete e seu consumo puro. Destacamos o trabalho feminino na colheita do açaí em áreas de seringais, em pesquisa recente constataram através de fontes orais, a participação de mulheres que trabalhavam extraíndo açaí para seu consumo e de sua família, evitando assim consumir nos barracões²⁸⁶.

Contudo sua remuneração ficava a parte, naquele período em que se trabalha em troca basicamente de bens básicos, as mulheres ficaram minimizadas quanto ao reconhecimento de seu trabalho.

Marina Silva aponta como as mulheres tem um papel fundamental na agricultura na Amazônia:

“Se considerarmos o avanço das experiências sustentáveis na Amazônia, a experiência feminina de lidar com a sustentabilidade em vários de seus aspectos – sobretudo no reforço da ação comunitária e na criatividade para garantir a sobrevivência social e material da família – pode ser a alavanca estratégica para dar a liga e a escala necessárias à criação de novos paradigmas na região.²⁸⁷”

²⁸⁶ CORRÊA, Pedro Vasconcelos, OLIVEIRA Fernanda Costa, TADA, Iracema Neno Cecílio. A história oral de mulheres que viveram no seringal, Psicologia em revista, Belo Horizonte, v. 21, n. 3, p. 430-447, dez. 2015.p 439, 440.

²⁸⁷ SHANLEY, Patrícia. Frutíferas e Plantas Úteis na Vida Amazônica. Belém: CIFOR, Imazon, 2005, p 12.

Conforme a socióloga Regina Bruno, a narrativa de mulheres dos grupos produtivos de mulheres localizados nos Territórios da Cidadania em áreas de reforma agrária”, ressalta as desigualdades entre homens e mulheres naquelas regiões, trabalhando com suas narrativas:

“Essa narrativa convive com a força de uma representação sobre seus maridos como companheiros que “juntos” partilham a luta, o trabalho e a vida. Se, de um lado, elas têm clareza da dimensão das “questões de gênero”, como costumam nominar, e a grande maioria consegue identificar as inúmeras situações de opressão que vivenciam, de outro, suas posturas diante das pressões, interdições e proibições dos maridos são de convencimento e de negociação. As assentadas estão sempre buscando um acordo, uma mediação e uma saída para os impasses.²⁸⁸”

Percebemos também como as entrevistadas tem consciência de que o seu trabalho, ainda que fosse igual ao dos homens não tinha o mesmo valor. De acordo com o que analisamos, essas mulheres não só tiveram uma jornada de trabalho exaustiva dentro dos seringais, como também conseguiram manter as suas famílias e também tiveram que tomar decisões visando estratégias para se manter longe do consumo proporcionados pelos barracões, principalmente porque em alguns casos foi inviável comprar nesses estabelecimentos.

Suas narrativas revelam uma desigualdade da importância que foi dada aos trabalhos realizados por mulheres. Essas mulheres que passaram por tantas dificuldades e que, por fim, tanto as que ficaram nos interiores do Amazonas como as que foram para cidade de Manaus, não tiveram seus direitos reconhecidos, como trabalhadora nos seringais. Algumas acabaram se aposentando como trabalhadoras do setor informal ou como domésticas e alguns casos nem seus maridos conseguiram se aposentar como trabalhadores do seringal.

Além disso evidente que as relações de trabalho eram diferentes, o trabalho feminino ainda é visto como algo complementar, aquela que presta uma ajuda, que realiza o serviço doméstico, que cuida dos filhos, entendendo como é desigual a visão do trabalho realizado por homens e mulheres.

Interessante ainda tratar como no caso das entrevistadas, elas demonstram seus sentimentos em relação ao trabalho que realizavam nos seringais, se por um lado a insatisfação com os padrões e os meios que eram utilizados para manter elas presas a

²⁸⁸ BRUNO, Regina. Sobre afetos e desigualdades de gênero: as assentadas dos grupos produtivos de mulheres. ANTHROPOLÓGICAS, ano 16, volume 23(1): 2012.

dívida. Por outro elas conseguem ter alguma empatia pelo local, chegando a demonstrar o desejo de voltar a viver em meio mata, mas sem os patrões.

Dona Ana Xavier por exemplo descreve que após a crise (sem enfatizar ao certo o ano), o seringal foi vendido e ela começou a ter uma maior liberdade para vender seus produtos na beira do rio, tabaco, peixe, dessa forma, fala que a vida melhorara consideravelmente.

Altina Lopes após seu casamento passa a trabalhar com o marido em uma colônia, e deixa bem claro que só foi para Manaus por que seu marido adoeceu, se não teria ficado na região, gostava do trabalho na colônia.

Francisca das Chagas é mais enfática sobre o desejo de voltar, boa parte de seus filhos ficaram trabalhando no Jataí, por isso mesmo ela pensava em voltar, gostava da região, no entanto a idade avançada não lhe dava oportunidade para realizar a viagem, mesmo assim Francisca deixava claro o desejo de voltar.

O desejo de retornar talvez esteja relacionado com as diferenças de vida na mata e na cidade, a identificação com aquele ambiente onde de certo modo ocorria um trabalho coletivo, que dificilmente será encontrado no ambiente urbano da cidade. Mas essas são apenas hipóteses, baseadas em relatos de algumas entrevistadas, em um universo de milhares de famílias que trabalharam nos seringais do Amazonas.

Considerações finais:

Como percebemos na pesquisa de campo ao ser questionada por Francisca das Chagas se eu teria conhecido algum soldado da borracha aposentado, eu respondi que sim Francisca então me questionou: “minha filha, por que eles conseguiram se aposentar como soldados da borracha e eu não, eu trabalhei também²⁸⁹?”.

Esta pergunta de Francisca demonstra de fato a pouca preocupação do governo com essas famílias. As indenizações por exemplo vieram tardiamente para muito trabalhadores, que só foram liberadas em 2015. Mesmo assim muitos foram os migrantes que vieram trabalhar na Amazônia, no entanto o número que receberam não foi tão expressivo assim. O valor estipulado em 25 mil, pagos em cota única, não atendeu nem metade dos trabalhadores, devido à demora, muitos morreram e apenas 12.000 foram indenizados.

Acerca da aposentadoria, somente em 1988 foi incorporado o art. 54 da constituição Federal, pelo qual foi dado o direito ao benefício no valor de dois salários mínimos²⁹⁰.

Foi então que durante a Organização do arquivo da Procuradoria da República do Amazonas, foram encontrados documentos de trabalhadores e trabalhadoras visando receber o benefício, o direito a aposentadoria como Soldados da Borracha, apresentando provas de que trabalharam para ao Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), as justificativas são dadas pelas mulheres e homens para receber os benefícios em 1996 a 1998²⁹¹.

No Relatório acerca dessas fontes é colocado que boa parte dos trabalhadores e poucas trabalhadoras, tiveram seus pedidos negados mesmo apresentando testemunhas de que teriam trabalhado nos seringais, seus relatos não foram levados em consideração.

Além da indenização que veio tardiamente, podemos pensar que o direito a aposentadoria como soldados da borracha também não atingiu a todos os trabalhadores

²⁸⁹ RIBEIRO, Francisca das Chagas. Depoimento [10 Fevereiro. 2014]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2014.

²⁹⁰ Constituição Federal. Parágrafo único. A concessão da pensão especial do inciso II substitui, para todos os efeitos legais, qualquer outra pensão já concedida ao ex-combatente. Art. 54. Pagina Consultada em 18 de Janeiro de 2017 - <http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/constfed.nsf/16adba33b2e5149e032568f60071600f/92ab4c78dad402c803256562007270ed?OpenDocument>.

²⁹¹ OLIVEIRA, Rafaela Bastos e PANTOJA, Tamilly Frota. Relatório sobre os Soldados da Borracha. Portaria Este relatório foi realizado a partir da implementação da Portaria PRAM nº 151 de 28 de Setembro de 2016. Pagina Acessada em 20 de Janeiro de 2017 - <http://bibliotecadigital.mpf.mp.br/bdmpf/handle/11549/93766>.

que extraíam o látex. A mulher ainda neste nesse caso se trata de um caso mais delicado, pois a documentação sobre as trabalhadoras é escassa.

Em se tratando no caso de Francisca das Chagas, infelizmente não encontramos documentação que comprove que elas trabalharam ao ponto de terem seus direitos reconhecidos naquele momento, essas mulheres ficaram invisibilizadas dentro das colocações e dos barracões durante anos, mas acabaram se tornando o eixo daquelas famílias que viveram e vivem nas florestas do Amazonas, justamente por desempenharem vários papéis.

Importante ressaltar ainda que passada a Segunda Mundial, famílias continuaram a trabalhar dentro dos seringais. Ainda que alguns padrões tenham vendidos suas terras. Em 1950 percebemos como os donos de seringais ainda enxergam no extrativismo a saída para a crise que na região, no entanto nos anos 1950 o governo preocupava – se em implementar um novo plano dos serviços para a Amazônia.

Existia na verdade a necessidade de criar uma política de recuperação da região da Amazônia, então em 1953 é criada a lei nº1.806 O Plano de Valorização Econômica da Amazônia²⁹², tratava-se de uma série de medidas que visavam incentivar o desenvolvimento da região, dentre eles incentivar o desenvolvimento agrícola, destacamos o artigo 1 que resume o plano de valorização:

“Art. 1º O Plano de Valorização Econômica da Amazônia, previsto no Art. 199 da Constituição, constitui um sistema de medidas, serviços, empreendimentos e obras, destinados a incrementar o desenvolvimento da produção extrativa e agrícola pecuária, mineral, industrial e o das relações de troca, no sentido de melhores padrões sociais de vida e bem-estar econômico das populações da região e da expansão da riqueza do País.”

Segundo Rodolfo Coelho e Carlos José a SPVEA não teria tido êxito em seus planos de desenvolvimento devido a uma série de fatores que tornavam inviáveis modernizar aquelas regiões e não teriam recursos suficientes para isso. Já durante o governo Juscelino Kubitschek seria realizado o planejamento da construção de Rodovias através dos planos de metas, para os autores essas rodovias teriam contribuído para o desmatamento da região conforme aponta Rodolfo:

“O principal elemento que deu condições para a ampliação do desmatamento na região foi a construção das rodovias Belém-Brasília (BR-010) e Brasília-Acre (BR-29,

²⁹²Legislação Informatizada - Lei nº 1.806, de 6 de Janeiro de 1953 –Página Consultada em 19 de setembro de 2016.<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1950-1959/lei-1806-6-janeiro-1953-367342-publicacaooriginal-1-pl.html>

atualmente BR-364). Esses dois grandes eixos rodoviários permitiram a formação de muitos povoados, vilas e cidades que, adotando como atividade econômica a agricultura e a pecuária em áreas próximas a essas rodovias, culminaram no desmatamento ao longo dos mesmos.^{293,7}

Além de contribuírem para o desmatamento nos arredores daquelas regiões, segundo Gilberto Marques²⁹⁴ o governo de Juscelino Kubitschek contribuiu para os conflitos na região da Amazônia, uma vez que favoreceu empresários, passando título de terras para seus nomes, sobretudo no Pará.

A SPVEA vai perdurar até 1966, segundo autor Gilberto Marques essa nova política para a região novamente vai negar para o trabalhador rural o salário. Novamente vamos perceber a população rural deixada à margem, se por um lado ocorriam mudanças nos investimentos na Amazônia e no incentivo do que seria produzido naquele momento, as famílias que trabalhavam no campo, possivelmente continuavam em uma situação difícil.

A pesquisa sobre a SPVEA e suas reais causas e consequências na região da Amazônia, dentro das matas, precisa ser melhor trabalhada e aprofundada, no entanto nos dá uma dimensão de como são conflituosas as relações de trabalho dentro das matas Amazônicas e de como as mulheres que estão inseridas nessas atividades de trabalho, acabam tendo suas causas negligenciadas. É importante que a história redima esse silêncio e que as pesquisas em torno do trabalho feminino, familiar, do trabalho análogo ao escravo e até mesmo infantil avance de forma contínua, a fim de desvendar as possíveis causas de porque esse tipo de trabalho perdura na Amazônia legal.

²⁹³ PRATES, Rodolfo Coelho e BACHA, Carlos José Caetano. Economia e Sociedade, Campinas, v. 20, n. 3 (43), p. 601-636, dez. 2011. Pag 608.

²⁹⁴ MARQUES, Gilberto S. REVISTA Soc. Bras. Economia Política, São Paulo, nº 34, p. 163-198, fevereiro 2013 Gilberto S. Marques.

Fontes impressas:

Boletim de Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda. Amazonas. Janeiro 1943, n 03. Rio de Janeiro, p. s/n – Arquivo da Biblioteca Nacional do Brasil.

Boletim de Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda. Amazonas. Janeiro 1944, n 03. Rio de Janeiro, p. s/n – Arquivo da Biblioteca Nacional do Brasil.

Documento, presidência da republica, coordenação da mobilização de trabalhadores para a Amazônia. Arquivo do Ceará.

Contrato de acordo de serviço médico entre Sesp e a Caeta.1943. p. s/n – Departamento de Arquivo e Documentação, Fiocruz, Rio de Janeiro.

Cosme Ferreira Filho.A borracha na economia Amazônica. Manaus 1952. Presente em livro de compilação de relatórios acerca da extração da borracha.

Cosme Ferreira Filho. A borracha: problema brasileiro. Inquérito sobre a actual posição da borracha amazônica e proposição de medidas para sua valorização. Manaus 1938. Biblioteca instrutiva do conselho técnico de economia e finanças do estado do Amazonas. nºII.

Fundamentos de uma Proposta de Revisão das atuais condições de produção da borracha na Amazônia. Oferecidos a apreciação da comissão de controle dos acordos de Washington pelas Associações Comerciais do Amazonas/Associações Comerciais dos Seringalistas do Amazonas. Rio de Janeiro, dezembro de 1943. Imprensa nacional- rio de Janeiro – Brasil.

Revista do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas. Manuel Bastos Lira. Ano VII, vol.VII. Manaus 1948. Rio de Janeiro, p. s/n – Arquivo da Biblioteca Nacional do Brasil.

Programa Cooperativo de Saúde Publica entre os governos do Brasil e dos Estados Unidos. Relatório Final dos Serviços da SESP. 1942-1960. p. s/n – Departamento de Arquivo e Documentação, Fiocruz, Rio de Janeiro.

Relatório do Serviço Especial de Saúde Pública. Ministro da Educação e Saúde. Janeiro, Fevereiro, Março. 1944. p. s/n – Departamento de Arquivo e Documentação, Fiocruz, Rio de Janeiro.

Relatório Administração SESP. Serie Organização e Funcionamento. 1944. p. s/n – Departamento de Arquivo e Documentação, Fiocruz, Rio de Janeiro.

Relatório da Diretoria da Associação Comercial do Amazonas. Ano social 1942. Rio de Janeiro, p. s/n – Arquivo da Biblioteca Nacional do Brasil.

Fontes disponíveis digitalizadas:

IBGE. Censo Demográfico 1940 – Rio de Janeiro: IBGE, 1950. v.II.

IBGE. Anuário estático do Brasil. Ano XI- 1950. Rio de Janeiro 1951.

Censo Demográfico Brasileiro: População e Habitação. Quadros totais para o Conjunto da união e de Distribuição pelas regiões Fisiográficas e Unidades Federais. Serviço gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro, 1950.

Jornal do Comercio, Domingo, 21 de Fevereiro de 1943. Encontra – se digitalizado no portal do Jornal do Comercio.

Jornal do Comercio, edição de 24 de setembro de 2006. Encontra – se digitalizado no portal do Jornal do Comercio.

Jornal A Folha do Acre, 3 de Fevereiro de 1946. Encontra-se digitalizado no portal da Biblioteca Digital do Brasil. Hemeroteca digital.

Jornal O Jornal, Domingo 10 de Fevereiro de 1946. Encontra –se digitalizado no Instituto Durango Duarte e Impresso na Biblioteca Publica do Amazonas.

Rede Brasil Atual. RBA(2014).Página consultada em 13 de maio de 2016 - <http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2014/05/ouro-branco-da-amazonia-a-historia-dos-soldados-da-borracha-9078.html>.

Trecho de entrevista de Dona Marcelina Texeira, trabalhadora no seringal. Colhido pelo Jornal Eletrônico *O Povo Online*. Página consultada em 20 de janeiro de 2017(<http://especiais.opovo.com.br/soldadosdaborracha/>).

Constituição Federal. Parágrafo único. A concessão da pensão especial do inciso II substitui, para todos os efeitos legais, qualquer outra pensão já concedida ao ex-combatente. Art. 54. Pagina Consultada em 18 de Janeiro de 2017-<http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/constfed.nsf/16adba33b2e5149e032568f60071600f/92ab4c78dad402c803256562007270ed?OpenDocument>.

Legislação Informatizada - Lei nº 1.806, de 6 de Janeiro de 1953 –Pagina Consultada em 19 de setembro de 2016.<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1950-1959/lei-1806-6-janeiro-1953-367342-publicacaooriginal-1-pl.html>

Fontes Orais:

GUIMARÃES, Antônio. Antônio Guimarães. Depoimento [06 Abril. 2014]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2014.

JESUS, Francisca Diogo. Depoimento [06 Abril. 2014]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2014.

LADISLAU, Consuelo. Depoimento [10 Abril. 2016]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2016.

LIMA, Altina Lopes Lima. Altina Lopes Lima. Depoimento [08 Maio. 2013]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2013

PINTO, Ana Xavier. Ana Xavier Pinto. Depoimento [15 Novembro. 2013]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2013.

RIBEIRO, Francisca das Chagas. Depoimento [10 Fevereiro. 2014]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2014.

NOGUEIRA, Raimundo. Raimundo Nogueira. Depoimento [06 Abril. 2014]. Entrevistadora: Agda Lima Brito, Manaus: Amazonas, 2014.

Entrevistas do Publicadas por Samuel Benchimol:

NASCIMENTO, Maria das Graças. Entrevista realizada por Samuel Benchimol, Manaus: Amazonas, 1942. Publicadas em 1977 .

Sebastião Constantino. Entrevista realizada por Samuel Benchimol, Manaus: Amazonas, 1942. Publicadas em 1977 .

Entrevista Antônia Ferreira. Entrevista realizada por Samuel Benchimol, Manaus: Amazonas, 1942. Publicadas em 1977 .

A entrevistada não quis se identificar. Entrevista realizada por Samuel Benchimol, Manaus: Amazonas, 1942. Publicadas em 1977 .

O entrevistado não identificado. Entrevista realizada por Samuel Benchimol, Manaus: Amazonas, 1942. Publicadas em 1977.

Entrevista Libório Gonçalves. Entrevista realizada por Samuel Benchimol, Manaus: Amazonas, 1942. Publicadas em 1977 .

Entrevista Maria Otávia. Entrevista realizada por Samuel Benchimol, Manaus: Amazonas, 1942. Publicadas em 1977 .

Entrevista de migrante de Sobral. Entrevista realizada por Samuel Benchimol, Manaus: Amazonas, 1942. Publicadas em 1977 .

Entrevista Joana Cardoso. Entrevista realizada por Samuel Benchimol, Manaus: Amazonas, 1942. Publicadas em 1977 .

Entrevista Antônio Pinheiro. Entrevista realizada por Samuel Benchimol, Manaus: Amazonas, 1942. Publicadas em .1977.

Referências:

ALBERTI, V., FERNANDES, TM, and FERREIRA, MM., orgs. História oral: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.

ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues. Trabalhadores do Muru, o rio das cigarras. SOIHET, Rachel. História das Mulheres. Rio Branco: EDUFAC, 2005.

ANDRADE, Regina Marcia. Delírios e agruras do látex: o amazonas de 1880 a 1920. Dissertação de Mestrado. Ano de obtenção: 1991.

ASSUNÇÃO, Sandra; SILVA, Josué; SILVA, Adnilson. Lembranças do Lugar: O ser Seringueiro em Extrema RO. Revista Igarapé, Vol. 1, No 1 (2013).

BATALHA, Claudio. Os desafios atuais da História do Trabalho. Anos 90. Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, janeiro/dezembro 2006.

- BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: um pouco – antes e além depois*. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977.
- BRUNO, Regina. Sobre afetos e desigualdades de gênero: as assentadas dos grupos produtivos de mulheres. *ANTHROPOLÓGICAS*, ano 16, volume 23(1): 2012.
- CAMPOS, André Luiz Vieira. *Políticas Internacionais de Saúde na Era Vargas: o Serviço Especial de Saúde Pública.1942-1960*. Rio de Janeiro. Ed. Fiocruz.2006.
- CHEROBIM, M .—Trabalho e comércio nos seringais amazônicos .*Perspectivas*, São Paulo, 6:102-107, 1983.
- CORRÊA, Pedro Vasconcelos, OLIVEIRA Fernanda Costa, TADA, Iracema Neno Cecílio. A história oral de mulheres que viveram no seringal, *Psicologia em revista*, Belo Horizonte, v. 21, n. 3, p. 430-447, dez. 2015.
- CUNHA, Euclides da. *À margem da história*. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- DAUPHIN, Célia, FARGE, Arlette, PERROT,M..A história das mulheres. *Cultura e Poder das Mulheres: Ensaio de Historiografia*. Tradução de Rachel Soihet. Rosana M. A. Soares e Suely Gomes Costa. *Gênero. NUTEG- Núcleo Transdisciplinar dos Estudos de Gênero*. 2º. Sem 2001- vol.2, n.1(2 sem 200), Niterói : Ed. UFF,2000.
- DIAS, Edinea Mascarenhas. *A ilusão do fausto: Manaus, 1890-1920*. Manaus: Valer, 1999.
- FERREIRA, Maria Liége Freitas. *Mulheres no Seringal: submissão, resistência, saberes e práticas (1940-1945)*. VIII Simpósio Internacional Processo Civilizador, História e Educação. Paraíba, 2004.
- FILHO, Cosme Ferreira. *Amazônia em novas dimensões*. Manaus: Conquista, 1961. Pag 266. In: LEAL, Davi Avelino. *Por uma arqueologia dos seringais*. *Canoa do tempo (UFAM)*, v. 1, p. 205-2201, 2007.
- FIGUEIRA, Ricardo Rezende. *Por que o trabalho escravo?* . *Estudos avançados*. vol.14 no.38 São Paulo Jan./Apr. 2000.
- GARFIELD,Seth. *A Amazônia no imaginário norte-americano em tempo de guerra*. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 29, nº 57, 2009.
- FILHO, Fadel David Antonio. *Riqueza e miséria do ciclo da borracha na Amazônia brasileira: um olhar geográfico por intermédio de Euclides da Cunha*. GODOY, PRT., org. *História do pensamento geográfico e epistemologia em Geografia*[online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica,2010. 289 p. ISBN 978-85-7983-127-0. Available from SciELO Books <http://books.scielo.org>.

FURTADO, Celso. Formação Econômica do Brasil. 24 cd. São Paulo, Editora Nacional, 1991.

GODY, Paulo R. Teixeira. Riqueza e Miséria do Ciclo da Borracha na Amazônia Brasileira: Um Olhar Geográfico por Intermédio de Euclides da Cunha. In: Paulo R. Teixeira de Godoy. (Org.). História do Pensamento Geográfico e Epistemologia em Geografia. 01ed. São Paulo (SP): Cultura Acadêmica/Editora Unesp, 2010, v. 01.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. A Batalha da Borracha: propaganda política e migração nordestina para a Amazônia durante o Estado Novo. Revista de Sociologia e Política. n° 9, 1997.

HOMMA, Alfredo, MENEZES, Antônio. Avaliação de uma indústria beneficiadora de castanha- do- para, na microrregião de Cametá. Estado do Pará. In Extrativismo vegetal na Amazônia : história, ecologia, economia e domesticação /editor técnico, Alfredo Kingo Oyama Homma. – Brasília, DF : Embrapa, 2014.

JÚNIOR, Francisco Pereira e GARVÃO, Rodrigo Fraga. Economia e política na Amazônia brasileira (séculos XIX e XX). Revista Estudos Amazônicos • vol. IX, n° 1 (2013).

LAGE, Mônica Maria Lopes. Mulher e Seringal: Um olhar sobre as mulheres nos seringais do Amazonas (1880-1920). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.

LIMA, Frederico Alexandre de Oliveira. Soldados da Borracha, das vivências do passado às lutas contemporâneas. Dissertação de mestrado. Ufam: Manaus, 2013.

MEDEIROS FILHO, João; SOUZA, Itamar. Os Degredados Filhos da Seca. Petrópolis, Vozes, 1984.

MCGRATH, David. Parceiros no Crime: regatão e a resistência cabocla na Amazônia tradicional. Novos Cadernos NAEA vol. 2, n° 2 - dezembro 1999.

LINDEN, Marcel Van. Por que escravidão? In Trabalhadores do Mundo: Ensaio para uma historiografia global do trabalho. Editora Unicamp. 2013.

MARQUES, Gilberto S. REVISTA Soc. Bras. Economia Política, São Paulo, n° 34, p. 163-198, fevereiro 2013 Gilberto S. Marques.

MIRANDA, Gabriela Alves. Doutores da Batalha da Borracha: os médicos do Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA) e o recrutamento de trabalhadores para os seringais em tempo de guerra (1942-1943) / Gabriela Alves Miranda – Rio de Janeiro: [s.n.], 2013.

MORGA, Antonio Emilio e LAGE, Mônica Maria Lopes. Mulheres nos Seringais do Amazonas: sociabilidade e cotidiano. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, Ponta Grossa, v. 6, n. 1, p. 91 - 104, jan. / jul. 2015.

NASCIMENTO, Maria das Graças. O Trabalho silencioso da mulher no interior da Floresta Amazônica. *Revista de Educação, Cultura e Meio Ambiente- Março*. - Nº 11, Vol. II, 1998.

NEGREIROS, Marcelus Antônio Motta Prado. Trajetórias e memórias sobre a saúde dos Soldados da Borracha em Seringais do Acre. Tese(Doutorado em Ciências). Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde.São Paulo, 2011.

OLIVEIRA, Nilda Nazaré Pereira. A Borracha da Amazônia, os Acordos de Washington e a Política Externa brasileira. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22., 2003, João Pessoa. *Anais do XXII Simpósio Nacional de História: História, acontecimento e narrativa*. João Pessoa: ANPUH, 2003.

OLIVEIRA, Wesley Pereira e TRINDADE, Jose Raimundo Barreto. Borracha, Nordeste e Floresta: a Economia e a Sociedade Amazônica nos dois ciclos Gomíferos. *Cadernos CEPEC*. V. 1 N. 1 fevereiro de 2012.

PEREIRA, Marcelo Souza. Servidão Humana na Selva: o aviamento e o barracão no seringal da Amazônia. *Somanlu*, ano 12, n. 1, jan./jun. 2012.

PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. São Paulo, editora Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros*. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 4ª.Ed , 1988.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. Filhas das Matas: práticas e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantina. (CIP) UFPA, Belém: Açaí, 2010.p.p.124,136.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Revista Estudos Históricos*, Vol. 5, Nº 10 (1992).

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. *Projeto História*, São Paulo, (14) de fev. 1997.

PORTELLI, Alessandro. História Oral e Poder. Conferência no XXV Simpósio Nacional da ANPUH, Fortaleza, 2009.

PORTELLI, Alessandro (I). O que faz a história oral diferente. in *Projeto História – Cultura e Representação*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História. SP: Educ. Fevereiro/1997.

PRATES, Rodolfo Coelho e BACHA, Carlos José Caetano. Economia e Sociedade, Campinas, v. 20, n. 3 (43), p. 601-636, dez. 2011.

PRAIA, Benta Litaiff. Meninas nos Mundos do Trabalho Feminino: Outras Imagens da Manaus da Borracha (1910-1930). In *Gênero e Imprensa na História do Amazonas/ Organização de Maria Luiza Ugarte*. Manaus: EDUA, 2014.

RAGO, Margareth. A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade.. Campinas: Unicamp, 2013.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. O seringal e o seringueiro. 2º Ed. ver. Manaus. Editora da Universidade do Amazonas- Governo do Estado do Amazonas, 1997.

SANTOS, Antonio Cesar de Almeida. Fontes orais: testemunhos, trajetórias de vida e história. Curitiba: DAP, 2005.

SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. O genius de uma economia: reflexões e propostas sobre o desenvolvimento da Amazônia. Populações Humanas e Desenvolvimento Amazônico. Belém: UFPA, 1989.

SANTOS, Silvino. No Paiz do Amazonas. Brasil, 1922. (72 minutos) Mudo. P&B.

SARAIVA, João Gilberto Neves. Todo Nordeste que Couber A gente Publica: O The New York Times e as Representações do Nordeste Brasileiro na Era da Política de Boa Vizinhaça. (1933-1945). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

SENA, Cristovam. Fordlândia: breve relato da presença americana na Amazônia. *Cad. hist. ciênc.* [online]. 2008, vol.4, n.2.

SENA, Odenildo. A engenharia do Texto: um caminho rumo á prática da boa redação. Manaus: EDUA\ FAPEAM, 2005.

SECRETO, Maria Verônica. Soldados da Borracha: Trabalhadores entre o Sertão e a Amazônia no Governo Vargas. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo. 2007. Soldados da Borracha.

SOIHET, Rachel e PEDRO, Joana Maria. “A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero”. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, nº 54, jul – dez. 2007.

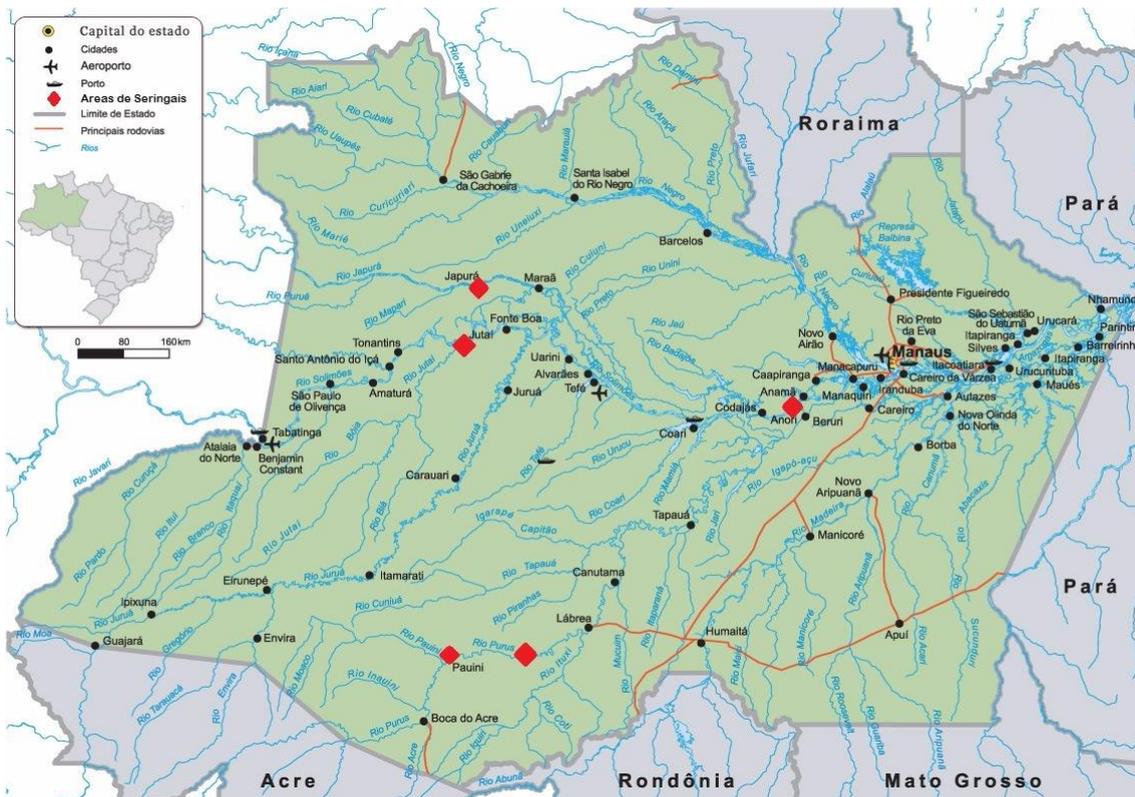
SOIHET, R. História das Mulheres e História de Gênero - um depoimento. *Cadernos Pagu (UNICAMP)*, Campinas/ São Paulo, v. 11, 1998.

SOUZA, Carlos Alberto Alves. “Varadouros da Liberdade”: Cultura e trabalho entre os trabalhadores seringueiros do Acre. *Projeto História*, São Paulo, (16) de fev. 1998.

SOUZA, Carlos Alberto Alves. Aquirianas: mulheres da floresta na história do Acre. Rio Branco: instituto de Pesquisa, Ensino e de Estudos das Culturas Amazônicas, 2010.

- SHANLEY, Patrícia. Frutíferas e Plantas Úteis na Vida Amazônica. Belém: CIFOR, Imazon, 2005.
- TEXEIRA, Carlos Correia. Servidão Humana na Selva: O Aviamento e o Barracão nos Seringais da Amazônia. Manaus, editora Valer/ Edua, 2009.
- UGARTE, Maria Luiza. Nos Meandros da Cidade: Cotidiano e Trabalho na Manaus da Borracha, 1880-1920 .ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005.p 2
- UGARTE, Maria Luiza. Folhas do Norte: Letramento e periodismo no Amazonas(1880-1920). Tese de doutorado(doutorado em História- PUC) Pontifícia Universidade Católica- São Paulo. 2001.
- AUN, Yara Maria. A pesquisa em História. 3. Ed. São Paulo: Ática, 1995.
- WOLFF, Cristina Scheibe. Mulheres da Floresta: uma história: Alto Juruá, Acre(1890-1945). São Paulo: Hucitec, 1999.
- WEINSTEIN, Barbara. A borracha na Amazônia: Expansão e Decadência(1850-1920). Editora Hucitec, Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1993.
- WOORTMANN, Ellen .Família, Mulher e Meio Ambiente no Seringal. In: Ana Maria Niemayer; Emilia Pietrafeza Godoi. (Org.). Além dos Territórios: por uma troca entre a etnologia Indígena. Os estudos rurais e estudos urbanos. São Paulo: Editora Mercado das Letras, 1998.
- VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo, PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha Peixoto; KHOURY Yara Maria Aun. A Pesquisa em História. ed São Paulo: Ática, 2000.

Anexos Mapas:



Mapa da Amazônia Legal, com a localização dos seringais onde as trabalhadoras moravam²⁹⁵.

²⁹⁵ Fonte: Guia Geográfico - Página consultada em 15 de Fevereiro de 2017 - <http://www.guiageo.com/amazonas.htm>.



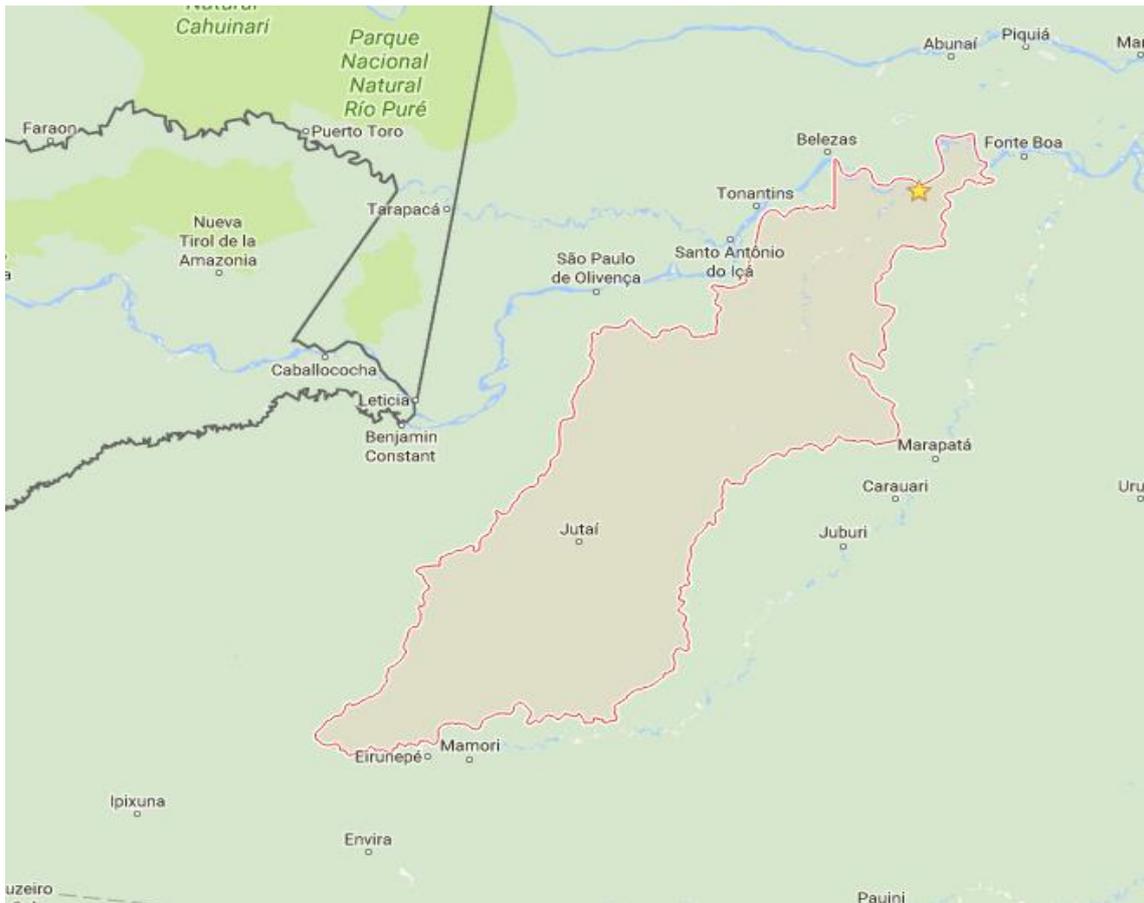
Mapa da região do Anori²⁹⁶

²⁹⁶ Fonte Página consultada em 15 de Fevereiro de 2017 - <https://www.google.com.br/maps/place/Anori++AM/@4.1540195,63.3035115,8z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x9214dc3be59b537b:0x7585e4d1b8aa27a5!8m2!3d-3.7979302!4d-61.6070583>



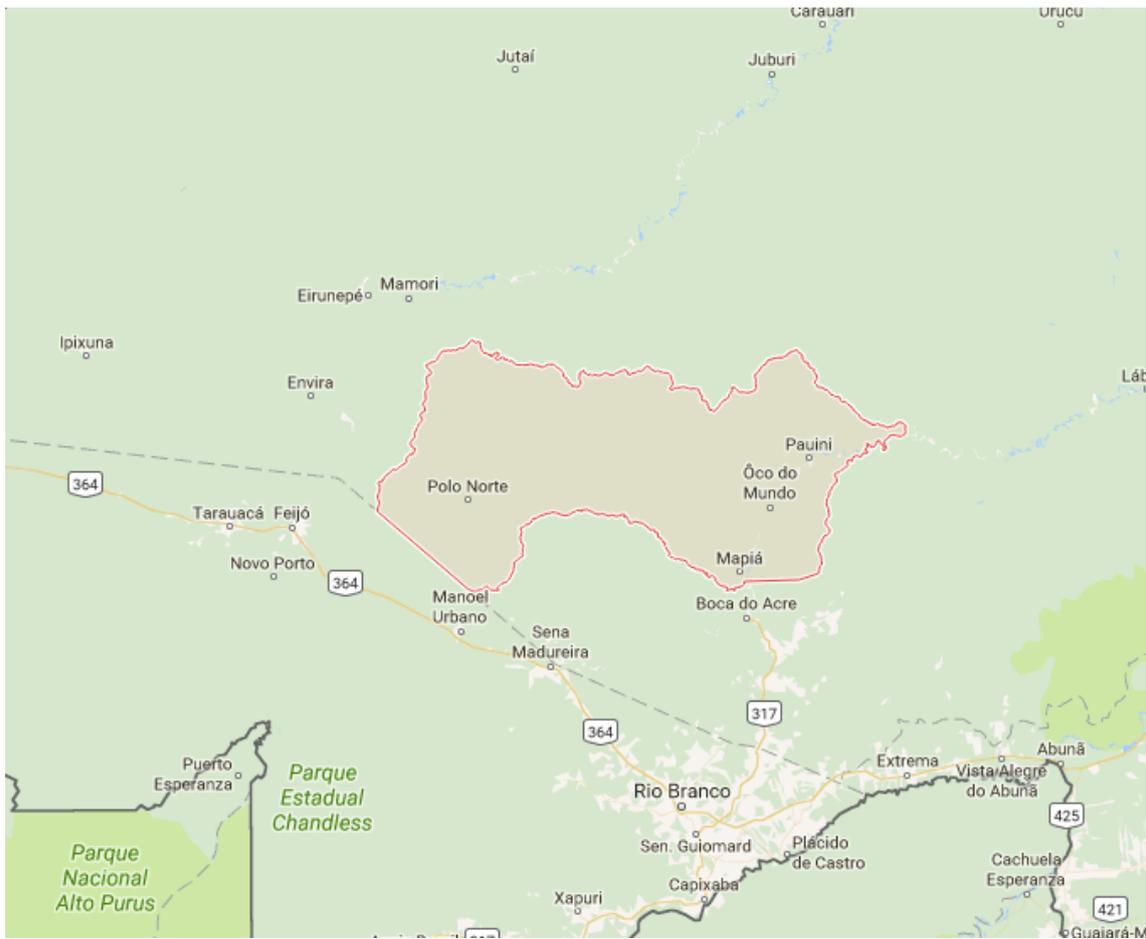
Mapa da região do Japurá²⁹⁷

²⁹⁷ Fonte Página consultada em 15 de Fevereiro de 2017 - <https://www.google.com.br/maps/place/Japur%C3%A1+-+AM/@-1.3859283,-69.1539654,8z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x9203030048b9b561:0xf694d3f6a3667860!8m2!3d-1.8827204!4d-66.9295891>



Mapa da região do Jutai²⁹⁸

²⁹⁸ Fonte Página consultada em 15 de Fevereiro de 2017 - <https://www.google.com.br/maps/place/Juta%C3%AD+++AM/@-4.5026497,-70.6782872,7z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x921d05a34eea001b:0xc1bdcbbc3330eab9!8m2!3d-4.4008685!4d-68.5247149>



Mapa da região do Pauini²⁹⁹

²⁹⁹Fonte Página consultada em 15 de Fevereiro de 2017 - <https://www.google.com.br/maps/place/Pauini+-+AM/@-7.7634187,-69.207734,8z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x9187ac775f752275:0x931666045e308345!8m2!3d-7.7291953!4d-68.3339275>.



Mapa da região do Purus³⁰⁰

Anexos:

Imagens do Relatório de Administração da SESP. Serie Organização e Funcionamento. 1944. p. s/n – Departamento de Arquivo e Documentação, Fiocruz, Rio de Janeiro.

Vista Externa de um Conjunto de Casas Típicas de Madeira. Breves.

³⁰⁰ Fonte Página consultada em 15 de Fevereiro de 2017 - <https://www.google.com.br/maps/search/Purus+Amazonas/@-7.7382041,-72.6000555,6z/data=!3m1!4b1>.



Vista das Redes em que Dormem Imigrantes, a Bordo.



Uma Lancha do Serviço da SESP em Igapó - Floresta Inundada. Santarém.



**Imagem disponível no Arquivo da Secretaria de Estado de Cultura e Gerencia de Acervos
Digitais, na cidade de Manaus:**



**Mulher realizando venda de sua mercadoria para os barcos que
navegavam próximos aos seringais**